

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman has long brown hair and is wearing a black strap top. The man has dark hair and a beard. They are both looking at each other with soft expressions. The background is a blurred blue and white pattern.

Negócio fechado

Família Villazza, livro I

J. MARQUESI



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Negócio
fechado

Família Villazza, livro I

J. MARQUESI

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Copyright © 2017 J. Marquesi

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos

descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança

com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte

dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



À minha mãe, com quem aprendi a
amar e a respeitar os livros de romance.

NACIONAIS - ACHERON



Há certas situações na vida da gente que não têm explicação, e eu digo isso com conhecimento de causa, pois, há alguns anos, eu tinha uma vida que poderia ter sido considerada perfeita, mesmo eu sendo uma menina comum numa família de classe média.

Porém, tempos de calma podem

NACIONAIS - ACHERON

prenunciar tempos de pura turbulência, e foi isso que aconteceu comigo. De repente, aquela menina que só conhecia a felicidade descobriu que a história da gente não é construída somente com risadas.

Assim, posso dizer e precisar o momento em que minha sorte virou completamente.

Eu tinha 12 anos, estava confusa, rebelde e entrava em embates constantes com meus pais, até que minha mãe, um dia, saiu para trabalhar e não voltou. Não, ela não nos abandonou; infelizmente, a violência de nossa cidade fez mais uma vítima naquele dia e, para nosso profundo pesar, não era uma vítima anônima, era a esposa amada do meu pai e minha mãe querida.

Ficamos só ele e eu para aprendermos a lidar com a vida da forma com que minha mãe gostaria. Tornamo-nos

PERIGOSAS

inseparáveis, e ele esteve presente nos momentos mais tristes e felizes da minha adolescência.

Foi ele quem me consolou quando tive meu coração partido pela primeira vez; foi ele quem reuniu meus amigos para uma festa surpresa quando completei 15 anos; quem me buscou numa festa quando eu estava bêbada demais para voltar sozinha; quem esteve representando minha família quando me formei no ensino médio. Ele era a única pessoa que eu tinha, meu pai.

E eu sempre enchia meu peito de orgulho ao falar dele para quem quer que fosse. Ele dizia que eu tinha um futuro brilhante pela frente e quase chorou quando passei no vestibular para cursar a faculdade de Direito. Dizia que eu teria as oportunidades que nem ele, nem minha mãe tiveram.

O sonho da minha mãe era ser

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

advogada, e ela trabalhou em um escritório como secretária durante alguns anos, mas nossa situação financeira não permitia que ela realizasse o sonho de estudar. Então, eu ter entrado na faculdade para ser uma futura advogada enchia meu pai de orgulho.

Eu respiro fundo ao me lembrar do meu pai, ao pensar no que ele estaria sentindo nesse momento, vendo-me assim, sentada num banco da praça de alimentação do shopping, com um jornal aberto nos classificados e desanimada, triste por não ter conseguido realizar os sonhos dele.

Um casal de idosos sentados à minha frente me olha notando a tristeza e as lágrimas que caem dos meus olhos. Eu sorrio triste para eles, tentando parecer bem. Eu tenho que estar bem, porque eu preciso seguir em frente.

Fecho os olhos e penso em papai de novo. Eu o enterrei há algumas semanas e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mal tive tempo para estar triste por ele. Tinham tantas coisas para eu resolver dentro e fora da minha casa que eu não consegui parar para digerir a dor da perda.

Eu quero tentar me lembrar dele como eu estava fazendo há pouco, pensando nos momentos bons, nas alegrias, no orgulho, nas risadas. Não quero pensar nos últimos três anos, nem nas últimas semanas, porque eu tenho certeza de que ele não gostaria que eu o fizesse.

O Senhor José Henrique dos Santos era um homem muito orgulhoso, e eu gostaria de preservar o orgulho dele, mesmo em pensamento. Lembrar somente que ele era um dos melhores, quiçá o melhor, e mais honesto taxista que o Rio já teve. Ele amava dirigir, conhecer pessoas e fazer amigos. Lembrar-me de quando ele me levava para o ponto de táxi, próximo ao Copacabana Palace, e eu fingia ser uma

NACIONAIS - ACHERON

estrela de cinema hospedada em uma das *Penthouses*¹ e pedia a ele que me levasse pelos locais turísticos da cidade.

Suspiro com um sorriso de saudade no rosto. Eu amo muito essas lembranças e ainda não sei como vou conseguir viver sem mais momentos como aqueles. Ele foi o melhor pai que uma garotinha poderia ter, e eu lhe disse essas palavras antes que ele desse o último suspiro.

Limpo um lado do meu rosto encharcado pelas lágrimas. Meu pai, meu amado pai, foi-se para sempre.

— Marina? — escuto alguém chamar meu nome. Abro os olhos e vejo uma senhora cujas feições não me são estranhas.

— Sim?

Ela se senta à minha mesa parecendo preocupada.

— Você está bem? — Olha meu

PERIGOSAS

rosto fixamente.

Com certeza eu devo estar pior que um espantalho! Eu passei o dia inteiro andando debaixo de um sol inclemente, com uma sensação térmica igual à do inferno, com saltos, maquiagem e uma esperança de conseguir um emprego.

Provavelmente, o que ela vê quando me olha é uma mulher chorona, com a maquiagem toda borrada e os cabelos se soltando de um tosco coque em cima da cabeça.

— Estou — digo ao tentar limpar o rosto. — Desculpe, mas a senhora é...?

Ela ri, e eu tenho a lembrança sonora dessa risada.

— Tia Cidinha! — fala animada, como se eu pudesse me lembrar apenas por seu apelido. — Do Copacabana Palace! Você ia trabalhar com seu pai e ficava na porta do hotel...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ah, sim! A camareira que sempre me dava as balas que ficavam na recepção. Que coincidência!

— Sim! Quanto tempo... eu estava me lembrando daquela época...

Ela concorda com a cabeça, pesarosa.

— Meus sentimentos. Eu soube do seu pai. — Agradeço com um sorriso triste. — Há alguns anos que eu não a via, você se parece muito com sua mãe.

Ouvir isso me enche de orgulho, porque minha mãe era linda, por dentro e por fora, e eu quero muito seguir seus passos e ser uma pessoa de luz.

— Marina Morena! — Ela ri. — Seu pai amava seu nome.

— Caymmi, ele amava Caymmi²! — Boas lembranças passam pela minha mente. O som do carro tocando Caymmi ao fundo enquanto ele e eu íamos à Quinta da Boa

NACIONAIS - ACHERON

Vista.

— Eu te vi aqui, tão triste. Eu sei que a dor de perder um pai, ainda mais sendo seu único familiar, é triste, mas eu queria dizer que você não está sozinha, pode contar comigo.

— Obrigada! É bom saber que não estou só. — Sinto novas lágrimas rolarem. — Eu me sinto tão perdida!

Ela se levanta, senta-se ao meu lado e me abraça.

— Pode contar comigo, Marina. Eu não sou rica, mas a ajudarei no que puder. E quanto ao carinho, minha filha, estou à disposição para quantos abraços forem necessários.

Suas palavras, seus abraços e sua força me consolam. Sinto-me melhor agora que tenho alguém para falar.

— Eu andei o dia todo hoje, ontem e anteontem. Rodei todo o Méier, fui ao

PERIGOSAS

Centro, à Zona Sul, e nada! — Olho em seus olhos. — Eu não consigo um emprego!

Ela toma minhas mãos nas suas.

— Não desanime...

— Não posso desanimar. A senhora se lembra de quando meus pais compraram o nosso apartamento? Como meu pai me falava disso! Agora eu preciso mantê-lo, e ainda há as dívidas do hospital...

Não quero pensar na quantia que eu devo, não *posso* pensar nisso. Não havia leitos para a internação de papai em hospitais públicos, e eu, no meu desespero, internei-o num particular. Ele merecia o melhor, mas eu não pude dar a ele. As lembranças do segundo evento mais triste da minha vida me assolam.

Era um dia quente, próximo ao Carnaval, a cidade estava movimentada e papai tinha trabalhado a madrugada toda, mas ainda queria dobrar o turno. Porém, de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

repente, ele caiu no chão ao lado do táxi e foi levado às pressas para o Souza Aguiar.

Ele sofrera um AVC, um Acidente Vascular Cerebral. Depois de semanas internado, ele voltou para casa, mas nunca mais foi o mesmo. O homem alegre e forte não podia mais andar, nem falar.

Eu estava cursando o terceiro período do curso de Direito, mas tive que trancar a matrícula, pois, além da necessidade de cuidar do meu pai, eu não tinha mais como pagar as mensalidades, visto que a aposentadoria por invalidez, que ele passou a receber, mal cobria os gastos de seus remédios e da manutenção da casa.

E foi assim, três anos inteiros cuidando dele e o vendo pouco a pouco perder o brilho no olhar e a vida. Não tínhamos mais plano de saúde, não tínhamos mais carro, mas eu o levava às sessões de fisioterapia e às consultas com o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cardiologista e o neurologista.

Confesso que não foi fácil. Ele dependia completamente de mim, mas estava ali, presente, ao meu lado. Era com ele que eu conversava sobre o futuro, mesmo sem ter perspectiva alguma; eu queria continuar alimentando nossos sonhos e, assim, mantê-lo com esperança e ganas de viver.

No entanto, no último ano ele apresentou vários problemas, principalmente respiratórios, pneumonias seguidas, insuficiência respiratória — essa, fruto de muitos anos como fumante — e problemas gástricos por causa dos medicamentos.

Por fim, ele desenvolveu um quadro de embolia pulmonar, e foi isso que o levou para sempre. No fundo, eu sei que ele descansou, mas isso não diminui a dor de não o ter mais.

NACIONAIS - ACHERON

Agora, sozinha, sem nenhum familiar a quem recorrer, eu tenho que lutar contra meu luto para seguir adiante. Não tenho profissão, não tenho formação, não tenho experiência... *maldita experiência!*

— Sabe, Marina, eu trabalho na zona oeste agora, num hotel internacional de luxo bem no meio da área comercial da Barra da Tijuca. Eu vou conversar com alguns conhecidos e ver se posso te ajudar com algumas entrevistas.

Eu sorrio, sentindo que isso pode dar certo.

— Eu não sei como agradecer a ajuda! Eu aceito qualquer coisa que possa me auxiliar a sair dessa situação e prometo à senhora que serei exemplar...

Ela ri e toca minha bochecha.

— Marina Morena, não sou uma fada-madrinha, mas eu prometo que farei o máximo para conseguir que você realize

PERIGOSAS

esse sonho.

Pega um guardanapo e anota um número de telefone, e eu faço o mesmo, anotando o número do meu celular.

— Me liga daqui a alguns dias para me dar um retorno de suas tentativas; enquanto isso, eu vou tentar balançar a varinha lá na Zona Oeste. Se conseguir algo primeiro, te ligo! — Pisca e sorri. — Não desanime, nosso encontro hoje não foi por acaso.

E com essas palavras, ela se despede de mim e vai embora.

Eu faço uma oração de agradecimento. Meus pais sempre me ensinaram que há mais coisas a agradecer do que a pedir, então, sempre agradeço primeiro e depois, gentil e fervorosamente, peço.

Eu não me importo de trabalhar muito, desde que isso mantenha um teto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sobre minha cabeça e alimento em minha
mesa. *Por favor, por favor!*

NACIONAIS - ACHERON



Cidinha me liga quatro dias depois do nosso encontro no shopping para me contar que conseguiu uma entrevista de emprego no próprio hotel em que ela trabalha. A vaga é para camareira, e o serviço consiste em faxinar os quartos, arrumar as camas, limpar o banheiro e atender à governanta e ao mordomo no que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

solicitarem.

Meu coração dispara de alegria, pois eu realmente não me importo de trabalhar duro, quero apenas trabalhar e, com a crise que assola nosso país, conseguir um emprego que pague um salário razoável é como se fosse um milagre. Há dias eu tenho frequentado os bancos de empregos e as filas para entrevistas, e o que tenho notado é que as empresas estão extremamente seletivas com os funcionários, exigindo experiência e formação profissional para pagar um salário mínimo.

Eu faço minha oração de agradecimento. Sei que não pode ter sido obra do acaso aquele encontro com Cidinha no shopping. *Obrigada, pai!*

Olho a hora na tela do meu celular e espero o ônibus passar. É uma vantagem para mim ir trabalhar na Barra, porque o bairro onde resido, o Méier, tem acesso

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

rápido para a Linha Amarela, via expressa que faz ligação com a Zona Oeste, e saem ônibus para qualquer região da cidade do Terminal Rodoviário Américo Ayres, e o meu, especificamente, será o 692, direto para a Barra da Tijuca.

Embarco às 6h30 da manhã, e o coletivo ainda está razoavelmente vazio, pelo que, sinceramente, agradeço. Quem nunca andou num coletivo lotado, ônibus ou trem, num calorão de 40 graus, não sabe o que é se sentir como uma sardinha enlatada. Há promessas de melhorarem o sistema todo, incluindo nova frota com ar-condicionado, mas a maioria dos ônibus ainda não conta com tal comodidade.

Chego ao Terminal Alvorada e já saio correndo por entre as pessoas que estão esperando pelo embarque e outras que estão chegando para o trabalho, assim como eu. Confiro, mais uma vez, o endereço do hotel;

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tenho ainda que andar por algumas quadras até chegar lá. Meus passos são apressados, pois o horário marcado para a entrevista está previsto para as 8h30 da manhã, e com a demora no trajeto, já é próximo das 8h.

Faço uma anotação mental para pesquisar todos os horários e linhas de ônibus para esse local, pois eu não sei qual será o meu horário se eu for admitida, e se for pela manhã, eu terei que madrugar no ônibus.

De repente, uma enorme construção toda envidraçada aparece diante de mim. O prédio é alto, com o nome do hotel na fachada, no último andar, em letras luminosas. Na entrada, cuidadosamente planejada com um belo paisagismo, há uma porta dupla eletrônica, com o porteiro impecavelmente uniformizado em seu posto e alguns manobristas à espera dos hóspedes.

Sinto meu coração disparar ao me

NACIONAIS - ACHERON

lembrar da movimentação que via no Copacabana, anos atrás, quando meu pai ainda estava comigo e me levava para o ponto do táxi. Respiro fundo e vou até o porteiro solicitar informações, mas nem dou dois passos nessa direção e Cidinha aparece com seu uniforme de governanta e me arrasta por uma porta lateral.

— Bom dia, Marina! Que bom que você veio — diz entusiasmada.

— Bom dia, Dona Cidinha. Eu estou feliz em estar aqui e espero que tudo dê certo.

— Vai, sim, minha filha. Eu recomendei você para o subgerente, o Senhor Marcos. Ele é um senhor muito gentil.

— Há muitas concorrentes? — pergunto preocupada.

— Ainda não. As outras virão à tarde, mas como você é indicação de

funcionária — ri —, e não qualquer uma, veja bem, uma das mais antigas do ramo, ele marcou sua entrevista para um horário diferente.

Eu sorrio, tensa com o peso dessas palavras. Cidinha tem anos de experiência no ramo hoteleiro. Antes mesmo de estar neste hotel, relativamente novo, ela trabalhou anos como camareira no Copacabana e só veio para cá porque, além de cobrirem a oferta de salário do *Copa*, eles a promoveram à governanta.

Ela me leva para uma salinha, pede-me para aguardar e simplesmente some. Daqui eu consigo ver a movimentação dos “bastidores” de um hotel grande como este. Passam tantas camareiras, alguns carregadores de malas com seus carrinhos dourados e outros funcionários de quem eu não consigo saber a função pelo uniforme.

Eu passei a noite no

PERIGOSAS

meu computador pesquisando a hierarquia funcional de um hotel cinco estrelas como este. A quantidade e os tipos de funcionários me deixaram surpresa. Ainda não sei se é regra geral, mas se for, esse hotel deve ter centenas de funcionários. Eu espero ser mais uma a integrar o quadro.

Um senhor oriental grisalho aparece à porta da sala e sua expressão é de surpresa ao me ver sentada.

— Marina Morena dos Santos? — pergunta com sua voz doce.

— Sim. — Levanto-me. — Sou eu.

Ele caminha até onde estou e estende a mão direita para mim.

— Eu sou Marcos Hyatta. Por favor, queira me seguir.

Andamos por um corredor cheio de carrinhos de limpeza e alguns outros apetrechos. Ao fundo, ele abre uma porta, e eu posso ver uma mesa com cadeiras.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Respiro fundo e ensaio meu discurso de “não tenho experiência, mas muita força de vontade para aprender...”. *Por favor, paizinho!*

NACIONAIS - ACHERON



Olho-me no espelho pela última vez antes de sair do vestiário. Mentalmente vou conferindo todos os itens: coque no lugar — porque só Deus sabe como é difícil manter meus cabelos, lisos e pesados, presos —, maquiagem leve, unhas limpas, aparadas e com somente uma camada de *extra-brilho*, uniforme liso, limpo e com caimento certo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

no corpo – na altura dos joelhos – e tênis brancos com o bordado do hotel do lado de fora de cada pé.

Vejo que está tudo certo e relaxo, sabendo da importância de estar apresentável e de que Cidinha é tão dura comigo quanto é com as outras meninas quando se trata da apresentação correta.

Há mais de um ano eu trabalho na função de camareira e confesso que, no começo, foi muito duro acordar às 3h da manhã e conseguir fazer tudo lá no Méier para estar na Barra, vestida e arrumada, às 6h e encarar um dia inteiro de faxina em quartos, arrumação de camas, reclamações e pedidos de hóspedes e – o pior – limpeza dos banheiros.

Entretanto, como eu afirmei à Cidinha e mais tarde ao Senhor Hyatta, eu não tenho medo de trabalho duro, ainda mais depois de saber que, além de um bom

NACIONAIS - ACHERON

salário, eu iria receber outros benefícios como cartão alimentação e um plano de saúde.

— *Bora* lá, Moreninha! — Lídia passa e me dá um tapa no traseiro.

Eu rio, pois ela é assim desde que nos conhecemos. Não há pessoa mais bem-humorada e alto astral que Lídia, uma mineira de Governador Valadares que veio parar no Rio atrás de um namorado porralouca. Hoje eles não estão mais juntos, mas ela encontrou na comunidade de Rio das Pedras, aqui pertinho, uma família.

Vivian, mais uma das minhas novas amigas, passa por mim e se detém para me esperar. Ao contrário de Lídia, Vivi é mais tímida, porém detentora de um coração que não cabe no peito, além de ser a moça mais esforçada que eu conheço. Ela mora em Anchieta e acorda bem mais cedo que eu para estar no trabalho, mas chega com um

enorme sorriso no rosto. É casada e mãe de dois meninos, que ficam com a avó, mãe dela, pela manhã e depois vão para a escola à tarde.

Ela sai do trabalho todos os dias e vai para a escola, onde faz cursinho para a prova do ENEM para conseguir bolsa integral numa faculdade ou ingressar numa pública. Só depois que as aulas terminam, já de noite, ela volta para casa, fica um pouco com as crianças e o marido, faz a comida do dia seguinte e, por fim, vai descansar. Eu tenho muito orgulho de ser amiga dela e ver o quanto guerreira ela é, porque toda essa rotina não altera seu humor e, sempre que uma de nós precisa de ajuda, Vivi está lá para ajudar seja no que for.

— Hoje vai ser um dia daqueles, pois ficamos sabendo ontem que alguém vai ocupar a Presidencial — ela me informa enquanto caminhamos. — Parece alguém

importante, pois reservaram as duas suítes executivas que ficam ao lado dela.

— Será algum famoso? — pergunto curiosa.

— Não sei, o pessoal da fofoca ainda não nos passou os nomes. — Ri. — Mas sei, de antemão, que vem com uma equipe.

Entramos na fila de camareiras, à espera de Cidinha — Senhora Pereira, como todos a chamam aqui. Segundos se passam, e ela aparece, vestida em seu impecável tailleur, cabelos lindamente presos e uma pose de rainha.

— Bom dia, meninas. — Olha para cada uma, inspecionando o uniforme.

Eu já ouvi algumas meninas se referirem a ela como “Dragão Pereira”, mas como ela se tornou como uma pessoa da família para mim desde o dia em que nos reencontramos, eu não consigo ver a postura

PERIGOSAS

dela como sendo má, apenas disciplinada.

— Hoje estamos com o hotel com 70% de sua lotação total, mas não fiquem animadas, o final de semana promete! A equipe dos apartamentos Standard e Gold pode se dividir em trios e assumir suas funções, não há nenhuma recomendação para hoje. — Ela olha diretamente para mim. — Senhorita Santos, você fica. — Eu concordo com o peito em disparada por não saber do que se trata. — Eu tenho recomendações para a equipe dos andares Platinum e a da cobertura. — Ela vira a folha do bloco. — Hoje a Senhora Hermman chegará por volta das 14h... — Ouço alguém bufar. — E, como todos sabem, ela tem a estranha mania de “levar por engano” alguns itens da decoração das suítes onde se hospeda. — Ela olha para as três líderes dos andares Platinum. — Então, por favor, fiquem atentas. Se precisarem,

NACIONAIS - ACHERON

peguem o inventário na subgerência.

Elas concordam e saem. Cidinha parece tensa, o que não é normal para ela.

— Na cobertura, apenas a Suíte Executive 3 não estará sendo usada. As outras duas e a Presidencial serão ocupadas por um empresário do Sul e sua equipe. — Ela olha as anotações. — Eles estarão aqui pela tarde, serão três pessoas e permanecerão conosco durante cinco dias. — Lídia, que é a líder da cobertura, concorda com a cabeça, e eu ainda não sei por que estou aqui. Começo a me sentir tensa. — Santos, você ajudará as meninas com a cobertura. Tenho recomendações específicas sobre o que pode e o que não pode ser feito e usado nas suítes durante a estada do grupo. — Ela entrega uma folhinha a Lídia. — Siga todas as recomendações, porque senão vamos ter problemas. — Ela se aproxima e sussurra:

PERIGOSAS

— O cara é um babaca. — E simplesmente dá as costas, deixando-nos aqui, completamente surpresas com essa confissão.

Lídia gargalha, e Vivi a repreende.

— Morena, você está conosco! Bem-vinda ao grupo das VIC's. — Lídia me dá uma piscada, indo em direção ao seu carrinho.

— VIC's? — eu pergunto a Alice.

— *Very Important Camareira*³. — Ela ri muito. — A Elite do Haldon!

As duas fazem um belo *high five* e depois batem as bundas.

Eu olho para Vivi, que sorri para mim enquanto as outras duas vão conversando na frente. Eu balanço a cabeça, mas, no fundo, sinto-me muito bem por trabalhar o dia todo com elas, pois tenho certeza de que a experiência na cobertura será ótima para mim!

NACIONAIS - ACHERON

Subimos, como de costume, pelo elevador de serviço, e, ainda dentro dele, elas decidem que eu vou ter minha estreia na Suíte Presidencial. Eu sei que elas estão preparando algum tipo de pegadinha para mim, mas finjo não saber da maquinação.

Porém, basta a porta ser aberta para eu poder entender a brincadeira. A Suíte Presidencial é maior que meu apartamento!

— Sim, meu bem, é como um sonho! — Lídia entra munida com o aspirador de pó. — Limpe a baba antes de entrar, viu, Morena?!

Ouçó as outras três rindo e já começando o trabalho. Contudo, eu fico petrificada à porta, com medo de entrar naquele lugar suntuoso, com quadros de pintores renomados nas paredes e móveis de designers famosos.

Respiro fundo e empurro o carrinho para dentro do que parece ser a sala de estar,

ampla e decorada com extremo bom gosto. Poltronas estão posicionadas de modo a formarem um espaço em semicírculo em volta de uma linda mesa trabalhada em madeira. Imediatamente noto a orquídea em um vaso e confiro a terra, borrifando um pouco de água nela.

Eu amo plantas e aprendi isso com minha mãe, pois passei minha infância inteira vendo-a cuidar de suas suculentas, orquídeas e azaleias.

— Vamos, moça, não temos o dia todo! — Lídia me entrega um pano e me pede para limpar a poeira dos móveis.

Na sala, além das poltronas e da mesa, há também um aparador e um bar. Depois de limpar tudo, móveis e objetos de decoração, vou até a sala de jantar. *Deus! Como não suspirar dentro deste lugar?* Eu quero perguntar, mas me contenho, porque as outras já estão tão acostumadas a toda

essa suntuosidade que parecem não notar os pequenos detalhes que vejo.

A mesa, com os pés de madeira e tampo de vidro, tem oito lugares, com cadeiras estofadas e de espaldar alto. Ao lado dela, há um buffet embutido em uma parede completamente espelhada, com os espelhos dispostos como se fossem quadros, todos em composição. O aparador segue o mesmo desenho dos pés da mesa.

Mais uma vez molho uma planta, dessa vez a que está em cima do aparador e, se não me engano, é uma peônia. Noto um vaso de cristal Baccarat vazio no centro da mesa e penso que, provavelmente, está aguardando a entrega de flores em um arranjo.

Eu conheço a paisagista do hotel, e ela é extremamente talentosa com seus arranjos florais. Suspiro imaginando o efeito que terá um belo arranjo em cima dessa

PERIGOSAS

mesa incrível com a suave iluminação dos pendentess de cristal da luminária. Concentro-me no trabalho, pois eu não tenho muito tempo e ainda preciso limpar o quarto e o closet.

Lídia está aspirando a sala, cada parte dela, até mesmo as cortinas, enquanto Vivi está lavando o banheiro e Alice está cuidando da roupa de cama e das toalhas. Vejo uma porta bem disfarçada ao fundo da sala de jantar. Tento abri-la, mas não consigo.

— Alguém tem a chave disso aqui?!
— grito.

— Só o Arantes! — Lídia grita de volta. — É a copa, depois vejo se ele abre para a gente!

Eu aquiesço e caminho na direção do quarto, já me preparando para segurar, mais uma vez, minha respiração. E não me decepçiono. Alice acabou de trocar os

NACIONAIS - ACHERON

lençóis de algodão egípcio 300 fios e está envelopando a cama com a colcha e colocando a manta nos pés e os travesseiros e almofadas na cabeceira. Ela abre as cortinas e a janela para circular um pouco de ar fresco, e eu vejo a vista das lagoas.

Limpo cada detalhe do quarto, e são muitos, obras de arte como pinturas e esculturas. De frente para a cama *king size* há uma televisão enorme. Os móveis, todos de madeira, são compostos por mesinhas de cabeceira — os criados-mudos —, há uma mesa redonda para duas pessoas, um aparador, uma poltrona e, aos pés da cama, uma calçadeira estofada com o mesmo tecido usado nas cadeiras e na poltrona.

— Vamos, meninas! Temos apenas mais alguns minutos para terminar aqui! — grita Lúcia.

Eu vou para o closet, e o que vejo, faz as minhas pernas tremerem. Paredes de

PERIGOSAS

armários de madeira com portas de vidro! *Isso é o sonho de qualquer mulher!* Busco o produto para limpar as vidraças, mas sou bloqueada.

— Não, nem pensar! — Lídia me dá um frasco de álcool. — Está na lista que devemos evitar qualquer produto de limpeza com perfumes ou com cheiros fortes. Parece que o *babaca* da Senhora Pereira é alérgico!

Meu trabalho vai ser mais demorado com o uso do álcool, mas como eu não quero ter problemas com ninguém, começo a esfregar os vidros a fim de deixá-los brilhando para o *babaca* apreciar.

Eu sei que não é uma coisa certa, mas não resisto e pego meu celular, escondido dentro do bolsinho no meu uniforme, e tiro uma foto minha dentro daquele armário. Ouço Lídia se aproximando e enfio o celular apressadamente dentro do bolso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Vamos para as Executives?

Eu apenas concordo e a sigo para longe desse quarto dos sonhos.

NACIONAIS - ACHERON



Já está quase na hora de encerrar o turno. Estamos colocando os materiais no almoxarifado e organizando os carrinhos para as meninas do próximo turno. No turno da noite o pessoal é reduzido, visto que a função dele é somente estar presente para emergências e para suprir toalhas e roupas de cama.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Como foi seu primeiro dia lá em cima? — Vivi me questiona.

— Fiquei deslumbrada com a Presidencial! Eu imaginava que seria linda, mas daquele jeito? É como um sonho poder dormir naquele lugar.

Ela ri e concorda.

— Quando eu a vi pela primeira vez, fiquei louca pelos armários. Mas você precisa vê-los cheios! É uma pena que serão as outras meninas que irão desfazer as malas...

— Eu fiquei imaginando quais seriam as grifes que encheriam aquele armário. É um homem de negócios que se hospedará lá, então teremos uma sucessão de ternos!

— Uma vez hospedamos uma cantora de jazz dos Estados Unidos, e ela tinha vestidos lindíssimos! — Ela se aproxima de mim para falar mais baixo: —

NACIONAIS - ACHERON

Um deles estava com a etiqueta ainda, e adivinhe, 30 mil dólares em um vestido!

Eu arregalo os olhos ao pensar naquela quantia em reais. É um mundo tão distante do meu que não parece ser real. Penso nas dívidas que eu levei um ano inteiro para quitar e no custo de manter o apartamento de 50 metros quadrados que meus pais me deixaram.

— Quando eu descobri que esse padrão de vida existia, me senti um lixo! — Lídia resolve entrar na conversa. — Eu chegava em casa puta da vida ao pensar que algumas mulheres compravam sapatos tão caros que eu precisaria de um ano inteiro de salário para comprar um par! Mas a gente se acostuma... Ainda mais depois do episódio com os Spencer, lembra, Alice?

— Se lembro! Tínhamos apenas um mês no Haldon, e esse casal se hospedou aqui. A mulher tinha tanta roupa e tantos

PERIGOSAS

acessórios que quase não couberam nos armários do closet. Mas, quase no fim da estada, a bichinha apareceu com um baita olho roxo!

Eu arregalo os olhos.

— Além de aguentar aquele marido água de salsicha, gordo e sem educação, ela ainda apanhava do homem. Tinha mais é que descontar sua tristeza nas compras mesmo!

— Ela tinha que denunciá-lo! — digo revoltada.

— Dificilmente você verá um figurão enquadrado pela Maria da Penha, meu bem. Elas acham que compensam os hematomas com maquiagens caras, roupas e joias.

— Sem contar os amantes! — Alice acrescenta.

— Ah, sim! Os amantes...

As duas fazem seu cumprimento

NACIONAIS - ACHERON

favorito juntas e riem.

— Meninas, preciso correr, senão chego atrasada! Até amanhã. — Vivi sai correndo do vestiário com seus cadernos nos braços. — Ah, Marina, depois você me manda o número do dentista que você falou pelo *zapzap*. Tchau!

Eu levo a mão ao bolso embaixo do meu avental e percebo que meu celular não se encontra em seu esconderijo secreto. *Droga!* Eu fico nervosa e olho por todos os cantos do vestiário para ver se o encontro. O uso do celular é proibido nas dependências do hotel, mas algumas de nós, eu inclusive, gostam de trabalhar ouvindo música, então colocamos em modo avião e usamos fones de ouvido.

Será que perdi pelo caminho ou, pior, será que perdi dentro de alguma das suítes da cobertura? *Merda!*

— Lídia, eu preciso falar com você!

PERIGOSAS

— Arrasto-a para um canto. — Acho que perdi meu celular lá em cima.

— Porra, Marina! — Ela abaixa o tom de voz: — Tem que ter cuidado com essa merda, se descobrirem, podem te mandar embora! Vamos lá, ainda estou com o cartão de acesso.

Subimos o mais rápido possível até a cobertura. A todo tempo eu torço para que os hóspedes não tenham chegado, porque, se um deles entrega meu celular para alguém...

— Merda! — xingo, inconformada.

— Vamos achá-lo. Você olha lá na Presidencial, e eu vou olhar nas outras menores.

Ela a abre para mim, e eu entro com receio, olhando atentamente para ver se não há indícios do hóspede. Solto a respiração ao não ver nada e entro correndo em direção ao maldito closet, lembrando que tirei o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

celular do bolso para uma foto.

Minha testa sua debaixo da touca, e minha boca está seca, tamanho é o medo de ser mandada embora por causa de uma bobagem, então eu faço a promessa de que nunca mais irei carregar o celular escondido.

O closet está tão vazio quanto estava quando eu limpei os armários, apenas as luzes, que ficam embutidas nos móveis, estão acesas, e eu as desligo.

— Mais uma mancada minha! —
Abaixo-me no chão acarpetado e começo a olhar debaixo dos armários. — Aparece, maldito! — Começo a apelar: — São Longuinho, São Longuinho...

— Procurando isso?

Meu corpo inteiro estremece ao ouvir a voz rouca e sensual. Assim eu paraliso aqui, no chão do closet, de quatro, com a bunda virada para a porta. *Pooooorra!*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Levanto-me devagar, já esperando ser algum funcionário gráudo do hotel que está inspecionando o quarto ou então o *babaca* do hóspede cheio de “não me toques”. Quando o olho, o impacto que sinto pouco tem a ver com o medo que eu sentia há pouco. *Santa Mãe, de onde saiu esse deus?!*

O homem à minha frente é um espécime raro, com certeza, porque nunca antes eu vi algo parecido, nem no cinema! Sinto minhas pernas tremerem mais a cada instante em que olho para ele e percebo que sou incapaz de pronunciar uma só palavra nesse momento. Eu não consigo precisar se ele é bonito ou se há algo nele que chama minha atenção além de sua altura e do tamanho de seus ombros.

Ele está vestindo um terno cinza com camisa branca e uma gravata cuja cor não consigo definir – se cinza ou azul-claro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele deve medir mais de 1,90m, com certeza, e seu corpo, se o terno não estiver me enganando, é bem proporcionado em todos os lugares. Seu rosto, moreno e clássico, tem um nariz um pouco torto, lábios cheios e sensuais e uma barba bem-cuidada.

Eu olho pela primeira vez nos olhos dele. São claros, com sobrancelhas grossas e negras como seu cabelo. Noto que ele balança o braço chamando minha atenção e me esforço para focar no objeto pequeno e avariado que ele tem em sua enorme mão.

É o meu celular! *Suba seu cérebro de volta, sua louca, e pare de babar pelo homem! Foco!*

— Eu... — Aponto para o chão e para o aparelho. *Merda, idiota!*

Esse é um péssimo momento para me lembrar de que já faz anos que eu não me interesso por um cara e, por isso mesmo, não transo há séculos. *Oh, merda de*

NACIONAIS - ACHERON

calcinha de aço! Eu me esforço para voltar a raciocinar como uma pessoa normal e tirar a imagem daquela mão sobre o meu corpo, afinal, nem sei quem é esse homem.

— Tudo bem, não se preocupe com isso. — Ele chega perto de mim e me entrega o celular. — Seja mais cuidadosa no futuro... — E sai do closet como se eu não passasse de um incômodo. *Babaca!*

Não, para ser justa, ele não foi *tão* babaca assim, pois não me delatou e ainda me entregou meu obsoleto aparelho. Além disso, ele não tem culpa de minha calcinha querer pular para fora do meu corpo só por vê-lo.

Olho com cuidado para ver se ele está próximo e, quando me sinto segura, saio correndo do closet, não sem antes dar uma espiada no quarto para vê-lo mais uma vez, mas não tenho êxito, e o pior, bato de frente com alguém. *Merda dupla!*

PERIGOSAS

Outro homem me olha assustado com minha presença, mas assim que ele toma conhecimento de meu uniforme, sua atitude muda radicalmente.

— Coisinha desastrada, você sabia que eles te pagam para ser invisível? — Olha-me de cima até embaixo. — Serviço carioca... lamentável!

Olho para o “alemão” — sim, porque definitivamente esse bicho da goiaba escroto que me olha com nojo pode ser confundido com um, de tão branco e loiro. *Filhotinho de nazista!*

— Desculpe-me — tento parecer humilde e arrependida e saio do quarto o mais rápido possível.

No corredor, encontro-me com uma Lídia tensa e andando de um lado para o outro.

— Achou? Alguém te viu?

— Sim para as duas perguntas —

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

digo arrastando-a para o elevador de serviço.

— E?

— Tive uma visão do céu e do inferno ao mesmo tempo!



Hoje a notícia de que um gostoso se hospedou ontem na cobertura se espalhou graças a Lídia, e eu tive que descrever o homem nos mínimos detalhes às outras meninas e a alguns meninos que trabalham no hotel. A vontade de perguntar se alguém sabe quem é quem entre o deus bonzinho e o diabo louro é enorme, mas não questionei

NACIONAIS - ACHERON

ninguém sobre eles até o momento.

Vejo Cidinha vindo em nossa direção e sei que, se existe alguém que sabe o nome dos hóspedes, esse é ela, porém eu ainda preciso inventar uma desculpa para perguntar e, como não posso contar o episódio de ontem, não consigo pensar em nada que justifique a curiosidade.

— Bom dia, meninas! — E ela segue com o ritual de inspeção. — Vocês estão mais maquiadas hoje? — questiona, mas passa adiante, ao trabalho de dividir as tarefas e fazer as recomendações. — Santos, você volta para sua equipe hoje. — Meu ânimo cai ao chão ao ouvir isso. *Merda! Agora que conheço o paraíso? Será que alguém fez alguma queixa?* Decido aguardar para falar com ela. — Munhoz e Rodrigues, hoje vocês vão ajudar na tinturaria, tivemos alguns problemas por lá e vocês têm experiência. Não me foi

reportado nenhum problema lá na Platinum C, então vocês podem ir. — Ela olha para o grupo, percebe minha presença ainda por aqui, mas continua sua leitura: — Cobertura: o Senhor Baden se queixou das orquídeas na Presidencial e pediu que as substituíssemos. O Senhor Hyatta solicitou que Livia passe por lá daqui a duas horas, pois os hóspedes ainda não desceram. Eu quero que vocês redobrem os cuidados na limpeza da Presidencial e da Executive 1. — Finalmente me olha. — Algum problema, Santos?

— Não, Senhora Pereira, eu só pensei que estivesse na equipe da cobertura...

— Isso foi ontem, hoje você volta a integrar a sua, como eu já havia anunciado.

Eu concordo e me despeço das meninas. Escuto Cidinha passando mais instruções e vou preparando meu carrinho

para subir. Primeiro vou limpar as suítes que ainda estão vazias e depois, à medida que os hóspedes forem fazendo check-out, vou limpando as outras. Então, tudo tem que estar previsto para que eu não tenha que ficar descendo ao almoxarifado o dia todo e perder tempo.

— Marina! — ouço Cidinha me chamar pelo meu nome, não sobrenome, então a conversa vai ser mais descontraída. — Eu achei melhor te reintegrar na equipe, mas se for preciso, te ponho lá em cima de novo. — Eu concordo. — O que achou das acomodações de luxo?

— Lindas! Eu fiquei encantada.

— São tão bonitas quanto as do *Copa*, pode ter certeza. — Ela me dá uma piscadinha e assume seu papel. — Mas vá trabalhar, porque as outras já devem estar limpando.

Eu vou na direção do elevador, um

pouco chateada por não estar com as minhas amigas, mas eu sei que meu lugar é na Standard e não na Presidencial.

No final do dia, já no ponto do ônibus, na enorme fila para o embarque, eu escuto meu telefone tocar e sinto uma enorme alegria ao ver que é Clarissa quem me chama. Ela e eu estudávamos juntas na faculdade de Direito e fizemos amizade logo nos primeiros dias de aula.

Clarissa Rios, loira, alta e vibrante. Filha do dono de uma rede de lojas de eletrodomésticos, um tanto rebelde, não gostava muito de estudar e fazia Direito porque o pai a estava obrigando. Todavia, acima de tudo, ela era uma pessoa simples e muito amiga, e foi por isso que nos aproximamos.

— Clarissa! — atendo animada. Tenho saudades das nossas conversas, pois

só temos conversado rapidamente nas redes sociais ou por mensagem.

— Marina, finalmente consigo falar com você! Liguei o dia inteiro, e seu celular só está na caixa de mensagem.

— No trabalho não posso usar, Clarissa, esqueceu que lhe disse isso? — Rio, lembrando que a maluquinha tem a cabeça mais “voada” que eu conheço.

— Ainda não me conformo por você não ter se lembrado de me pedir ajuda! Meu pai te arranjará algo, com certeza!

Eu rolo meus olhos só ao pensar em trabalhar com Nassib. Eu ainda me lembro muito bem das cantadas indecentes que ele me passou quando eu estava na casa deles com a Clarissa. Com certeza não é o tipo de patrão que eu gostaria de ter e muito menos é o tipo de homem a quem se possa pedir um favor.

— Eu estou bem trabalhando no

Haldon, não se preocupe! Mas me diga o motivo de tanta urgência em falar comigo.

— Meu aniversário, sua louca! — Ri animada. — Fechei a área VIP da Storm na Barra, você tem que ir!

Eu tento lembrar o que é a Storm. Ah, sim, uma boate badaladíssima que foi aberta recentemente aqui no bairro. E ela fechou a área VIP? Penso que, com certeza, eu não tenho nada adequado para frequentar aquele lugar, pois não compro roupas há meses.

— Eu não sei, quando será?

— Hoje! Por isso a urgência. Eu te mandei mensagem, mas você nem a recebeu ainda.

Pois é, eu estou sem internet no celular e descobri isso quando tentei mandar o número do dentista para Vivi. Ainda não tive tempo para ir até uma loja da operadora e ver o que eu poderei fazer para aumentar

PERIGOSAS

meu plano, e em casa eu cortei todos os custos que achava supérfluo, como TV a cabo e internet. A minha intenção é conseguir voltar a estudar e, para isso, eu preciso poupar o máximo que conseguir.

— Eu não quero ouvir um não, entendeu? — Clarissa soa brava. — Das outras vezes eu entendi que você tinha seu pai para cuidar, e depois tudo o que se seguiu...

Eu tento não pensar mais naqueles dias tão difíceis, principalmente no dia do funeral.

Sim, ela está certa! Já é tempo de sair do casulo em que eu estive durante todos esses anos, afinal, tenho apenas 24 anos, e na última vez em que saí para me divertir eu ainda estava com 20, ou seja, há quatro anos! Penso com dó no meu cofrinho, sabendo que terei que sacrificar algumas economias por algumas roupas

NACIONAIS - ACHERON

novas.

Escuto um carro buzinando na rua e olho pela janela do meu quarto, somente para ter certeza de que é Clarissa, porque nenhum ser normal buzalaria um *pampam ramramram pampam* para alertar um pedestre ou um carro.

Checo pela milésima vez a minha aparência e fico satisfeita com o que vejo. Sempre me disseram que sou bonita, embora eu me ache muito normal, pois tenho a pele morena, cabelos negros e olhos castanhos. A única coisa que acho que me destaca de verdade são os meus cabelos, por serem lisos e pesados e eu usá-los bem longos.

Lembro que, quando criança, eu só saía fantasiada de índia no carnaval, e meu pai adorava me contar histórias – inventadas – de que eu realmente era uma indiazinha

PERIGOSAS

que ele achara abandonada à sua porta.

Ao pensar nele, paro de frente ao mural de fotos no corredor e me vejo com cocar e tanga, rosto pintado, sorriso faltando um dente e cabelo com franja, feliz, segura e amada como toda criança deveria ser. Passo a mão na foto, saudosa da felicidade daquele tempo, quando eu tinha junto a mim meu pai e minha mãe.

Beijo dois dedos de minha mão e encosto cada um em cima das imagens deles ao lado da minha na foto. Faço isso constantemente, pois me consola, faz-me sentir que eles ainda estão aqui comigo, tirando toda a sensação de solidão que sinto neste apartamento vazio. *Amo vocês mais que a tudo no mundo!*

Escuto a buzina de novo e saio correndo, conferindo minha roupa pelo corredor do prédio e descendo as escadas, porque mais uma vez estamos sem elevador.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Optei pelo básico, assim estou vestindo calça preta justa e uma *cropped* preta que se amarra no meu pescoço, com cava americana. Coloquei argolas douradas e calcei sandálias bem altas. Sinto-me mais mulher quando estou mais alta, embora não possa ser considerada baixa com 1,70 m de altura, porém aumentar mais dez centímetros me transforma em um mulherão.

Além disso, os anos que passei cuidando de papai e o trabalho no hotel secaram qualquer gordurinha que estivesse a mais no meu corpo, assim eu estou confortável em ter minha barriga de fora, mesmo sem nunca ter frequentado uma academia. Puxei à minha mãe e tenho um corpo bem equilibrado, seios médios, cintura fina, quadris arredondados e bumbum empinado. Meu único desgosto são as pernas, que eu acho que poderiam ser

NACIONAIS - ACHERON

mais grossas.

Chego cansada e já suando ao saguão do prédio e me lanço, correndo, para a calçada antes que Clarissa faça seu *buzinaço* de novo. Ela veio dirigindo seu *Mini*⁴ branco e lustroso, e eu concordo que ela combina muito com esse carro.

Clarissa abre a porta do carona sem descer e me abraça. Ela está linda, vestindo um macacão branco frente única e com um colar metálico bem grande. Está muito bem maquiada, com direito a cílios postiços e delineado gatinho. Eu sinto uma certa inveja por essa habilidade de se automaquiarmos, definitivamente eu não tenho esse dom. Maquiagem, para mim, se resume a quatro itens: lápis, máscara de cílios, *blush* e batom.

Conversamos durante todo o trajeto até a Barra, e ela me conta as novidades da faculdade. Sinto uma enorme nostalgia por

PERIGOSAS

estar perdendo isso tudo. É o último período de aulas, e eles já estão planejando a formatura, o baile e os convites. Ela me conta que não quer prestar o exame de Ordem dos Advogados, mas que o pai está insistindo. Eu parei no tempo, mas a vida continuou e, mais do que nunca, sinto que preciso voltar a estudar.

Chegamos, e a boate está lotada, mesmo ainda sendo sexta-feira. Eu imagino se aqui existem pessoas que, como eu, acordaram às 3h da manhã, então torço para não ficar bêbada de sono e cair adormecida em cima dessas banquetas brancas de couro, babando como um buldogue velho.

Penso na sorte que eu tive pela festa ser hoje, pois meu trabalho tem escala de três sábados trabalhados e um de folga e, para a glória dos Céus, amanhã é o meu sábado livre. Assim meu roteiro é, depois de chegar dessa balada, dormir o dia todo e, no

NACIONAIS - ACHERON

final da tarde, dar um passeio no shopping ou assistir a algum filme no cinema.

Um garçom me oferece uma bebida, e eu pego uma *caipivodka* de morango, tomando-a devagar, porque há muito tempo eu não bebo. Vejo que a área VIP já está cheia com os convidados de Clarissa. Alguns eu já conheço, e outros nunca vi. Sei que preciso me misturar, mas estou insegura por ter estado tanto tempo afastada.

Escuto uma gritaria infernal e vejo que alguns homens estão erguendo Clarissa nos braços e cantando, comemorando o aniversário dela. Acho graça na cena e por ver como ela não mudou nada nesses anos, sempre festeira. Sem ânimo para me enturmar, coloco meu copo vazio sobre uma mesa e resolvo ir ao banheiro.

A fila está grande, mas minha vontade de fazer xixi também, então não tenho opção senão esperar. Aproveito para

dar uma dançadinha bem básica mesmo enquanto estou aqui sem fazer nada. Eu simplesmente adoro dançar e amo a música que está tocando.

How deep is your love... Is it like the ocean?
— cantarolo enquanto danço, levantando meus braços e me soltando na dança, perdendo até a vontade de ir ao banheiro. Ah, como eu senti falta disso e como é bom poder dançar e me entregar à música, cantar alto, sem preocupação alguma.

Vejo a fila para o banheiro andar, mas continuo onde estou, apenas dançando e curtindo esse momento só meu. A música acaba, mas o DJ emenda com *This is what you came for*⁶, na belíssima voz da Rihanna, e eu continuo a dançar sem parar, olhos fechados, corpo balançando e braços para cima.

A parte mais alta – e a que eu mais
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

adoro da música – toca, e eu foco a esmo num homem próximo ao balcão do bar e aponto para ele cantando:

*Baby, this is what you came for,
Lightning strikes every time she move
And everybory's whatching her,
But she's looking at YOU...YOU...YO*

Ele se levanta, abandonando o copo, e começa a vir em minha direção. Não consigo vê-lo bem por causa da iluminação, mas pela atitude, ele parece ter entendido o recado da música. Eu viro-me de costas, ainda dançando, mas isso não o intimida, e ele enlaça minha cintura, dançando comigo o tempo todo.

Consigo sentir seu perfume, e é muito bom, amadeirado e cítrico ao mesmo tempo, e quando ele se abaixa para cantar ao meu ouvido, sinto sua barba roçando em

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meu pescoço. A voz dele cantando, rouca e sexy, arrepiava-me a coluna e me faz sentir como se estivéssemos fazendo algo mais do que simplesmente dançar. Ele suga o lóbulo da minha orelha, e solto um gemido descontrolado.

Uau! O que é isso, moço? Penso em me afastar, mas as reações do meu corpo são boas demais perto dele, e tem tanto tempo que não sinto nada parecido que me deixo levar pela música e por ele.

Suas mãos passeiam sobre meu abdômen nu, e eu sinto seu hálito quente em minha nuca. De repente, lá pelo meio da música, ele me aperta mais contra si, e eu consigo perceber quão alto ele é e o quanto essa situação está mexendo com ele da mesma forma com que mexe comigo. *Pelamor! Estamos excitados aqui, hein?*

Em outro momento, esse roçar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poderia ter me assustado e me deixado receosa, mas eu não sinto isso com ele, porque o mesmo se passa comigo. Não sei se estou sentindo isso tudo por estar carente ou se, realmente, meu corpo está reagindo ao dele como se nossas peles se comunicassem. É, sim, uma atração incrível e irresistível.

Ele se abaixa de novo e canta ao meu ouvido enquanto desliza a língua na minha orelha:

—

*I say “Your Place” when we leave.*⁸

Oops! Se meu parco inglês estiver correto, ele acaba de demonstrar querer ir mais além nessa noite, mas, embora eu esteja excitada, não sou louca de levar um completo desconhecido para casa. Solto-me dele sem deixar de dançar, olho-o e – *puta que pariu* – uma luz brilha sobre o seu rosto. O susto me faz parar de dançar na

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

hora.

NACIONAIS - ACHERON



Eu não posso acreditar no que vejo à minha frente! O homem misterioso que fez com que meu sangue circulasse mais rápido, que fez toda a minha pele se arrepiar e — *confesso* — deixou uma parte bem especial de mim pulsando e querendo, é ninguém mais, ninguém menos que o hóspede que encontrei na Suíte Presidencial ontem. *Mas*

NACIONAIS - ACHERON

que porra de coincidência é essa?

Ele me olha como um verdadeiro predador olharia sua presa, mas com um toque de desafio. Seu rosto, enfeitado com um sorriso malicioso, é ainda mais marcante do que eu me lembrava. Seu corpo... eu olho-o de cima a baixo, avaliando, aprovando, querendo... *Ai, meu santinho!*

A química que rola entre nós é intensa, coisa de pele mesmo, porque não sei o nome dele, não sei quem ele é, mas, para meu corpo traidor, nada disso importa. Ele se veste de forma casual, mas suas roupas são claramente de grife, pelo tecido e o caimento perfeito em seu corpo incrível. A calça escura não é justa no corpo, mas também não esconde a definição de suas coxas, e a camisa social modelo *slim fit* não deixa nada à imaginação. O tecido envolve seus braços, ajusta-se ao lindo peitoral e deixa claro que aquela é, com certeza, uma

barriga “tanquinho”.

De onde você veio?! Não é possível que um só homem reúna todos os atributos que atraem uma mulher, por isso sei que ele deve ter algum defeito, só pode.

Ele se aproxima quando a luz começa a piscar freneticamente ao som da música – que eu nem consigo saber qual é – e se encosta em mim, passando a mão pelo meu cabelo. Nossos olhares estão fixos um no outro e estamos parados no meio da pista de dança.

A sensação que tenho neste momento é a de o mundo todo ter parado. Sabe aquelas cenas de filmes, tão românticas, em que o diretor enfoca o casal no meio da multidão e silencia tudo? É assim que me sinto neste momento, como se não estivéssemos em uma pista de dança lotada, com o som no talo e uma porção de desconhecidos à nossa volta. Não, estamos

só ele e eu.

— ...Clarissa Rios! Parabéns, Clari!
— escuto o DJ ao microfone.

Merda! Eu esqueci que estou na festa de aniversário da Clarissa! Respiro fundo e olho ao redor, tentando fazer com que meu cérebro volte ao normal e pare de ver corações cor-de-rosa. Escuto uma risada estridente e vejo quando um grupo – três mulheres e dois homens – se aproxima de onde nós estamos. Olho novamente para ele e o vejo observando o quinteto com o cenho franzido.

— Eu preciso ir... — digo sem convicção, mas me forçando para ser racional.

Ele assente, mas volta a me olhar e, sem dizer uma só palavra, beija-me como nunca ninguém antes me beijou. *Okay! Cérebro, se recolha à sua insignificância!*

Correspondo da mesma forma, com

desespero, com ardor, um beijo molhado, sensual. Ele aperta mais a mão que colocou em minha nuca quando se aproximou e me esmaga contra seu corpo. A sensação de sua outra mão deslizando pelas minhas costas, apertando minha cintura e, *finalmente*, roçando em uma das minhas nádegas... *Ai, incrível!*

Tão rápido quanto ele me beijou, para o beijo, mas continua me prendendo com as mãos. Meu lado racional, mais uma vez, manda-me ir para junto dos convidados de Clarissa, e eu começo a me soltar.

— Eu tenho que... — Aponto para o mezanino e saio o mais rápido que posso de perto dele. Não olho para trás, porque não quero cair na tentação de voltar para perto dele, começar a puxar assunto e acabar com aquela fantasia maravilhosa que vivemos há pouco. Não, preciso colocar em minha cabeça que ele é um hóspede do hotel onde

PERIGOSAS

eu trabalho e que, ainda que ele possa não ter me reconhecido, eu não quero passar a impressão de que, além de arrumar a sua cama, eu sou paga para desarrumá-la.

Não que eu não queira, muito pelo contrário, mas se alguém no hotel souber do envolvimento de uma funcionária com um hóspede, isso, com certeza, será muito mal visto e poderá acarretar na minha demissão, e a consequência disso será eu ter que, mais uma vez, desistir dos meus planos de estudar.

Definitivamente, essa atração — por mais fabulosa que seja — não vale o risco de eu ter de dizer tchau aos meus sonhos.

Eu subo para a Área VIP, e Clarissa me pega pela mão, arrastando-me para o meio do grupo de amigos. Ao que parece, o número de convidados aumentou enquanto eu estava lá embaixo, e vejo, assustada, a quantidade de mulheres solteiras por aqui.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Já tinha ouvido falar que há mais mulheres na noite que homens, mas sempre achei que fosse um exagero, uma desculpa para homem safado não se comprometer ou ficar com mais de uma ao mesmo tempo. Talvez seja mesmo, visto que muitas das que estão aqui não vieram com a finalidade de arranjar um *crush*, mas de sair com as amigas e se divertir.

— Gente! — Clarissa grita para ser ouvida. — Olha quem voltou à vida!

Escuto algumas pessoas, a maioria da faculdade, gritando meu nome e erguendo seus copos de bebida para mim. Elton, um rapaz da minha idade que frequentava nosso grupo de estudos, vem me cumprimentar com um sorriso. *Em pensar que eu o achava charmoso, mas agora...* Sorrio de volta e tento pôr minha mente em branco e não pensar no que aconteceu minutos atrás.

NACIONAIS - ACHERON

— Ei, sumida! — Beija-me no rosto.
— Como você está?

— Bem. E você, animado com a formatura?

— Sim. Você vai estar lá, né? Sabe que até hoje todo mundo sente sua falta na sala.

Eu sorrio, agradecida pelas palavras, mas sinto um nó na garganta por não fazer mais parte da rotina deles. Eu adorava meus colegas de turma e, embora houvesse um fluxo grande de pessoas na minha sala, pois na UCAM⁹ a grade é móvel, eu me dava bem com todos. *Que saudade!*

— Vou fazer o máximo para estar presente — respondo, pois não sei como estarão minhas condições de grana e de tempo na época. — E a OAB¹⁰, fez a prova?

— Fiz, sim, e já estou aprovado — suas palavras são orgulhosas. — Me formo, e o escritório no qual estou fazendo estágio

NACIONAIS - ACHERON

vai me efetivar como advogado júnior.

— Parabéns! — digo com sinceridade, pois ele sempre foi um aluno interessado.

— Mas me fale de você, continua solteira? — Pisca para mim.

Eu rio, e nós conversamos por mais uns minutos. Um garçom chega e oferece bebidas, mas me contenho ao ver que a rodada *free* já acabou, pois as pessoas estão entregando seus cartões de consumo. Eu gastei uma boa parte de minhas economias com estas roupas, então, quanto mais eu evitar gastar nesta noite, melhor será para minha saúde financeira.

Resolvo ir dançar junto com Clarissa e alguns convidados, inclusive Elton. Ouvimos a introdução de *Let me love you*¹¹, na voz de Justin Bieber, e todos vão ao delírio. Eu finalmente começo a me enturmar de novo, dançando com as outras

meninas e até com alguns rapazes, sentindo-me jovem e livre como há muito tempo.

A música acaba, e o DJ começa a falar de novo, oferecendo alguma música ou cumprimentando alguém que está na casa. Eu me viro a fim de voltar para onde ficam as mesas e, de repente, dou de frente com um garçom carregando uma bandeja e um copo com uma *caipi* de morango.

— Eu não pedi... — tento já explicar, pois provavelmente ele está entregando a bebida à pessoa errada.

— Foi enviada a você. — Ele aponta para trás, e quando meus olhos detectam o misterioso benfeitor, meu coração dispara... *Mas que porra é essa?*

Ele está lá, sentado com um monte de gente à sua volta, mas o detalhe mais impressionante é que agora eu reconheço um dos homens que vimos lá na pista, o irmão da Clarissa, Thiago. O “meu

misterioso” se levanta quando eu me aproximo, com um sorriso matador e um olhar... Suspiro. *Homem, pare de me comer com os olhos desse jeito!*

— Nos encontramos de novo! — a voz rouca, que eu ouvi lá na Presidencial, atinge-me novamente, e minha pele se arrepia.

— Pois é... mais uma vez! — Sorrio. — Obrigada pelo drinque. Como você sabia que é o meu favorito?

Ele sorri, enigmático.

— Ainda consigo sentir o seu gosto na minha boca. Vodca e Morango. — Aponta para o meu copo.

Minha mente viaja ao ouvir as palavras “seu gosto” e “minha boca” juntas, imaginando uma cena bem inapropriada para a ocasião, fazendo-me ficar sem graça.

— Quando você disse que tinha que voltar para a festa, te deixei ir porque sabia

que a encontraria de novo. — Ele passa a mão no meu rosto. — Adoro como você dança, me deixa louco!

Eu tomo um gole da minha bebida, pensando em todos os motivos que eu tenho para não me envolver com esse homem. Um: não sei quem ele é. Dois: nunca fui de fazer sexo sem sentido. Três: ele é um hóspede, e há regras sobre isso. Quatro: ele pode ser...

Sinto suas mãos envolvendo minha cintura, e ele começa a dançar comigo ao som de *Treat you better*¹². Sua boca toma posse da minha, aqui, no meio de todos, como se quisesse me sugar para dentro, pressionando o meu corpo com força contra o dele, fazendo-me sentir o quanto ele está excitado.

Fico um tanto desajeitada com o copo na mão e tento, dentro das possibilidades, não derramar a bebida nele,

PERIGOSAS

mesmo tendo vontade de lançar tudo pelos ares e me agarrar ao seu corpo como ele faz com o meu. Todos os motivos que enumerei anteriormente são deletados de minha mente e tudo o que eu consigo pensar é em como seria passar uma só noite com ele.

Ele não me reconheceu, eu sei. Eu estava de touca, uniforme, suada e com a pouca maquiagem borrada. Então, que mal há? Meu cérebro ainda me alerta que ele é um desconhecido, mas rebato apontando que isso é algo fácil de se arrumar, afinal, ele está aqui com o Thiago, um cara sério e responsável.

Escuto uma gritaria, afastamo-nos, e vejo que Clarissa está estourando uma Chandon no meio dos convidados. O pessoal começa a cantar parabéns, e seguimos as vozes e as palmas. O DJ para de tocar, e a boate toda começa a cantar junto. Ela sai correndo do mezanino, vai

NACIONAIS - ACHERON

parar na cabine do DJ e agradece a todos pelo microfone.

Taças de champanhe são distribuídas pelos garçons, mas eu recuso a minha e vejo o *Mr. M* fazer o mesmo. É um saco já saber como é o beijo dele, mas não saber seu nome. Olho para ele com a intenção de acabar com o mistério, mas sou interrompida.

— Tony! — Thiago grita. — Tony!

Ele olha para o amigo, pega a minha mão e me leva junto para a mesa onde Thiago está.

— Fala, Thi!

Noto a surpresa na expressão de Thiago, primeiro pela mão dele entrelaçada à minha, depois por ter *me* reconhecido.

— Marina? — Vem em minha direção e me abraça. — Marina! Quanto tempo! Você está bem?

— Sim, Thiago, obrigada —

respondo encabulada.

— Nossa, você está linda! — Olha para “Tony”. — Você não perde tempo, né? Mal chega à cidade e...

— Você estava me chamando para...? — interrompe o amigo.

Thiago gargalha, percebendo que Tony o cortou de propósito.

— Hans voltou ao hotel e pediu para deixar avisado, caso você o procure. E eu ia te chamar para ir a outro lugar. — Faz sinal com a cabeça para as duas moças que estão sentadas à mesa. — Mas vejo que fez seus próprios planos.

— Sim, vou levar *Marina* para casa. — Ele me olha. — Vamos?

Eu paraliso ante a pergunta. *Para casa, comigo?*

Vejo os dois me olhando e esperando uma resposta, mas, sinceramente, eu não sei como responder, pois ainda não

decidi sobre ir adiante ou não. Eu queria, minto, quero muito, muito mesmo, mas isso não afasta a insegurança que me abate.

Qual é! Ele é amigo do Thiago, além disso, há uma testemunha de que vocês estão saindo juntos da boate! Meus hormônios já estão influenciando meus pensamentos. A tentação que ele representa é muito grande, sem falar que, se eu contar o tempo que eu tive de experiência e o tempo sem ninguém... sou quase uma freira!

Ele é o primeiro homem que me desperta depois de tudo o que passei, o primeiro e ao primeiro olhar. Eu não posso ignorar isso, não posso me privar de ter essa aventura e, quem sabe, alegria. Minha resolução está tomada, mesmo ouvindo os murmúrios do meu cérebro amordaçado pelos hormônios.

— Vamos, sim.

Sinto-o apertando mais forte minha mão, como se a resposta que eu dei, fosse a que ele quisesse ouvir, e eu sei, pelo pau duro que senti anteriormente, que é. Respiro fundo e me despeço de Thiago. *Minha testemunha, acuse-o se eu aparecer morta, viu?*

Saímos da boate, e imediatamente fico nervosa, achando que ele vai me levar para o hotel. *Merda! Não tinha pensado nisso.* Embora ele não tenha me reconhecido sem touca, os funcionários do hotel me conhecem sem ela e irão ficar chocados ao me ver entrando para passar a noite com o hóspede da Presidencial.

Um manobrista aparece com o carro dele, um *Mercedes-Benz GLA 250* preto, alugado pelo hotel, pois ele sempre usa modelos da Mercedes. Fico ainda mais preocupada que ele me leve até o Haldon e que eu não tenha como dizer a ele que não

devo ir até lá.

Tony abre a porta do carona para eu entrar, logo depois toma assento atrás do volante.

— Marina... — Ri me olhando. — Belo nome, combina com você. Eu sou Antonio, mas como você deve ter percebido, todos me chamam de Tony.

— Tony, também combina com você — digo ainda tensa, sem saber para onde ele irá me levar.

— E então, Marina, você escolhe o itinerário... podemos passear pela cidade, ir para outra boate ou... — Seu olhar muda. — Você apenas precisa me indicar o caminho.

Ah, meu Deus! Ele não pediu o endereço da minha casa, ele está me dando opções. Meu coração dispara. Enquanto eu penso, ele liga o som do carro, e um jazz suave enche o interior. *Droga de música sexy!* Olho para o relógio digital que

PERIGOSAS

aparece na tela do painel do carro e vejo que já passa das 2h da manhã, e eu, louca, vou completar 24 horas acordada.

— Vamos até o Méier. Sabe onde fica?

— Não, mas o GPS sabe. — Pisca ao dizer “Méier” em voz alta dentro do carro. A tela muda, aparece o mapa do Rio de Janeiro, e o GPS começa a lhe dar instruções. — O que tem no Méier?

Ah, que pergunta! Eu sorrio faceira e digo, bem próximo ao ouvido dele:

— Minha cama.

Ele ri alto e leva sua mão até minha perna.

— A minha está mais perto...

— Não estou com pressa. — *Não, nada de pensar em ir para o Haldon.* — Além do mais, você disse ao Thiago que me levaria para casa, e eu — finjo um bocejo — estou com sono.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ah, Marina, dormir é a última coisa que penso em deixá-la fazer naquela sua cama.

Um arrepio me estremece dos pés à cabeça, e eu dou uma leve contorcida em cima do banco. Eu preciso me distrair e pensar em outra coisa, porque senão Tony vai pensar que sou uma ninfomaníaca.

— Então, Tony — puxo assunto —, pelo seu sotaque, bonitinho por sinal, sei que você não é daqui.

— Moro em Curitiba — diz atento ao trânsito. — Nasci em Nápoles, mas moro no Paraná desde tão pequeno que me sinto um curitibano. Mas meu sotaque não é tão forte!

Uh, um italiano! Charme latino no sangue!

— Mas te denuncia como um sulista. É charmoso, não se preocupe.

Ele ri.

NACIONAIS - ACHERON

— Me fale um pouco de você agora. Além de linda, sedutora e de dançar como uma deusa, o que mais você faz?

Putz! Eu não gosto de mentir, mas como eu digo para ele: *Sabe o Haldon, o hotel onde você está hospedado? Então, eu trabalho lá, na verdade fui eu quem limpou sua suíte e sou eu a camareira que você encontrou, de quatro, dentro do seu closet!*

Não, definitivamente não dá. A ideia é que ele *nunca saiba* disso, não por eu ter vergonha da minha profissão, porque eu não tenho, mas por causa das implicações que poderiam ter. Nesse momento não sou camareira do Haldon, sou apenas Marina. Sou apenas uma mulher saindo com um homem que a atrai.

— Sou estudante. — *Vou ser, não estou mentindo!*, justifico-me mentalmente.

— Do quê?

— Direito — digo apressada. — Eu

faço Direito.

Olha-me com a sobrancelha arqueada e um olhar malicioso.

— Sabe quantas piadas maliciosas eu poderia fazer agora? — Ri. — Mas não se preocupe, eu vou comprovar se você faz ou não faz direito.

Rio junto com ele. Sempre ouvi essa piada tosca, mas ela nunca me pareceu um desafio tão gostoso e nunca tive ganas de mostrar a alguém o “quão” direito eu faço. *Oh, expectativa!*

Chegamos ao Méier, e eu indico a minha rua para ele. Nesse horário quase não há carros estacionados na rua, somente os dos moradores cujos prédios não têm garagem ou dos que possuem dois carros, mas apenas uma vaga. Assim, ele estaciona bem na frente da portaria do meu prédio.

Meu coração acelera de novo, de expectativa, de ansiedade, de medo. Tony

PERIGOSAS

está me olhando como que esperando que eu fale algo. *Ofereço um café?*

— Não vai tirar o cinto? Já estacionei. — Eu rio sem graça e tiro o acessório de segurança. — Você mora sozinha?

Oh, porcaria! Sinto vontade de chorar ao pensar que nunca, nunca mesmo eu levei um homem para dentro da casa dos meus pais. Fecho os olhos para conter as lágrimas que vieram aos meus olhos. Eu preciso seguir em frente. O apartamento agora é meu, e eles já não estão mais aqui.

— Moro — respondo. — Você vai subir?

Ele passa a mão pelo meu rosto e me encara, curioso.

— Eu posso? Se você disser que não quer, eu não vou ficar puto. Talvez chateado e frustrado... — Dá um sorriso charmoso. — Mas não vou ficar puto.

NACIONAIS - ACHERON

Mais uma vez ele está me dando opções e colocando a decisão em minhas mãos. Eu já estou aqui, a alguns andares do meu apartamento, da minha cama e eu *ainda o quero muito*.

— Você pode, Antonio — digo, e ele logo tasca um beijo *delicioso* na minha boca.

— Estava com medo de você me mandar ir embora. — Beija-me de novo. — Eu quero tanto você que isso me traria uma dor insuportável amanhã.

Eu rio com a sinceridade dele. Saímos do carro, e eu pego minhas chaves para abrir a porta do prédio, mas sinto que devo avisá-lo.

— Estamos sem elevador. Está acostumado a fazer exercícios? — pergunto olhando para seu corpo. *Hum, sinto água na boca quando olho para ele*.

— Muitos andares? — Aquiesço, e

ele faz uma careta. — Você vale o esforço.

Não menti ao dizer que são muitos andares, oito, para ser precisa. Todavia, chegamos inteiros, depois de várias paradas, não por falta de fôlego, mas porque ele me devorava a cada andar. Devorar não é uma palavra muito distante do que ele estava fazendo comigo na subida, tanto que eu pensei que ele fosse transar comigo na escada mesmo.

Felizmente estamos em frente à porta do meu apartamento. Eu respiro fundo, tentando não pensar que essa é a casa da minha família, a casa dos meus pais, e abro a porta. Acendo a luz da sala, e os móveis antigos, mas bem-cuidados, lembram-me deles.

Eu fico tensa, porque sei que a minha casa é bem distante da realidade dele. Nunca meus pais e eu fomos ricos, sempre tivemos uma vida simples de uma família

de trabalhadores. Eu espero que ele não seja realmente o *babaca* que a Cidinha descreveu.

Olho para Antonio e me surpreendo ao ver que está com um porta-retratos na mão e um enorme sorriso no rosto. Eu rio também, porque amo essa foto. Foi quando eu fiz 15 anos, e na foto eu estou com um lindo vestido cor-de-rosa e meu pai coloca uma sandália de salto alto no meu pé, ajoelhado como um príncipe.

— 15 anos — digo a ele.

— Você já era linda nessa época! — Há admiração em sua expressão. — É seu pai na foto?

— Sim, ele faleceu há um ano. — Meus olhos marejam.

Ele põe a moldura no lugar e caminha para mim. O abraço que me dá, desta vez, é diferente dos outros, e eu sinto consolo nos seus braços. Nós ficamos assim

PERIGOSAS

por um bom tempo.

— Você quer alguma coisa para beber? — pergunto.

— Não, obrigado. — Faz-me um carinho. — Você realmente mexe muito comigo. Desde quando passou por mim a caminho da fila para o banheiro, eu fiquei atraído por você como se você tivesse um ímã. — Beija-me de forma suave, mas cheio de desejo. — Eu não quero forçar as coisas e sinto que, de alguma forma, tudo mudou quando entramos aqui. — Eu concordo. — Eu só quero que você se sinta bem...

— Então me faça sentir — peço sincera. — Me faça sentir que, pela primeira vez em muito tempo, eu não estou aqui sozinha. Me dê a alegria e o prazer que nosso encontro prometeu.

Ele emite um som, algo como um gemido reprimido e me beija de uma forma tão profunda que eu sinto toda a solidão

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

indo embora. Sei que é temporário, que ele não vai ficar para sempre, mas esse momento é meu, é meu primeiro passo para reerguer minha vida pessoal, para eu me sentir viva de novo e, quem sabe, estar pronta para buscar relacionamentos de verdade.

NACIONAIS - ACHERON



Estamos juntos no meu quarto, e eu agradeço a boa sorte por ter comprado uma cama de casal para mim, porque, com certeza, nós dois não caberíamos numa cama de solteiro, e a antiga cama dos meus pais era quase um local sagrado, então não ia rolar. O clima entre nós mudou, como se fosse possível, e ficou ainda melhor. Aquela

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ânsia e loucura ainda estão presentes, mas de forma controlada, carinhosa.

Ele me vira de costas e desamarra a minha blusa, beijando meu pescoço todo o tempo. A peça cai no chão, e eu já me encontro nua da cintura para cima. Olho para o espelho pendurado na parede e vejo as mãos dele envolvendo cada um dos meus seios. Fecho os olhos, sentindo e apreciando esse contato. Ele deixa um rastro de fogo com as mãos em meu corpo, e à medida em que essas carícias se tornam mais fortes e os beijos em meus pescoço, nuca e orelha, mais molhados, mais excitada eu fico.

Quero tocá-lo, então levanto meus braços, e meus dedos entram por entre os fios de seu cabelo. Sinto o quanto são macios e como deslizam pelas palmas das minhas mãos. Ele está gemendo, rouco, apreciando o contato, e suas mãos estão trabalhando nos botões da minha calça.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Quando ele consegue abrir todos, põe-me de frente para ele e a desce devagar, ficando aos meus pés.

Eu fecho os olhos e jogo a cabeça para trás. Sinto suas mãos em minhas pernas, depois sua língua fazendo o mesmo caminho.

— Perfeita! — sua voz está ainda mais rouca, cheia de desejo.

Ele se afasta de mim e tira a camisa. Eu ofego ao ver que seu corpo é ainda mais bonito do que eu havia imaginado, pois ele não é do tipo fortão, mas sim magro e extremamente definido, com todos esses *gominhos* na barriga. Eu o toco, e Antonio fecha os olhos sentindo minhas carícias.

Noto que ele está abrindo a calça, mas o paro e assumo a tarefa. Retiro a peça e já consigo vislumbrar o volume de sua excitação aparecendo sob a

NACIONAIS - ACHERON

cueca *boxer* preta. Não resisto e passo a mão sobre seu pênis. Ele geme e me atrai para mais um beijo. Antonio começa a caminhar em direção à cama, ainda me beijando sem parar. Sinto minhas costas tocarem o colchão, mas ele não se junta a mim. Tira os sapatos e as meias e, por último, a cueca, e eu enlouqueço ao vê-lo completamente nu.

— Eu quero degustar você inteira...
— diz beijando meus pés, ainda nas sandálias. — Sentir cada aroma, cada textura, cada sabor do seu corpo.

Eu me contorço somente por esperar que ele faça tudo isso. Sua língua está na parte interior de minhas coxas, bem próxima da minha virilha, quando sinto-o deslizar a calcinha de renda preta pelas minhas pernas. Eu agradeço, mentalmente, à minha depiladora por, praticamente, obrigar-me a visitá-la quinzenalmente. Eu

PERIGOSAS

sempre achei um desperdício de dinheiro, visto que quase nunca vestia um biquíni e, muito menos, um homem me via nua. *Quem iria imaginar?*

Ele me toca, e eu gemo alto. O seu toque é tão delicado, mas tão seguro, perito em saber onde e como tocar uma mulher.

— Cheirosa e molhada... — fala explorando minha carne pulsante.

Sua língua se junta em sua exploração, e eu quase grito de prazer. *Como é bom!* Eu nunca fiz sexo oral antes, *me julguem*, mas os caras com quem eu saí não tomaram a iniciativa, e eu também não pedi. *Que otária!*

Minhas mãos agarram a colcha embaixo de mim, e eu sinto meu corpo prestes a explodir. Ele me suga, constante, e eu sei que vou gozar já. *Putá que pariu, vou gozar agora!* Meus gemidos saem enlouquecidos, e eu não consigo me conter.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Antonio, ao invés de parar, continua freneticamente em seu trabalho.

Caio sobre o colchão sem nem mesmo perceber que meu corpo tinha se erguido, e ele vem beijando meu corpo rumo aos meus seios, onde dispensa um cuidado especial a cada um deles. Quando estamos cara a cara, noto que ele está satisfeito com o desempenho *linguístico* e sorri, arrogante.

— Você é deliciosa, mas ainda quero ouvir mais gemidos como esses. A noite toda, se possível.

Eu sorrio para ele. *O prazer será todo meu!*

Ele me beija, e eu sinto o meu sabor na sua boca. É uma sensação estranha, mas não é ruim, pelo contrário, é excitante. Sinto seu pênis na entrada da minha vagina e olho para ele, assustada.

Tony se levanta, pega a calça, tira

NACIONAIS - ACHERON

uma camisinha do bolso e abre o invólucro com os dentes. *Homem providente!* Eu assisto, maravilhada, o látex envolvendo-o em toda sua extensão e admiro o tamanho e a circunferência de seu membro. Há um sorriso convencido nos lábios dele. No entanto, quando começa a entrar em mim, o sorriso morre, ele fecha os olhos e geme de prazer.

Os movimentos que fazemos são perfeitos, num ritmo intenso, cercados de gemidos e carícias. Seus olhos verdes estão fixos no meu rosto, absorvendo minhas reações a cada nova forte estocada.

O prazer que sinto é intenso e muito bom, superando todas as minhas expectativas. Embora o ritmo que ele impõe seja rápido, ao mesmo tempo ele é terno e suave.

Antonio gira na cama, pondo-me sobre ele, a cavalgar. Suas mãos seguram

meus seios, e nos movemos juntos. *Ah, como é bom!* Sinto-me tão poderosa quando estou por cima. Dou um sorriso bem safado para ele.

Ele se senta comigo em seu colo e com seu pau todo dentro de mim. Beija-me duro, arranhando meus lábios com os dentes, gemendo em minha boca. Segura meus cabelos com uma das mãos e os puxa para trás, fazendo com que minha cabeça levante, deixando livre acesso à minha garganta, onde rola sua boca e me dá leves mordidas.

A temperatura do meu corpo começa a subir freneticamente, e eu já estou tão molhada e tão sensível que antevejo um novo orgasmo chegando. Contudo, antes que eu consiga deixá-lo vir, Antonio se levanta, saindo de dentro de mim, vira-me de costas para ele e me empurra para a beira da cama, deixando-me com os pés no chão e

PERIGOSAS

o tronco sobre o colchão.

Quase enlouqueço quando o sinto entrar com força dentro de mim. Sua barba arranha minhas costas enquanto ele me beija no ombro, antes de se erguer para aumentar o ritmo. Estou quente, suada, os cabelos estão grudados no meu rosto, e o orgasmo que estava vindo lentamente resolve me atingir com tudo. Eu gemo muito alto, contraindo meus músculos e mordendo a colcha da cama.

Sinto-o pulsar dentro de mim e ouço o som que ele emite quando goza. *Awon, que sexy!*

Estou literalmente destruída. Não durmo há mais de 24 horas, bebi, dancei e agora fiz o melhor sexo da minha vida. Obviamente sinto o meu corpo relaxando e o sono vindo me abraçar. Não quero dormir, tento focar na sensação do corpo de Antonio tombado em cima do meu, na sua respiração

NACIONAIS - ACHERON

ofegante e nas batidas do coração que sinto contra as minhas costas.

Entretanto, o sono e o cansaço me vencem e eu adormeço aqui mesmo, depois de uma transa incrível e com um homem *tudo de bom* em cima de mim.

Acordo assustada com um barulho na rua. Sento-me no colchão e olho ao redor do quarto, procurando Antonio, mas é claro, ele não está aqui. Tenho a sensação de ter sonhado com aquela noite, porque tudo pareceu tão perfeito que não podia ser real. Vejo minha roupa *dobrada* em cima da cadeira da minha escrivaninha e as sandálias dispostas lado a lado aos pés da cama.

Sorrio lembrando que estive calçada com elas durante todo o maravilhoso sexo da noite anterior. Depois que eu adormeci, Antonio as tirou, deitando-me corretamente, com minha cabeça sobre o travesseiro e me

cobriu com a colcha.

Deito-me novamente, ainda pensando em tudo o que aconteceu e na loucura — deliciosa, mas ainda assim loucura — que fizemos ontem. Olho o relógio em cima da minha mesinha, e já são 12h30.

Rio ao tentar imaginar a reação dele quando eu *desmaiei* após a transa. Porém, não há nada que eu possa fazer sobre aquilo, embora, devo confessar, a cena deve ter sido hilária. Algo chama minha atenção no travesseiro ao lado, e vejo uma nota. Pego-a sorrindo, e meu sorriso fica congelado na cara durante a breve leitura:

Cara Marina,

a noite foi incrível, do começo ao fim, obrigado por isso. Tentei, algumas vezes, acordá-la, mas percebi que, embora eu até mesmo tenha tentado o truque do
NACIONAIS - ACHERON

beijo que acorda a Bela, você estava completamente entregue, e eu não quis interferir no seu descanso. Vou ficar na cidade por mais alguns dias, se quiser companhia, estou na cobertura do Haldon.

A.

Passo a mão pela nota, por suas letras perfeitas, retas. A assinatura dele, apenas a inicial de seu nome, parece um pouco mais desenhada que as demais, e eu julgo que isso deve ser a maneira como ele rubrica documentos.

Estou no Haldon, como se eu fosse procurá-lo por lá! Ah, se ele soubesse... Suspiro desanimada, lembrando que o que aconteceu ontem foi uma experiência, nada mais, foi apenas uma noite – cheia de prazer – mas somente isso.

Não há possibilidade de um relacionamento entre mim e ele, e eu tento

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

manter isso em mente. Antonio foi apenas um frescor em minha vida, apenas um alento para que eu pudesse seguir em frente e deixar todos os problemas e tristezas do passado para trás. A partir da noite de ontem, devo continuar a reerguer meus sonhos e, quem sabe, construir algumas relações mais profundas.

Como ele mesmo salientou na notinha, restam somente alguns dias da estada dele na cidade, depois ele irá retornar à sua vida, da qual eu não sei nada, e essa noite será apenas mais uma transa depois de uma balada.

Levanto-me, porque, além de louca de fome, minha bexiga parece querer estourar, pois estou desde a madrugada segurando meu xixi. Tento me justificar dizendo que havia coisas mais urgentes a serem feitas ontem e que o número um eu faço toda hora.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Já na cozinha, de banho tomado e pronta para fazer um lanche rápido, prendo a nota na porta da geladeira com um ímã. Sei que parece estranho para quem afirma ser somente um caso passageiro, mas essa nota com a letra dele me lembra do quanto tudo o que eu senti foi real. De vez em quando, pego-me olhando para ela. Na verdade, toda vez que passo pela cozinha dou uma lida no bilhete.

Estou no meu quarto, já pelo meio da tarde, trocando os lençóis e ajeitando algumas coisas no meu armário. Dou um sorriso quando me olho no espelho, lembrando-me de nós dois ali, em pé, pele com pele, no meio do cômodo. Ainda estou rindo quando escuto a campainha do telefone fixo.

— Alô? — atendo alegre, pois esse número está com a minha família há anos, e muitos amigos de infância ou amigos dos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meus pais me ligam para saber como eu estou.

— Boa tarde, Bela Adormecida!

Eu me sento ao lado do telefone, completamente lívida, sentindo meu corpo responder a essa voz. *Mas como...?*

— Liguei em hora ruim? — ele pergunta um tanto brincalhão. — Eu disquei meu próprio número no seu telefone e o salvei. Fiz mal?

— Não — respondo, aliviada por entender como ele tem esse número. Rio, achando graça, pois cheguei a pensar que esse homem tinha um pacto com o *demo*. — Não, eu só fiquei surpresa com a ligação.

Ele ri do outro lado da linha e fala com alguém fora do fone do aparelho.

— Desculpe por isso. Eu estou terminando uma reunião agora, nada produtiva, devo acrescentar, porque eu só pensava em como iria fazer para conseguir

NACIONAIS - ACHERON

te ver antes de ir embora. Eu nem consegui me despedir hoje pela manhã.

Meu coração derrete ao ouvir isso. *Larga de ser trouxa!* Porém, o sorriso já está no meu rosto e há corações cor-de-rosa nos meus olhos. *Burra, burra!*

— Eu vi seu bilhete, mas acordei tarde...

— Tem plano para hoje à noite?

Dormir cedo para acordar ainda de madrugada e limpar banheiros o dia todo conta? Mas claro, minha mente está *fora da casinha*.

— Eu pensei em ir ao cinema, mas estou com um pouco de preguiça. — Rio, sabendo que eu deixei uma *baita* indireta.

— Hum... cinema é uma boa pedida! — diz faceiro. — Mas estava pensando em outra coisa, se você estiver disposta a alterar seus planos... — *Sexo selvagem em troca do cinema? SIM!!!* — Que tal um jantar

depois do filme?

Jantar?! Eu gargalho ao telefone. Os anos de abstinência me fizeram mal, pois só penso em tirar todo o atraso com ele, bem rápido e forte...

— Depois fazemos o que você imaginou — sua voz está sexy e arrogante.

Convencido! Entretanto, a ideia me agrada muito, apesar de achar que parece um encontro de namorados essa coisa de cinema, jantar e sexo.

— Eu topo! — Eu estava pensando em ir à sessão das 17h e depois dormir cedo, mas eu posso fazer uma concessão.

— Pego você aí às 18h... Ah, eu sou pontual, *tá?*

Pontual, organizado, carinhoso... *Tem defeitos não, ô, cara?!*

Desligo depois de mandar um beijo e confiro as horas, ansiosa para estar novamente com ele, anulando toda minha

PERIGOSAS

decisão de só uma noite. Afinal, é o meu sábado de folga e eu quero me divertir. E essa é uma diversão de mais de 1,90 m.

— Uau, você está linda! — Antonio fala assim que entro no carro, beijando-me desse jeito que só ele sabe.

Eu adoro ouvi-lo dizer esse elogio e não me canso de ver a admiração nos seus olhos quando me olha. Estou vestida de uma forma bem simples e descontraída, com um vestido floral de tecido bem leve e saia levemente rodada, com sandálias baixas, cabelos soltos e minha maquiagem de sempre.

Ele também está mais casual, com uma *t-shirt* com somente o escudo do Capitão América — *quem diria* — estampado na frente, calças jeans e tênis. Ao que parece, vamos ter uma noite bem simples e descolada. *Graças a Deus!*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

No cinema assistimos a uma comédia romântica nacional, leve e divertida, rimos, beijamo-nos como adolescentes e dividimos um balde de pipoca. A todo momento eu preciso me lembrar de que isso tudo é temporário, que ele não é daqui, que não haverá um futuro para nós, porque, sinceramente, a cada minuto que eu passo com ele, vejo-o como o homem dos meus sonhos.

Antonio é para mim como um amor de praia, um amor de verão, embora ainda estejamos na primavera, e eu precisarei esquecê-lo no momento em que ele voltar para o Sul. Preciso, isso sim, focar nos meus objetivos que eu já tracei antes de conhecê-lo e entender que esse envolvimento, embora incrível e perfeito, não poderá jamais ter qualquer influência na minha vida, principalmente se se tornar mais uma perda para eu carregar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Saímos do cinema, entramos no carro e ele logo liga o som. Eu percebi, das vezes anteriores, que o seu gosto para música é bem diferente do meu. Enquanto, dentro do seu veículo só toca jazz, blues e MPB, o meu celular carrega uma mistura de música eletrônica, ska/reggae e POP. Eu olho para ele, avaliando a sua idade, pois nunca falamos disso ou de qualquer outra coisa mais pessoal, na verdade.

— Me indicaram um lugar às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas que dizem que, além da vista, fazem petiscos e servem drinques maravilhosos ou, se você preferir, podemos ir jantar. O que acha?

— Adorei a ideia da Lagoa! — Penso em como começar o assunto enquanto ele ajusta o GPS e presta atenção ao trânsito. — Antonio, me fale sobre Curitiba. Sempre ouvi falar muito bem da cidade.

NACIONAIS - ACHERON

— É linda! Você não a conhece ainda? — Eu nego. — Então tem que conhecer, vale a pena. As pessoas dizem que somos muito frios, os curitibanos, mas somos apenas reservados e gostamos muito de nossa cidade limpa, organizada e, na medida do possível, segura. Acho que é isso que faz a diferença por lá, a relação entre os moradores e a cidade. Temos orgulho de dizer que temos serviços de primeiro mundo e cobramos muito por eles.

Percebo o quanto ele ama aquela cidade, então me lembro de que ele me disse que nasceu na Itália.

— Como você foi morar lá? Você me disse que nasceu na Itália.

— Meus pais vieram para o Brasil para trabalhar no negócio da família, pois decidiram expandir o ramo e abranger a América do Sul, e Curitiba foi escolhida pelos motivos que lhe falei, por ser a cidade

PERIGOSAS

que é e a proximidade do estado com os países mais importantes da América do Sul. Eu tinha cinco anos quando me mudei, e meu irmão mais velho, Francesco, estava com sete.

Ah, ele tem um irmão mais velho!

— Você tem uma família grande? — continuo a perguntar, seguindo a conversa com naturalidade.

Ele, de repente, aumenta o som.

— Eu amo essa música, conhece? — pergunta-me com a voz animada. Eu apenas nego, esperando a resposta à minha pergunta. — É Billie Holiday, a maior cantora de jazz de todos os tempos. Você consegue ouvir o sentimento que a voz dela tem?

Eu franzo o rosto, sem entender essa súbita mudança de assunto. Escuto a canção, muito bonita e emotiva e concordo com ele. Fico calada por um bom pedaço do

NACIONAIS - ACHERON

trajeto, curiosa sobre aquela atitude evasiva.

— Eu não sou muito de falar da minha família — ele volta ao assunto depois de um longo silêncio constrangedor. — Nos damos bem, mas somos do tipo de cada um com sua vida. Interagimos mais na empresa do que fora dela, em família. Meus pais voltaram para a Itália há alguns anos com minha irmã mais nova, Giovanna, mas meu irmão e eu ficamos no Brasil para cuidar dos negócios daqui. É isso.

— Tudo bem. — Acho estranho, mas não comento, pois não imagino como seria se meus pais fossem vivos, mas não participassem da minha vida. — Obrigada por contar. Bem, você já sabe que meu pai faleceu ano passado. Já minha mãe, eu perdi ainda criança, e eu não tenho irmãos.

Estamos parados no sinal, e ele me olha com ternura. Passa a mão pelo meu rosto e sorri.

PERIGOSAS

— Eu estou adorando esse tempo que estamos passando juntos — comenta. — É totalmente inesperado, mas muito bom.

Sinto borboletas no estômago quando ele fala isso, pois é exatamente como me sinto quando estou com ele. Tento relaxar e curtir o momento, sem querer saber tudo sobre ele, afinal, do que adiantaria? Saber sobre os gostos, manias e a vida pessoal de uma pessoa indica que há pretensão de um futuro, mas no nosso caso eu sempre soube que não há hipótese de isso acontecer.

Chegamos à Lagoa, e o bar que indicaram a ele é ainda mais fabuloso do que foi descrito. Tem, sim, vista impressionante da Lagoa e do Corcovado, drinks e petiscos gourmet, mas a concepção do local, aberto e rústico, é o que nós mais gostamos. Há muitos casais aqui, e

NACIONAIS - ACHERON

todos estão num clima bem descontraído, namorando, conversando e ouvindo a ótima banda tocar.

Contudo, apesar disso tudo, eu sinto que Antonio está mais distante, como se estivesse cumprindo um protocolo ao estar aqui, com movimentos muito calculados e uma conversa superficial sobre os lugares que ele mais gosta no Rio, as praias e as outras cidades que ele visitou no estado. Eu não sei se fui eu que fiquei com uma sensação estranha desde aquela conversa no carro, ou se há algo o incomodando.

— Você quer ir embora? —
questiono de repente.

— Algo errado? — Ele parece preocupado.

— Não, aqui é maravilhoso, mas eu realmente preferia estar sozinha com você.
— Ele abre um enorme sorriso. — Sem conversa, sem outras pessoas à nossa volta,

PERIGOSAS

somente você, eu e uma cama.

— Nem precisa ser uma cama. —
Ele gargalha. — Na verdade, eu estava louco para comer você desde o cinema, mas como já havia feito o convite para o jantar, achei que seria legal seguir com o plano. —
Faz sinal para o garçom. — Mas você tem razão. Se eu ficar aqui um pouco mais, quando eu encostar em você, vou durar pouco...

Saímos quase correndo do restaurante, rindo, de mãos dadas. Antes de entrarmos no carro, ele me espreme contra a lataria e me beija, fazendo com que meu corpo desperte e eu já fique molhada e pronta para ele.

Percebo que ele não ativou o GPS e que não está seguindo na direção do meu apartamento. Estamos entrando em Copacabana, e eu fico curiosa sobre nosso destino.

NACIONAIS - ACHERON

— Para onde estamos indo?

— Outra indicação. — Pisca para mim, e eu fico constrangida, imaginando se, por acaso, ele falou de mim para o *concierge* do hotel.

Ele segue para um motel famoso por suas suítes com vista para o mar. Estou completamente surpresa com isso, porque o homem está hospedado numa suíte cinco estrelas num luxuoso hotel. Por que ele quer ir a um motel, mesmo sendo o mais caro e luxuoso da cidade?

— Motel? — inquiri rindo. — Você não está hospedado no Haldon?

— Prefere ir para lá? — Dá-me uma olhada rápida. — Ouvi falar tanto nesse lugar que, quando te conheci, só pensava em vir com você. Fetiche masculino, eu acho. — Dá de ombros. — Mas se você preferir o Haldon...

— Não — apresso-me a dizer. — Eu

também estou muito curiosa sobre esse lugar.

Paramos na entrada, e uma atendente do outro lado de uma cabine nos dá boas-vindas.

— Tenho uma reserva especial para a suíte Solaris — ele informa.

— Ah, sim, Senhor. São só duas pessoas, não é?

— Isso. — Pisca para mim. — É suficiente para você?

Eu arregalo os olhos. O que ele quer dizer com isso? Que tem intenção de incluir mais pessoas conosco? Fico tensa, e ele ri.

— Estou brincando! — Gargalha. — Eles perguntam porque cobram pela pessoa extra — explica. — Mas minha reserva é só para um casal. Você já me deixa muito satisfeito, pode ter certeza.

Seguimos para o estacionamento da suíte, nada diferente até então, mas quando

PERIGOSAS

a porta se abre, eu fico completamente deslumbrada com o lugar. Enorme, com piscina interna, *ofurô* na enorme varanda e sauna. Há também uma sala de jantar muito bem decorada e sala de estar com uma televisão gigante.

— Quem pensa em ver televisão num lugar desses? — eu digo em voz alta sem perceber.

Ele liga o aparelho, e eu entendo o motivo. *Oh, meu Deus!*

— Venha ver a parte de cima. — Pega minha mão e me leva. — Eu olhei este lugar no *site* e escolhi essa suíte por causa do segundo andar.

E eu, completamente, brindo à sua escolha. Uma cama redonda enorme reina em um ambiente parecendo um cubo espelhado. Abrimos uma porta e nos deparamos com outra cama num ambiente todo vermelho e cheio de petrechos de

NACIONAIS - ACHERON

BDSM, como correntes, algemas e chicotes. Estremeço só ao olhar. Ainda bem que Antonio passa adiante e, quando abre a outra porta, eu me deparo com uma piscina de borda infinita que parece desaguar no mar, cercada por *chaises* e *ombrelones* completamente ao ar livre. *Santa Mãe, quanto tempo ele pretende ficar nesse lugar comigo?*

Olho para Antonio e vejo que a *t-shirt* já está dobrada sobre uma das *chaises*, e sua calça já está aberta. Ele sorri desse jeito sexy e perigoso, indicando que estava tendo pensamentos lascivos enquanto eu estava admirando a beleza desse lugar. Tira os sapatos, a calça jeans e, em seguida, a cueca, ficando nu sob a luz da lua.

Antes mesmo que eu tenha uma reação, ele pula na água.

— Sua vez. — Aponta para mim. —

PERIGOSAS

Vamos transar aqui, como se estivéssemos no mar, à vista de todos.

Sinto meu coração disparar só ao pensar nessa fantasia. Olho para o céu e vejo as luzes de um helicóptero ao longe. Deslizo meu vestido pelo corpo, estremecendo de antecipação e sabendo que eu não serei a única surpreendida nesta noite.

Ele geme quando vê que eu não uso nada por baixo do vestido e começa a nadar em direção à borda, mas eu pulo na água sem lhe dar chance de me pegar.

— Porra, Marina! — ele reclama enquanto me beija quando enfim me alcança. — Se eu soubesse que não havia nada por baixo daquele vestidinho comportado, eu foderia você dentro do carro mesmo, mas antes, te faria algumas carícias dentro do cinema.

Pego no seu pau, duro como pedra, e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o acarício da base à ponta. Ele me dá um olhar perigoso de novo, e eu avanço nas carícias enquanto ele devora minha boca com a mão na minha bunda.

Sinto que vou experimentar muitas coisas novas nesta noite, e o tesão que a espera me proporciona é colossal. *É sua última noite, aproveite, faça tudo o que você sempre fantasiou, porque amanhã, quando você voltar para a realidade e ver que, embora estejam sob o mesmo teto, a distância entre vocês será imensa, não me culpe, mas a este seu maldito coração idiota que nunca me escuta...*

Bloqueio meu cérebro inconveniente mais uma vez, não querendo pensar no amanhã e nem no que eu irei sentir ao estar no Haldon trabalhando. Não, esta noite eu só quero, literalmente, gozar de todo o prazer que Antonio pode me dar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



— Puta que pariu, mulher! Pelo menos anotou a placa?! — Lídia grita assim que me vê.

— Psiu! — Estou morrendo de sono, e minha cabeça está latejando.

Depois da maratona de sexo naquela escandalosa suíte à beira-mar, eu inventei uma desculpa, disse que ia para o interior e

PERIGOSAS

pedi a Antonio que me levasse de volta para casa, pois iria sair cedo para a rodoviária. Senti que ele ficou bem decepcionado, porque eram apenas 2h da manhã e tínhamos ficado menos de cinco horas dentro daquele quarto monstruoso.

Eu ainda tive que lidar com ele, que insistiu em me levar para a rodoviária, mas contornei a situação dizendo que as amigas com quem eu iria viajar passariam para me buscar. Então cheguei a casa às 3h45 da manhã, porque demos uma rapidinha – que demorou demais... – antes de deixarmos a suíte.

Tomei um banho, enfiei a primeira roupa que peguei no armário e voei para o terminal, torcendo para que não houvesse nenhum imprevisto no caminho, porque eu iria chegar em cima da hora. E, graças aos Céus, consegui chegar a tempo.

Começo a me arrumar enquanto

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ouço a conversa das outras meninas, inclusive a de Lídia com Alice, cujo tema central sou eu. Olho para as duas de cara feia e sinto por Vivi estar de folga hoje, porque ela consegue pôr freio naquelas duas.

— É sério, Morena! — Lídia ameaça. — Se não nos contar todos os detalhes do *touro* que fez isso — aponta para meu rosto — nós vamos inventar mil e uma histórias...

Rolo os olhos e bufo, sem nenhuma paciência.

— E nem tente nos dizer que está passando mal ou coisa assim, porque reconhecemos uma mulher bem fodida a quilômetros, e essa sua cara acabada só nos conta que o sexo foi bom demais para perder tempo dormindo — completa Alice.

Inferno! Continuo sem lhes dar atenção e me confiro no espelho, como faço

NACIONAIS - ACHERON

todos os dias. Preciso focar na minha rotina e fazer meu trabalho como o tenho feito há mais de um ano. Lembrar dos momentos em que estive com Antonio na piscina, na banheira, no quarto de espelhos e em cima da mesa não me levará a nada.

Elas finalmente desistem e vão para a sala, onde nos encontramos com Cidinha.

— Bom dia, meninas. Cobertura: hoje não vamos ter limpeza na Presidencial, pois, pelo que me informaram, os hóspedes estarão em reunião durante todo o dia. Assim, limpem somente as Executives, e quando eles, por fim, saírem, o outro turno assume a limpeza. — Eu queria parecer desinteressada pelo hóspede da Presidencial, mas não consigo, e minha mente pensa o tempo todo sobre se ele irá me ligar essa noite. — Aos outros andares, peço somente atenção, porque hoje é o dia que temos a maioria dos check-outs. Bom

PERIGOSAS

domingo a todas! — Começa a andar na direção de sua salinha.

Eu tento parecer animada, embora minha cabeça martele sem parar e confiro os itens no meu carrinho. *Estou seguindo em frente! Essa é a minha realidade! É minha vida, e eu tenho orgulho de estar aqui e quero me esforçar para avançar ainda mais!* Repito essas palavras em minha mente como um mantra.

Antonio me deita na areia em plena luz do sol, com a praia lotada e começa a fazer amor comigo, tirando meu biquíni, expondo-me, degustando-me e...

— Marina? — ouço a voz de Cidinha.

Oh, merda, dormi em pé de novo! Aparentemente estou olhando para o espelho, mas na verdade estava até sonhando. *Com ele, com nós dois.*

NACIONAIS - ACHERON

— Oi! — respondo animada, notando que o vestiário se encontra vazio, restando apenas eu aqui.

— O que faz aqui ainda? — De repente sorri. — Mas que sorte a minha! Quer fazer hora extra? — Aproxima-se e pega minhas mãos. Não tenho reação. — Elizângela ligou há pouco dizendo que a filhinha dela está no hospital com febre, e eu tenho que substituí-la hoje.

O quê? Quem foi para o hospital? Tento emendar as frases, mas estou com sono e tão cansada depois de limpar que só penso em minha cama.

— Você vai ganhar mais 100% sobre o valor de sua hora, e eu te arranjo mais um dia de folga, além do mais, vai ser bom para você trabalhar um pouco com o Arantes.

— Com o Arantes? — De repente meu cérebro acorda, porque sempre quis

trabalhar como copeira dele para que, se surgisse uma vaga, ele pudesse me indicar.
— Claro que eu quero!

— Que bom! — Põe a mão no peito.
— Confio em sua postura e sei que você irá atendê-lo muito bem. Peça a Sandra, do almoxarifado, o uniforme e o encontre na cozinha, pois ele está conversando com o chef sobre o coquetel de hoje à noite.

Coquetel? Fecho os olhos, percebendo que acabei de me comprometer a trabalhar mais um turno. A oportunidade de auxiliar o mordomo, o Senhor Arantes, é algo que eu sempre quis, além disso eu irei receber um bom aumento no meu salário graças às horas extras, e Cidinha me ofereceu folga, mas eu estou tão cansada que, se estivesse raciocinando direito, recusaria a tentadora oferta.

Porém, agora Cidinha já está contando com minha ajuda, então vou atrás

PERIGOSAS

das pessoas que ela me indicou e troco meu uniforme de camareira pelo de copeira e aguardo as instruções do mordomo.

— Santos! — Arantes me cumprimenta. — Eu posso chamá-la de Marina? — Eu concordo. — Aparecida fala muito bem de você, e eu estava curioso para trabalharmos juntos. — Dá-me um sorriso, acentuando as rugas de seu rosto e destacando seus olhos azuis.

Arantes é um homem muito bem-educado, com postura firme e olhar aguçado para as coisas. Conhece o funcionamento deste hotel como ninguém e transita entre os hóspedes mais importantes. É elogiado, admirado e muito bem recompensado pelo excelente serviço e agilidade.

— As outras meninas estão preparando as louças e utensílios, você quer acompanhá-las? Será bom para adquirir experiência na preparação de um evento.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu adoraria!

— Então suba para a Presidencial, que elas estão na copa adjacente à sala de jantar...

Ele continua falando, mas eu já não ouço mais nada. *Merda! O evento é na Presidencial?* Lembro-me de ter ouvido Cidinha mandar cinco camareiras à suíte para limpá-la e pensei que Antonio já tivesse saído do hotel. Cinco camareiras não é o usual, a não ser que... o hotel tenha pressa em limpar porque acontecerá algo importante por lá. *Merda dupla!*

Subo sem a animação que eu sentia, mas também sem sono, pois o medo de me encontrar com Antonio aqui me deixa ansiosa e com minha mente a mil por hora. Entro por uma porta bem disfarçada entre a Executive 2 e a Presidencial e vejo mais duas moças, vestidas como eu, limpando, polindo e dispondo louças e utensílios.

PERIGOSAS

— Oi, você deve ser a Marina! —
uma me cumprimenta, e a outra para de
polir uma bandeja de prata para se
apresentar também.

Elas são Suzana e Débora e
trabalham no hotel há cinco anos. Eu não
me lembro de tê-las visto em nenhum
momento, mas, como eu sei bem, o Haldon
possui centenas de colaboradores, sendo
assim impossível conhecer a todos,
principalmente quem não tem relação direta
comigo.

Suzana me entrega uma bandeja e
me mostra como dispor as taças, para que
tipo de bebida são e a quantidade segura
para transportá-las. Eu acabo focando
nessas coisas novas que estou aprendendo,
quando Arantes chega com o pessoal da
cozinha. Eles estocam dezenas de caixas de
champanhe, uísque, vodca, tudo de marcas
de alta qualidade, coisa que eu só vejo em

NACIONAIS - ACHERON

comerciais.

Depois chegam os canapés, antepastos, torradas, *foie gras* e caviar no gelo. Faço um cálculo rápido e estimado da quantidade de dinheiro que tem nesta cozinha, e com certeza dá para comprar um bom apartamento.

— Marina, você poderia dar uma ajuda à Livia?

— Claro! — Eu amo flores, e ajudar a paisagista do hotel me dará a oportunidade de estar perto delas.

Ele abre a porta de comunicação para mim, e eu vejo a sala de jantar da Presidencial. Minha boca seca e o peito dispara, mas entro, pois a vejo andando com arranjos nas mãos e sei que, por esse motivo, *ele não está aqui*.

— Oi, Marina, me dá uma mãozinha aqui! — Ela me entrega um enorme buquê com antúrios.

— Antúrios?

Ela rola os olhos.

— Alérgico a flores, ou algo assim.

— Dá de ombros. — Na verdade, me recomendaram somente folhagens, mas eu insisti com os antúrios vermelhos para dar uma cor e, como eles não têm perfume, fui autorizada.

Antonio é alérgico a flores? Eu sorrio imaginando que eu o conheço biblicamente falando, mas não sei o mínimo sobre ele.

— Vê o Baccarat com tons de azul?

— Ela aponta o vaso para mim. — Coloque essas flores lá.

Eu vou com um enorme arranjo já montado e que praticamente tampa minha visão até a mesa de centro da sala de estar.

— ...porra, Tony, eu já disse que não vale a pena! — escuto a voz arrogante do diabo louro. Entretanto, minha reação não

se deve a ele, mas sim ao nome que foi pronunciado. — Temos assuntos importantes... Ah, o serviço ainda está aqui! — disse parecendo aborrecido. — Vou para minha suíte. Mas esqueça esse assunto e lembre-se que na França...

— Meta-se na sua vida, caralho!

Eu arregalo os olhos ao ouvir a raiva na voz de Antonio. Olho para trás e noto que Livia tem a mesma reação, está paralisada e olhando para ele com um misto de admiração e medo.

— Desculpe, senhoras — ele assume o tom que eu conheço ao passar por mim, parcialmente escondida pelas folhas, e desaparece dentro do quarto, fechando a porta.

— Meu santo protetor das mulheres casadas! — escuto Livia dizer. — Me proteja desse homem! — E sussurra para mim: — Ele é o que eu chamo de *tomba*

calcinhas! Viu a expressão dele quando gritou com o outro? — Abana-se com as folhas largas do antúrio.

Eu dou um sorriso forçado para ela e volto para a minha tarefa. Sei que não devo ficar chateada por ele ter passado por mim como se eu não fosse nada, mas fico. Não foi ele mesmo quem disse que eu tinha um ímã que o atraía? *Mentiroso, ordinário!*

Além do mais, sinto-me ainda mais insignificante ao ver que a reação que eu tive quando o vi pela primeira vez é algo comum e corriqueiro entre as mulheres. *Tomba calcinhas, pois sim!* Sinto-me ridícula, mas tenho que admitir que estou morrendo de ciúmes e, se pudesse, jogaria esse arranjo gigante em cima de Livia, mesmo sabendo que ela falou apenas brincando.

Concluimos toda a arrumação às 19h

PERIGOSAS

em ponto, e os convidados começaram a chegar meia hora depois. Eu estou na copa separando as bebidas, colocando champanhe no gelo, uísque e copos numa bandeja, uísque, água, gelo e copos na outra, além das bandejas com taças de champanhe vazias que eu arrumei quando cheguei. As outras meninas estão arrumando os alimentos, enquanto Arantes supervisiona o serviço, escolhe os vinhos com o sommelier do restaurante e dá alguns toques finais nas arrumações, detalhes simples como a dobradura dos guardanapos e o lado certo do rótulo de uma bebida.

— Estamos prontos, senhoras! — ele diz saindo da copa enquanto, em fila, nós três seguimos com as bandejas.

O primeiro que eu vejo é o diabo louro, que conversa com um casal acima dos cinquenta anos. Há mais dois homens na sala, entre eles o gerente do hotel, e,

NACIONAIS - ACHERON

quase à porta do quarto, eu vejo Antonio conversando com uma *Barbie*: magra, alta e loira.

Eu estou servindo o uísque sem gelo e passo pelos convidados evitando Antonio. Vou retornar à copa, quando o diabo louro me chama.

— Ei, você do uísque! — Minhas pernas tremem. — Teria como trazer gelo?

Olho para Suzana, que está com o gelo, e ela vem em meu socorro. Volto à copa, feliz e *puta* ao mesmo tempo, e os dois sentimentos se devem ao fato de Antonio não ter me reconhecido.

— O Senhor Villazza prefere vinho francês, tinto, seco e menos encorpado para acompanhar o coquetel — Arantes está de costas e fala comigo sem me olhar. — Temos um Château Margaux, safra 2008, com predominância de *Carbenet Sauvignon* e pinceladas de *Merlot*, *Carbenet*

Franc e Petit Verdot. Acha que ele apreciará?

Eu começo a rir, uma mistura de nervosismo e descrença por ele pensar que eu poderia falar esses nomes. Ele me olha sério.

— Ah, é você, Marina, achei que fosse Suzana! — Ri. — Ela está fazendo curso para sommelier, e eu iria deixar que ela apresentasse o vinho para a avaliação do Senhor Villazza. Pode tirar essa cara assustada do rosto!

Eu finjo ter ficado aliviada, mas no fundo sei que a noite será longa e que só sentirei alívio quando ela acabar e eu estiver em minha cama, chorando e descarregando a tensão desse dia.

— O homem é um *idiota*! — Suzana entra reclamando, quase sussurrando. — O que tem de bonito, tem de fresco. — *Antonio?* — A hóspede da Executive 2 está

querendo vinho.

Arantes assente e começa a discutir as opções de vinho com Suzana.

— Marina, passe os canapés, por favor — ele fala sem olhar para mim.

Resignada, eu pego a bandeja e volto à suíte. Percebo que Débora está com o antepasto e o *foie gras* e ninguém, ninguém mesmo está prestando atenção a ela, apenas solicitam o que querem sem olhá-la, pegam e continuam a conversar.

Ofereço os canapés ao gerente e ao outro moço com ele, e meus olhos seguem Suzana, que vai em direção ao Antonio com o vinho. A *Barbie* e ele estão rindo e parecem avaliar a bebida antes de aceitar uma taça. Ela balança um pouco o líquido, cheira-o e depois o bebe, enquanto Antonio apenas observa. Ela fala algo para ele, e Suzana enche as duas taças.

Desvio a atenção deles e dou de

frente com o diabo louro de novo, encarando-me com a testa franzida.

— Você não é aquela camareira?

Eu não sei o que responder.

— Não importa, camareira, copeira, é tudo a mesma coisa! — Pega um canapé.

— Esse hotel ainda tem muito a evoluir!

Saio de perto dele o mais rápido possível e escuto Antonio o chamar.

— Hans! Vem ouvir o que a Kelly está me contando... — E ri muito.

Ah, sim, o tal Hans Baden, o babaca! Nunca pensei que um apelido caísse tão bem numa pessoa.

Eu continuo a circular entre os convidados, sempre evitando o canto onde Antonio está, até que Arantes faz um movimento nos chamando de volta à copa.

— Eu quero que cada uma de vocês pegue uma bandeja de taças. — Aponta para Suzana e Débora. — E você fica com a

badeira com a Dom Perignon. — Mostra-me o champanhe envolvido num guardanapo de linho e dentro de um balde de gelo. — Quando eles fecharem o negócio, vamos começar a distribuir as taças, e eu servirei.

Eu concordo e pego a bandeja, colocando-me ao lado de Suzana, encostada à parede ao fundo da sala de jantar.

— Construímos um nome aqui no Brasil — afirma o coroa, que está acompanhado por sua esposa. — E, como representante do grupo Haldon, é com enorme prazer que anunciamos a aquisição dos nossos hotéis nesse país pelo Grupo Villazza, renomada rede internacional de hotéis de alto padrão fundada em 1948 na Itália e aqui representada pelo COO — Diretor de Operações —, Senhor Antonio Andretti Villazza.

Putá que pariu! A bandeja começa a tremer em minhas mãos, pois não bastava

PERIGOSAS

que ele fosse *apenas* um hóspede no hotel que eu trabalho. Não, desgraça pouca é bobagem, ele tem que, agora, tornar-se *meu novo chefe!*

NACIONAIS - ACHERON



Escuto os aplausos, mas não estou prestando atenção a mais nada, pois minha mente entrou em colapso e o meu corpo não para de tremer ante o que eu descobri nesse momento. Se eu achava que já era antiético me envolver com um hóspede, imagina no que se transformou agora? E o pior, as possibilidades de que ele descubra que eu

NACIONAIS - ACHERON

menti para ele são consideráveis.

Eu não sei qual será o comprometimento dele com o Haldon — agora Villazza Barra da Tijuca — e com o tratamento direto com o pessoal, mas, visto que eu nunca conheci ninguém da diretoria até hoje, creio que ele não terá esse tipo de contato comigo. Porém, isso não tira a insegurança que sinto.

Antonio está falando agora, e tento prestar atenção para saber que rumo ele tomará. *Será que pensa em ficar por aqui?*

— ...há trinta anos no Brasil, com sede estabelecida em Curitiba, onde fundamos o primeiro hotel Villazza brasileiro. Hoje, a rede se espalha pelas principais cidades sul-americanas e, com a aquisição da Haldon no Brasil, seremos uma das maiores redes desse segmento no país, com hotéis no Sul, Sudeste e Nordeste. Mas a rede não para de crescer, e já estamos

construindo hotéis em Brasília e em Cuiabá. — Novos aplausos. — Eu agradeço à equipe do Haldon, na pessoa do Senhor Whitters, pela ótima negociação que tivemos, bem como o empenho demonstrado para uma transição tranquila, principalmente para os funcionários, que são a alma de um bom hotel. — Ele aponta para Hans Baden, e esse concorda com suas palavras.

O quê? Esse babaca arrogante cuidará do pessoal? Penso em todas as vezes em que eu vi uma empresa mudar de dono e na quantidade de pessoas que foram mandadas embora, e um frio sobe pela minha espinha. Eu já tenho a experiência necessária para conseguir uma colocação em outra rede, mas já sofro por antecipação só em pensar em voltar para a fila dos desempregados.

O Senhor Whitters e Antonio

apertam as mãos, e vejo Arantes fazendo um sinal para que eu vá até eles com o champanhe. *Oh, meleca!* Não tenho escolha, a não ser que queira ser demitida já, e tento controlar meus passos até onde eles estão. Eu me sentiria segura com o uniforme de camareira, principalmente por causa da touca, mas vestida com a blusa de seda branca, saia lápis preta, *scarpins* e apenas um coque no cabelo, sinto-me como se estivesse nua.

Não terá como eu estar tão perto dele e não ser reconhecida. *Deus, o que ele fará quando me ver? Ficará somente surpreso, ou eu terei que enfrentar uma expressão de desprezo?*

O Senhor Whitters sorri para mim quando me aproximo, e Antonio me encara pela primeira vez na noite. Eu queria poder evitar seu olhar para me poupar de qualquer dor que eles poderiam causar, mas como é

ele quem vai estourar o champanhe, não posso evitar.

Os olhos verdes que eu adoro estão me olhando a princípio com curiosidade, mas depois com absoluta incredulidade. *Ele me reconheceu, com certeza!*

— Obrigado — diz com sua voz extremamente grave.

Ele pega o champanhe e o estoura, colocando seu conteúdo nas taças que Whitters pega na bandeja de Suzana. Há uma sucessão de aplausos, e eu percebo que Arantes já está com outra garrafa, servindo aos convidados. O balde com gelo está vazio, e eu penso em me retirar e sigo em direção à copa.

— Senhorita Santos, a garrafa! — o gerente me lembra.

Viro-me para retornar, ficando cara a cara com Antonio. Ele se aproxima de mim, percebendo que eu não consigo me

mover, pois estou visivelmente trêmula. Estendo a bandeja, e ele coloca a garrafa, praticamente vazia, dentro do balde de prata.

— Seu nome — ele sussurra com a voz demonstrando a raiva que está sentindo.

— Marina Morena dos Santos, Senhor Villazza — respondo sem olhá-lo.

— Pode ir. — Dispensa-me como se eu fosse um mero aborrecimento e volta a conversar com seus convidados.

Eu não sei como consegui chegar à copa, mas desabo assim que piso aqui. Entro na pequena câmara fria para tentar me acalmar, enquanto as lágrimas jorram sem parar. Não consigo respirar, e uma dor física em meu peito me faz agachar no chão gelado. Eu posso até não o ter olhado nos olhos, mas pude sentir o desprezo em sua voz, e isso me despedaçou completamente.

— Marina? — escuto Suzana me

chamar.

Limpo as lágrimas e saio da câmara segurando o caviar.

— Ah, quem bom que já está pronto! — Ela pega o *bowl* de cristal com gelo e o suporte para o caviar, mas para ao ver minha expressão. — Algum problema?

— Não, só estou cansada, pois dobrei o turno hoje e não pensei que fosse sentir tanto. — Tento não chorar.

— Sente-se um pouco, agora as coisas já estão acabando. Se você quiser ficar por aqui, não vejo problema, pois pode ir adiantando a louça. — Aponta para os copos e taças em cima da pia.

Não são muitas, visto que Débora, vez ou outra, ia limpando o que voltava da suíte. A ideia é boa, pois assim eu evitarei o olhar e o julgamento de Antonio, terminarei meu turno sem incidentes e não prejudicarei Cidinha, que me indicou para a função.

Começo o trabalho, aproveitando para me concentrar em algo e esquecer a confusão na qual estou metida. Lavo a louça, seco-a e já vou guardando os utensílios nos armários e encaixotando os que são da cozinha. Não sei quanto tempo se passa, mas as meninas voltam com mais louça suja e com o caviar quase no fim.

— Não sei como gostam tanto disso! — ouço Débora comentar. — Você viu nosso novo chefe? Uau! — As duas riem. — Como será que ficarão os funcionários?

— Acho que marcarão uma reunião coletiva para anunciar a mudança. — Eu não tinha notado que Arantes estava de volta, já que estou de costas para a porta. — Mas não se preocupem, eles não devem mexer no quadro.

— Tomara! — Suzana parece não ter certeza quanto à sua afirmação.

Começamos todas a trabalhar juntas,

PERIGOSAS

enquanto Arantes vai conferindo os itens encaixotados e as sobras dentro da câmara fria. Eu evito conversar ou mesmo olhar para as duas, pois sei que meu rosto está denunciando que algo não vai bem comigo, e eu não quero especulações e perguntas. Só quero que essa noite acabe o mais depressa possível!

Entro em meu apartamento e jogo a bolsa em cima da poltrona. O relógio marca 1h15 da manhã, e eu tenho vontade de bater minha cabeça contra a parede, pois novamente estou há mais de 24 horas acordada. Sigo direto para o banheiro e demoro uma eternidade embaixo do chuveiro enquanto toda a tensão vai deixando meu corpo devagar.

Não seguro mais o choro, deixo todo esse sentimento sair, porque, como eu afirmei mais de uma vez, não quero também

NACIONAIS - ACHERON

carregar essa perda. Não posso ter isso dentro de mim, pois sabia que essa relação não tinha futuro desde o início. Contudo, sinto meu coração quebrado.

Sento-me no chão do boxe e abraço minhas pernas. Eu sei que menti para ele, que omiti o fato de eu trabalhar no Haldon e de já tê-lo visto antes da noite da boate, que sou apenas uma camareira e não uma universitária, como afirmei. Tento justificar a reação que Antonio teve ao descobrir a verdade dizendo para mim mesma que ele devia ter ficado decepcionado, mas isso não impede que eu sinta dor, não impede minhas lágrimas de caírem.

Vou para a cama e me enrolo nas cobertas, sentindo-me fria, sozinha e burramente apaixonada por um homem que nunca poderá ser meu.

Ligo para Cidinha e aviso que não

vou trabalhar, pois eu dobrei o turno ontem. Ela diz não ter problema e me pergunta se estou bem, percebendo que minha voz não está normal.

— Não, mas vou melhorar, não se preocupe! — *Tenho fé nisso.* — É só um mal-estar pelo dia de ontem.

— Então descanse! Vejo-a amanhã.

Não tenho ânimo para sair da cama, mas tampouco volto a dormir, pensando que, a qualquer momento, Antonio estará fazendo o check-out e voltando para sua vida de diretor de hotéis de alto luxo no Sul do país. Arrasto-me até a sala e ligo a TV para assistir aos noticiários da manhã.

Duas horas depois estou na mesma posição no sofá e não faço ideia da programação que está passando na televisão, porque meus pensamentos estão fixos em tudo o que eu vivi durante aquele final de semana. *Um único final de semana*

foi capaz de me deixar assim!

Ouçõ o interfone tocar, mas não atendo. Não quero ver ninguém, não sou boa companhia agora, pois preciso me refazer para continuar a minha vida. Eu não queria que as coisas tomassem o rumo que tomaram, mas admito que assim ficará mais fácil me conformar com o término desse idílio amoroso.

Todavia, isso me dói e é prova suficiente de que estou mais envolvida do que deveria, levando-se em consideração a precariedade desse relacionamento. Jogo a cabeça para trás e bufo de raiva, pois odeio sentir autopiedade. Entendo que a vida não é um mar de rosas, a minha nunca foi, e eu deveria estar mais forte para suportar as porradas do destino.

Levanto-me para comer alguma coisa na cozinha, e meus olhos captam o pedaço de papel pendurado na porta da

PERIGOSAS

minha geladeira, preso por um ímã de coração. Vou até ele, recusando-me a lê-lo pela milésima vez, amasso-o e o jogo no lixo. *ACABOU! Chega de pensar em tudo isso, foi só uma experiência boa, uma foda boa e nada mais. Eu posso encontrar outro homem tão bom quanto aquele, se estiver carente de sexo. Não preciso dele, não preciso!*

O interfone toca de novo, e eu o ignoro mais uma vez. *Dane-se!*

Volto ao meu quarto, separo uma roupa para ir à praia, confiro a validade do meu protetor solar – porque há muito tempo que eu não o uso – e começo a trocar minha roupa. Não vou me deixar abater, preciso crescer e aprender a lidar com relacionamentos superficiais de uma vez. Esse não vai ser o único cara da minha vida que irá me fazer gozar e depois seguir seu caminho em outro lugar.

NACIONAIS - ACHERON

Decido aproveitar meu dia extra de folga e descansar no melhor lugar do mundo, à beira do mar. Separo um livro e o coloco na minha bolsa junto com meus documentos e algum dinheiro. Visto um vestido por cima do biquíni, coloco um chapéu, ponho sandálias Havaianas e me olho no espelho. Maravilhoso!

— Falta somente um detalhe. —
Procuro meus óculos de sol e os coloco.

Sorrio para a imagem *normal* que eu estou passando para mim mesma. Nada de olhos inchados e vermelhos de chorar, o que eu vejo é uma bela jovem que vai curtir um dia de praia sem preocupação e sem tristeza. *Adiante!*

Decido ir para o Leblon, pois não é uma praia que eu costumo frequentar. Geralmente vou para a Praia da Reserva, na Barra da Tijuca, ou para Ipanema. Contudo, hoje não quero fazer nada que eu já esteja

PERIGOSAS

acostumada a fazer, quero curtir um dia diferente.

Embarco no ônibus, já lotado às 10h da manhã, e distraio minha mente com o livro que coloquei na bolsa. Salto na Rua Cupertino Durão e vou caminhando rumo ao posto 11. A praia não está cheia, pois estamos em plena segunda-feira. Eu abro minha canga na areia e desmonto em cima dela. O sol de setembro já está quente e, embora eu saiba que esse não é o horário ideal para estar torrando debaixo dele, é onde eu quero estar.

Um barraqueiro me oferece o aluguel de um guarda-sol, e eu aceito, protegendo-me um pouco do sol e me ajudando a ler o livro. Algumas horas depois, com o livro já finalizado e duas águas de coco tomadas, eu consigo, enfim, sorrir sem estar forçando, relaxada e conformada com o que aconteceu.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— É vida que segue! — digo a mim mesma, arrumando minhas coisas para voltar para o Méier.



Quatro meses depois.

— Caramba, como isso aqui está lotado hoje! — Lídia comenta entrando no refeitório dos funcionários. — Parece que todo mundo resolveu vir comer ao mesmo tempo!

— Nossa, tá de TPM hoje, Lídia? —

PERIGOSAS

Olha-me com a cara feia. — Estou ouvindo você reclamar desde que chegou!

Ela bufa quando Alice e Vivi concordam.

— Estou nervosa com todas essas mudanças de protocolo por aqui. Ainda não me acostumei a isso.

Desde que a Rede Villazza comprou a Rede Haldon no Brasil, mudanças sutis começaram a ser feitas nos hotéis, e no do Rio de Janeiro não foi diferente. Agora trabalhamos em horários de turno e não há equipe dividida por andares e apartamentos. Tudo isso ficou a cargo da necessidade do hotel, e a governanta é quem divide as equipes. Eu estou escalada em dois turnos, como a maioria das meninas, fico quatro dias trabalhando no horário diurno e tenho dois dias de plantão na madrugada. Eu gostei do arranjo, porque assim eu consigo ter mais tempo para organizar a minha vida,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

como voltar a estudar.

Além disso, as funcionárias que são mães, como Vivi, recebem auxílio creche-escola, além da ampliação do plano de saúde para a família, incluindo cônjuges e filhos, pois antes era somente para o funcionário.

Nosso horário de almoço agora é respeitado, almoçamos dentro do hotel e podemos sair dentro do período de uma hora, mas, para quem prefere ficar, foi criado um espaço com televisão e sofás, local este que eu aproveito todos os dias para estudar.

Ainda não retornei à faculdade, mas minha previsão é de que, no próximo semestre, eu retorne às salas de aulas. Decidi fazer um curso de inglês e estou empenhada nos estudos, sabendo que isso pode alavancar meu currículo. Entrei em uma turma avançada, fiz uma prova de

NACIONAIS - ACHERON

nivelamento e o inglês que eu havia estudado quando adolescente ainda estava fixo em minha mente. *Graças a Deus!*

Estão sendo abertas vagas administrativas para os novos hotéis da rede no Centro-Oeste, e eu estou interessada em ingressar em uma dessas vagas, mesmo que para isso eu precise deixar o Rio, o que, na verdade, não é tão difícil para mim, pois não há nada, além de alguns amigos, que me prenda nesta cidade, por isso solicitei até mesmo uma avaliação do meu apartamento para que, se eu realmente for embora, possa alugá-lo.

O corretor me aconselhou a vendê-lo, mas eu nunca poderia me desfazer desse bem comprado com tanto sacrifício pelos meus pais. No entanto, acho que uma mudança de ares será positiva para mim.

É verdade que não estou apostando todas as minhas fichas na Villazza, mesmo

PERIGOSAS

porque acho que o ideal é sair da empresa depois do ocorrido com Antonio, por isso estou enviando currículos a outras redes hoteleiras, até as do Nordeste.

É vida que segue! Eu estive tanto tempo paralisada que agora sinto uma vontade gigante de mudança. Suspiro, remexendo na minha comida, sem vontade de comer.

Não vou dizer que está tudo ótimo e cor-de-rosa, pois seria uma mentira. Eu sonho com Antonio quase todas as noites. Pensei que iria me livrar das poucas lembranças, mas elas estão gravadas dentro de mim e insistem em retornar, mesmo que eu não queira, em forma de sonhos impossíveis.

Nas semanas após nosso constrangedor encontro na Presidencial, eu saí com Clarissa e com outros amigos, mas todo homem para quem eu olhava com mais

NACIONAIS - ACHERON

atenção tinha o mesmo tipo físico de Antonio. Então desisti de tentar achar uma nova aventura e preferi deixar rolar; se estivesse na hora de eu achar alguém, ele apareceria sem eu forçar a barra.

— Nós vamos dar um pulinho rápido no shopping, você vem conosco? — Vivi me pergunta.

— Não. — Deposito os talheres no prato. — Vão e divirtam-se, eu vou ficar um pouco na sala de descanso.

Saio do refeitório junto com elas, mas nos separamos, elas em direção ao vestiário, e eu para a salinha reservada para o horário de almoço. Sento-me em uma das mesinhas com quatro cadeiras e abro meu livro de inglês para estudar o capítulo da semana.

Cidinha aparece à porta da sala e, quando me vê, resolve se juntar a mim.

— Ah, ótimo — ela diz depois de

me cumprimentar. — Eu estava mesmo querendo falar com você.

— Algo errado? — Ela tem toda a minha atenção nesse momento.

— Não, não. — Entrega-me um papel. — Recebi esse memorando da Gerência de Hospedagens. Eles vão selecionar duas pessoas para a Central de Reservas.

— Acha que tenho chance? — pergunto animada.

— Tenho certeza que tem! — Ela me entrega o memorando. — A Villazza tem como política aproveitar os funcionários em outras funções, promover internamente e fazer o colaborador crescer dentro da empresa. É sua chance de melhorar.

Eu a abraço, agradecida e animada. Ela me dá um beijo rápido e se despede, deixando-me aqui sozinha, mas cheia de

sonhos.

Fiz minha inscrição no processo seletivo e estou aguardando uma resposta sobre a minha entrevista, que foi há quase uma semana, quando sou chamada, em horário de expediente, para ir até a Gerência de Hospedagem, onde fica a Central de Reservas.

Penso no dia em que fui entrevistada por Paulo e acho que fiz tudo o que tinha aprendido sobre entrevistas de emprego, fui calma, respondi às perguntas com clareza e não menti, nem mesmo quando ele perguntou se eu falava inglês fluente.

Estou sentada numa salinha de espera aguardando o resultado da entrevista, e junto comigo estão mais três moças que também trabalham no hotel, porém em funções diversas.

A Central de Reservas é um setor

concorrido, porque, além do serviço ser completamente em horário administrativo, há vagas para atendente e para o cadastro de hóspedes, e todas essas atividades são exercidas em uma sala com ar-condicionado e apenas em horário comercial.

Entretanto, a maior vantagem é estar dentro da Gerência de Hospedagem, pois ligados a essa estão os cargos de *concierge*, gerente de hospedagem, gerente de recepção e outros cargos de supervisão, todos muito valorizados. Ou seja, há como ter boas promoções e melhorar o salário.

— Marina, você é a próxima —
Andrea, a secretária do gerente de hospedagem, anuncia, e eu me preparo para entrar e receber a notícia sobre a vaga. *Por favor!*

— Sente-se, Senhorita Santos. —
Paulo me indica uma cadeira. — Nós

gostamos muito de sua entrevista e realmente você tem muito potencial para integrar a Central de Reservas, porém, nosso hotel recebe inúmeros hóspedes de outros países que não sabem o português, e a fluência em uma segunda língua é primordial para a vaga que temos aberta.

Eu assinto, chateada, mas continuo com o sorriso pregado na cara.

— Eu ouvi muitos elogios sobre você da Governança, do pessoal das Relações Sociais e até da Gerência Executiva. Todos concordam que você está pronta para atuar em outra área dentro do hotel. — Meu coração dispara ao ouvir isso, feliz por eu ser reconhecida. — Porém, como eu disse, para essa vaga infelizmente você ainda não tem a qualificação necessária.

— Obrigada mesmo assim — respondo sincera, mas triste por não ter

conseguido.

— Ah, mas como eu disse também...
— ele me entrega uma folha — achamos que você está pronta para ir mais longe, e eu enviei seu currículo e suas recomendações para a Central Geral de Vagas da Villazza, e eles retornaram de forma positiva.

— O que isso significa? — Meu coração parece querer saltar do peito.

— Significa que eles te querem no setor administrativo da Gerência de Produtos do Villazza Convention, em Curitiba.

O quê?!

Ele ri ao ver minha reação assustada diante da notícia. Não pode ser sério, Antonio não faria isso! Ou será que ele não fez? Eu não sei o que pensar disso.

— Estou sendo transferida?

— Não — ele enfatiza a palavra. — Aceitar ou não é sua decisão, não mudará

PERIGOSAS

em nada o emprego que você já tem conosco, caso negue. Mas, convenhamos, quando você terá outra oportunidade como essa? — Olha-me como se eu tivesse sete cabeças. — Está pensando em recusar? — Ele olha meu currículo. — Aqui diz que você tem disponibilidade de morar em outros estados... — Olha-me confuso.

Recusar? Então eu posso? Não estou sendo acuada a ir? Fico indecisa sobre o que responder. Ele me mostra, na folha que me entregou, a proposta salarial, e eu tenho a segunda surpresa do dia, pois o salário é muito bom, mais que o triplo do que eu ganho hoje. *Droga!*

Curitiba, quem poderia imaginar? Eu entro num táxi — laranja, não amarelo como estou acostumada — e digo ao motorista o endereço da pensão na qual fiz reserva. Peço-lhe que diminua a temperatura

NACIONAIS - ACHERON

do ar-condicionado, porque eu estou com calor, afinal estamos em pleno verão.

Olho minha lista, escrita na minha agenda, e os últimos itens ainda sem *ticks* são: “alugar um apartamento” e “ficar longe de Antonio”. Suspiro, pensando na loucura que eu posso estar fazendo, mas nunca fui covarde e não tenho nada que me envergonhe por ter aceitado essa nova colocação, embora eu não a entenda muito.

Há três semanas eu estava sentada na sala da Gerência de Hospedagem pleiteando uma vaga para trabalhar como atendente de reservas. Obviamente fui negada para a vaga porque “estar estudando” é diferente de falar inglês fluentemente. No entanto, o mais incrível da história toda é que eles tinham outra colocação para mim, no Sul, e com salário maior ao da que eu havia me candidatado.

É claro que eu fiquei receosa e

desconfiada daquilo, pedi um tempo para pensar, e o Senhor Paulo me deu a infinidade de *um dia*. Voltei ao trabalho totalmente desconcentrada e ansiosa, procurei por Cidinha até encontrá-la em reunião com o pessoal da lavanderia e costura. Só consegui falar com ela mais tarde, pelo telefone, e tudo o que ela me disse foi para fazer o que eu achava que seria melhor para mim.

Consultei todas as minhas economias, que eram poucas, fiz um inventário do que eu podia vender do apartamento, principalmente coisas que eu comprei após o falecimento de papai e liguei para o corretor de imóveis para que, caso eu aceitasse, já estivesse com o apartamento para alugar.

Passei a noite insone, mas tomei a decisão de aceitar o desafio, mudar-me para outro estado e, talvez, progredir, fazer

PERIGOSAS

carreira e conhecer novas pessoas. Não que eu não quisesse ficar no Rio; eu queria ficar na minha cidade para sempre, onde eu nasci, cresci e tive os melhores e os piores momentos da minha vida, mas mudar me ajudaria a seguir em frente.

Quando cheguei ao hotel, agi normalmente, troquei-me, ouvi as recomendações de Cidinha e subi para as suítes a fim de fazer a limpeza e organização. Quando notei que já eram 9h da manhã, fui até a Gerência de Hospedagem.

Lá, o Senhor Paulo me recebeu e ficou feliz por minha decisão, enviando-me para o RH para maiores detalhes. Eu conhecia o pessoal dos Recursos Humanos da época da minha contratação, mas depois disso nunca mais tive contato com eles.

Fui atendida por uma moça, Silvana, que me explicou que eu estava sendo

NACIONAIS - ACHERON

demitida e recontratada, pois, embora pertencessem ao mesmo grupo, os hotéis eram independentes, e com isso eu iria receber uma boa indenização. Ela me informou ainda que eu tinha férias vencidas que eu deveria tirar, pois a vaga lá no Sul seria preenchida somente no outro mês.

Eu peguei todas as informações, bem como a lista com os documentos que seriam enviados a Curitiba e voltei ao trabalho para cumprir meu último dia naquela função e naquele hotel.

Chorei quando contei às meninas sobre a transferência, mas elas, que estavam torcendo para eu ser agente de reservas, ficaram muito felizes, embora a “promoção” significasse eu ir embora. Cheguei a casa e liguei para o corretor, autorizando o anúncio do apartamento e marcando uma reunião com ele para o dia seguinte.

E nas três semanas seguintes, eu

PERIGOSAS

fiquei colocando meus itens pessoais em malas, retirando todas as lembranças do apartamento – que eu iria locar mobiliado –, encaixotando-as e colocando no porão do prédio, numa área própria dos apartamentos, onde os outros moradores usam para guardar bicicletas, carrinhos de bebê, etc.

Prometi a mim mesma que, quando eu estivesse estabilizada no novo emprego, contrataria uma empresa para transportar tais itens até Curitiba, pois naquelas caixas estavam boa parte da minha história de vida e as lembranças dos meus pais.

Embarquei num ônibus – com lágrimas nos olhos, confesso – para começar a jornada de mais de 12 horas de viagem rumo à capital do Paraná. E aqui estou, a caminho de um bairro que não sei onde fica, numa cidade que eu não conheço, habitada pela única pessoa no mundo que eu achei que nunca mais veria. *As voltas que a*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vida dá!

O taxista, bem diferente dos cariocas, pois não puxou assunto comigo nenhuma vez durante o trajeto, para em frente a uma enorme casa antiga, e eu reconheço a fachada que vi na internet. Ele desce, tira as malas — são quatro! — do porta-malas, vem até mim para receber o pagamento pela corrida, agradece, mas não dá um sorriso. *Já sinto saudades do Rio!*

Uma senhora idosa aparece ao portão antes mesmo que eu toque no interfone e me saúda com esse sotaque cantante que eu sempre achei uma graça.

— Bom dia! — Retribuo o cumprimento. — Eu tenho reserva no nome de Marina Morena dos Santos.

— Ah, a carioca! — Ela abre o portão e me abraça, e eu, surpresa com a recepção, penso que não posso chegar cheia de preconceitos a uma cidade, afinal, cada

NACIONAIS - ACHERON

pessoa é de um jeito e não é justo generalizar. — Vou chamar meu sobrinho para ajudar com as malas, mas entre!

O local é grande, arejado e antigo, mas muito bem conservado. Ruth Podleski me conta que ele pertence à sua família há gerações, desde que seu avô veio da Polônia para o Brasil e se estabeleceu aqui, no bairro Santa Cândida.

— Eu não conheço nada na cidade — conto quando ela começa a falar dos lugares como se eu os conhecesse.

— Ah! Então tens que ir primeiro aos parques! Você vem de férias ou a trabalho?

— A trabalho. Começo semana que vem, mas ainda preciso me acostumar com o traslado até lá e procurar um apartamento.

— Então vieste para ficar! Ah, guria, vais adorar!

Entro num quarto muito simples

perto das acomodações a que eu estava acostumada a limpar, mas extremamente limpo, organizado e com banheiro próprio. Quando fiz reserva, optei por ter meu próprio banheiro, receosa de ter que compartilhar algo tão íntimo com outros hóspedes.

— Tenho certeza que sim, Senhora Podleski. — Eu tenho muita esperança de que aqui eu consiga restabelecer minha vida.

Nos dias subsequentes à minha chegada, eu fiz exatamente o que eu havia dito àquela senhora, fui conhecer a cidade, munida com um aplicativo de celular que me dava informações como trânsito, horários de ônibus e trajeto. Eu não escolhi ficar em Santa Cândida a esmo, na verdade o que me levou a escolher o bairro foi a proximidade com o meu trabalho, no Batel,

e o preço da diária.

Leva em torno de uma hora de ônibus até a Estação Tubo Bento Viana, já nas proximidades do Villazza Convention Curitiba. Marquei o tempo que levaria a pé até a entrada do hotel, menos de cinco minutos, e anotei a fim de escolher o melhor horário do coletivo para chegar a tempo do início da minha jornada de trabalho.

Só então eu pude olhar para o hotel cinco estrelas à minha frente. A fachada é tão luxuosa quanto a do Rio, mas com mais andares, visto que também possui salão de festas, mas, além disso, há vários *business centers* acoplados a uma enorme sala de convenções.

Senti a pulsação aumentar com a ansiedade de fazer parte daquela equipe, de estar lá, participando do dia a dia do hotel. As batidas aumentaram ainda mais quando pensei que ali também estava o homem que

PERIGOSAS

conseguiu balançar meu coração de tal forma que, meses depois de ter ido embora, ainda me lembro de todos os detalhes dos nossos momentos juntos.

Dali fui ao centro da cidade, visitei a famosa Rua XV de Novembro, cartão postal da cidade por causa do Palácio Avenida, onde acontecem atos de Natal. Passei num jornaleiro e comprei classificados, já à procura de um apartamento, mas sem muita ajuda. O melhor seria ir até algumas imobiliárias.

Nos outros dias eu visitei alguns pontos turísticos, como a Ópera de Arame, o Jardim Botânico com seu lindo Palácio de Cristal, o Parque Tanguá, onde fiz passeio de barco, e o Bosque Alemão, com sua natureza exuberante que me encantou. Porém, Curitiba tem tantos parques e áreas de visita — como os estádios e praças — que eu não conseguiria ir a todos em alguns

NACIONAIS - ACHERON

poucos dias.

No entanto, uma coisa eu tenho que admitir, o transporte público aqui é realmente coisa de outro mundo. *Emoji com corações nos olhos!*

O final de semana passou tão rápido que, agora, quando ouço a vinheta ao final do Fantástico, sinto uma crise de ansiedade me abater de tal modo que mal consigo ficar deitada na minha cama. *Amanhã, Marina, é o começo do restante da sua vida!*



Aqui estou eu, novamente em uma sala de espera para começar meu primeiro dia de trabalho em um grande hotel. Claro, as circunstâncias são bem diferentes das da primeira vez, mas a sensação de nervosismo pelo que virá é a mesma.

Para esse dia importante, eu achei melhor me produzir com esmero. Estou

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

usando um terninho preto e blusa de seda branca com detalhes bem femininos de renda, *scarpins* e uma bela bolsa – a minha primeira Louis Vuitton, ainda que comprada de segunda-mão num bazar pela internet –, meus cabelos estão soltos. Cortei alguns centímetros deles, e agora estão um pouco abaixo dos meus ombros.

Pensar em meus cabelos me faz querer balançar a cabeça como num comercial de xampu, porque eu realmente amei o corte que o cabelereiro fez, com camadas desfiadas, conferindo leveza e forma a um cabelo pesado e reto.

Maquiei-me com cuidado – confesso que olhei alguns tutoriais na internet –, utilizando todos aqueles cosméticos e pincéis – que eu nem sabia que existiam – e notei que meu rosto ficou mais vivo, mais marcado com contornos escuros e claros nos lugares adequados. Realmente ressaltou a

NACIONAIS - ACHERON

minha aparência.

Nunca pensei que estar bem com a roupa e com a maquiagem fizesse tanta diferença, mas faz, sim. Sinto-me segura, confiante, mulher!

— Senhorita Santos.

Sinto um arrepio de antecipação na espinha e entro na sala.

— Que bom recebê-la aqui! Sente-se. — Sento-me na cadeira de couro preta, conforme ele me indicou. — Sou Paolo Boldini, gerente de recursos humanos do hotel. — Eu o cumprimento. — O pessoal do CHRO¹³ recomendou seu nome para a vaga, e ficamos satisfeitos ao ver seu comprometimento com o trabalho e seu bom desempenho em equipe. É política do hotel promover internamente seus funcionários, e, no seu caso, foi uma promoção que também nos beneficiou. — Ele aperta um botão em sua mesa e,

segundos depois, sua secretária está na sala conosco. — O marido de uma de nossas melhores funcionárias foi transferido para o Rio de Janeiro, e ela ia nos deixar por conta disso, mas, como se trata de alguém que começou aqui conosco também como camareira, nós estávamos relutantes em deixá-la ir.

Eu fico encantada com a história por saber que uma funcionária que foi camareira, como eu, tem tanto prestígio com os *chefes*.

— Sua vinda para cá nos fez pensar em oferecer um posto a ela no Rio e, claro, ela aceitou. — Ele olha para a moça ao seu lado. — Erka, por favor, leve a Senhorita Santos até a Layla Bennett. — Ele se levanta, e eu o sigo. — Seja bem-vinda à família Villazza Convention.

— Sou eu quem agradece! — Aperto sua mão estendida.

PERIGOSAS

Saímos, eu ao lado dessa *enorme* mulher ruiva, a andar pelos lindamente decorados corredores da parte administrativa do hotel.

— Layla está esperando-a para lhe ensinar o trabalho. — Ela começa o assunto. — Ela ficará mais uma semana conosco e depois irá para o Rio de Janeiro.

Eu apenas concordo com a cabeça.

Entramos em uma sala cheia de estações de trabalho com computadores, impressoras e muitos, muitos armários. Eu fico assustada ao ver tantas coisas e tantas pessoas num mesmo ambiente.

— Layla — ela chama uma mulher que deve estar na casa dos 30 anos, baixa, magra e de enormes olhos azuis. — Aqui está a Senhorita Santos, que veio para assumir suas funções.

Layla abre um sorriso do tamanho de um estádio de futebol.

NACIONAIS - ACHERON

— Olá! Seja bem-vinda! Sou Layla Bennett, agente de eventos.

— Obrigada. É um prazer, eu sou Marina Morena dos Santos.

— Ah, nome musical. — Ela ri. — O meu também! Eric Clapton¹⁴. — Rola os olhos.

Eu rio, já gostando dela.

— Vem comigo, que vou lhe mostrar sua nova mesa e tudo no que tenho trabalhado. — E se vira para a outra moça que me acompanhou. — Obrigada, Erka!

Sua estação conta com um computador, teclado e mouse sem fio e muitas agendas físicas e digitais.

— Nós trabalhamos para a Gerência de Produtos, que é ligada a CPO – a Diretoria de Produtos – da Rede Villazza. Eu não sei o quanto você viu das atribuições de um agente de eventos, mas vou explicar na prática. — Ela me indica uma cadeira. —

PERIGOSAS

Nós somos um centro de convenções, além de um hotel, então precisamos de pessoal para gerir e organizar essa parte, e é isso que nós fazemos. Somos responsáveis pelo agendamento, captação de eventos, organização em geral, trabalhando com a empresa que vem fazer a convenção ou reunião, e o que eu mais gosto, somos responsáveis pelo Salão Royal, o salão de festas do hotel.

Ah, meu Deus! O Villazza Rio não tem centro de convenções, mas tem salão de festas, e eu sei da correria em que o pessoal vive. Eles têm que lidar com empresas de buffet, com noivas, debutantes e convidados bêbados querendo fazer bagunça no hotel.

— Eu sei que parece estressante. — Ela faz uma careta. — Na verdade, é um pouco, mas você se acostuma rápido! E quando se acostumar, vai amar, com certeza! Somos uma equipe de três agentes

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e ficamos em contato direto com nosso público-alvo, ou seja, empresas de marketing, organizadores de convenções ou empresas de buffet.

— Eu estou ansiosa para aprender. Obrigada por fazer isso por mim!

— Disponha! Eu que estou feliz por entregar meu trabalho para uma pessoa tão bacana! — Ela liga o monitor. — Vou começar te mostrando os softwares que usamos.

Passamos a manhã inteira mexendo e remexendo no computador. Aprendo a lidar com a agenda, que não é simples, pois é ligada à CPO e ao gerente. Ela me mostra dados como os da divulgação dos eventos, responsabilidade das empresas locatárias do espaço, mas para a qual o hotel dá suporte, seja somente na divulgação em si ou com descontos para hospedagens, traslado e outros produtos.

NACIONAIS - ACHERON

É hora do almoço, e conheço as outras duas agentes como eu, Bárbara, alta, negra e de corpo escultural, e Quênia, branca, cabelos castanhos e olhos azuis, com as quais simpatizo logo de cara. São tão divertidas e com sotaques tão carregados que me fazem lembrar de Lídia, com seu jeito louco e sotaque mineiro.

Voltamos à estação, e eu trabalho com Layla marcando meu primeiro evento, e não um pequeno, mas uma convenção nacional de cinco dias de duração. Estamos tão entretidas que nem vemos a hora passar, mas algo me desconcentra.

É a *Barbie* do coquetel no Haldon, que está passando pelo corredor envidraçado e entrando na sala do nosso gerente, ao qual eu ainda não fui apresentada.

— É Kelly Pearson — Layla me informa. — É a CCO¹⁵ da rede, a diretora de
NACIONAIS - ACHERON

comunicação.

Eu apenas balanço a cabeça em entendimento e volto a prestar atenção ao monitor.

— Bennett — ouço um homem chamar.

Ele é alto, musculoso e, ao que parece, bem rebelde. Não usa terno, mas sim uma camisa e calça jeans, sua barba é comprida e seus braços, tatuados.

— Senhor Mlody. — Ela se põe de pé, e eu a sigo. — Pois não?

— Recebemos o agendamento da Hart's. Parabéns. — Ele se refere ao nosso agendamento de cinco dias.

— Marina e eu negociamos com o grupo. — Ela me aponta.

— Ah, caramba! — Ele ri. — Você é a substituta da Bennett! — Aperta minha mão. — Prazer em conhecê-la, sou David Mlody. Ei, Kelly — ele chama

a *Barbie*, que está passando novamente pelo corredor. — Não vá embora ainda! — Volta a olhar para mim. — Eu sou o gerente da área, mas estou de férias. — Escuto a risada de Layla. — Embora venha aqui todos os dias. Seja bem-vinda!

Ele sai, e eu olho curiosa para Layla.

— O caro é um gênio, embora não pareça. Conhece todo mundo do ramo e tem uma organização perfeita. Ele vai durar pouco na gerência, porque o diretor de produtos já está para se aposentar. — Olha no relógio. — Nossa, vamos para casa, nem vi a hora passar.

— Nem eu. — Tento não fazer a pergunta que está martelando a minha mente desde que cheguei, mas não resisto: — Onde ficam os escritórios da rede?

— Aqui. Só que no piso acima. — Ela aponta para o teto. — Todas as diretorias estão lá, mas raramente os

PERIGOSAS

diretores vêm aqui, porque, quando querem algo, tratam direto com os gerentes. A rede toma conta de todos os hotéis do Brasil, da Argentina e do Chile. Todos os gerentes se reportam aos diretores, e eles ganham bem o suficiente para não levar problemas corriqueiros para os figurões lá em cima.

Eu sinto uma mistura de alívio e pesar por saber que, embora estejamos tão próximos, ainda existe um enorme abismo entre mim e Antonio.

NACIONAIS - ACHERON



— Marina, o pessoal da comunicação quer saber se você recebeu o material da reunião do grupo Almada — Bárbara me pergunta de sua estação.

— Recebi e já repassei. Houve algum problema? — indago preocupada, pois é só o meu segundo dia aqui sem Layla.

— Não, não. — Ela desliga. — Eles é que são preguiçosos demais para procurar. Aff!

Eu rio.

— Vocês ouviram falar que o Mlody vai subir? — Quênia questiona.

— Ahã — quem responde é Bárbara. — Fiquei sabendo ontem, depois do expediente, lá no Victor.

— Caramba, quem precisa de memorando por aqui? Basta ir ao Victor para o happy hour! — eu comento, lembrando-me do dia em que fui ao barzinho que *todo mundo do hotel* frequenta.

— Minha filha, eu te disse, aquele é *o point*! Sabe quantas vezes eu vi alguns dos diretores aqui em baixo? Duas ou três. No Victor? Quase sempre! — Meu coração pula no peito ao pensar que Antonio poderia ter estado lá naquele dia. — Eu te falo, ele

põe droga na batata e na bebida, só pode!

Eu rio e começo a fazer uma piada, quando vejo a expressão de Quênia. A moça, já branquinha, fica quase transparente, olhando fixo para o corredor.

— Ah, meu Deus, pega o balde, porque vai começar a *babação*! — Bárbara se levanta num pulo.

Eu sigo o olhar das duas, e meu estômago embrulha.

Um homem moreno, alto, porte elegante, vem andando e conversando com outro mais velho e grisalho. Eu não posso acreditar no que vejo. Elas acabaram de dizer que eles nunca descem, mas só pode ser ele!

Bárbara vai para a estação mais próxima do vidro do corredor, e eu vou junto, mas me sento escondida. Eu quero vê-lo, saber se o homem que aparece nos meus sonhos é realmente Antonio ou uma

imagem romântica que eu fiz dele. Contudo, franzo o sobrolho ao notar algumas diferenças.

Os cabelos não estão tão negros, mas com alguns fios brancos — o que é muito sexy —, mas não é como eu me lembrava. Além disso, parece um pouco mais baixo e mais magro. Ele passa perto de onde estamos e olha para dentro, dando um sorriso — um pouco torto, mas totalmente sexy — para Bárbara, que o cumprimenta. Seus olhos definitivamente são castanhos. *Quem é?*

— Ainda está respirando, Babe? — Quênia pergunta em meio a risadas.

— Puta merda, devia ser proibido ter homens assim no mundo! — exclama. — Caramba, Marina, fecha a boca!

Eu volto a mim e a olho.

— Quem é? — faço a pergunta que martela em meu cérebro.

PERIGOSAS

— Ninguém mais, ninguém menos que o CEO, piá! E esse, meu bem, faz jus a todos aqueles gostosos dos livros de romance! Ah, se faz!

— É Francesco Villazza. — Quênia completa. — *O chefão!*

Francesco! Ai, meu Deus, esse é o irmão? Só podem estar brincando!

— Uau! É um exagero mesmo um homem desses! — comento ainda pensando em Antonio... que dupla!

— Filha, nessa família não tem exagero, não! Sobrou para os outros dois ainda, que injustiça, podres de ricos e ainda com essa aparência.

— Ele tem mais dois irmãos? — inquirio como se não soubesse.

— Não, não. Um *casal* de irmãos, Antonio e Giovanna. Antonio é um daqueles homens que, quando você vê, já está aos pés dele pedindo pelo amor de

Deus para ele te comer. É sério! Pergunte a Quênia!

Eu olho para a outra, que está vermelha como um pimentão.

— Aquilo foi sem querer! — Ela ri. — Eu caí sobre ele uma vez no Victor, quer dizer, *alguém* me empurrou. — Olha acusadoramente para Bárbara.

— Mas quem falou foi você — ela sussurra. — Ele perguntou se ela estava bem e se havia algo que ele poderia fazer para ajudá-la, e ela respondeu: “me comer”. — Gargalha.

— Eu estava com fome e baguncei as coisas! Era *vim* comer! Eu sou hipoglicêmica... — Desiste de se defender. — Mas, se ele quisesse...

— Não quis? — pergunto sentindo uma pontada de ciúmes.

— Não. Ele entendeu o que eu quis dizer e pediu uma *Rösti*¹⁶ para mim. —

Suspira.

— Que oportunidade perdida! Mas tudo bem, dizem que ele é meio maluco mesmo!

— Não fale assim, Babe! Todo mundo tem problemas...

Agora eu estou 100 por cento interessada nessa conversa.

— Como assim?

— Ah, nada, conversa fiada, só porque ele fez terapia por alguns anos — Quênia explica.

Terapia?! Ele nunca me pareceu descontrolado ou qualquer coisa assim, mas só estive com ele durante um final de semana, então não posso afirmar que o conheço bem.

— Mas Francesco é pior! O homem é um verdadeiro playboy! — Bárbara suspira. — Sabe, nunca sabemos nada da vida pessoal do Tony, mas o *chefão* aparece

vez ou outra em alguma revista com um mulherão ao lado, mas nunca sabemos se está namorando ou só na *pegação*. Ele simplesmente ignora a imprensa e os sites de fofoca. É uma pena... — Suspira.

— E a irmã? Como ela é?

— Linda. — Bufa. — Quênia e eu queríamos sumir no dia que nos encontramos com ela lá no Victor. Oh, mulher linda, mas nojenta.

— Nisso concordamos. Eu tive o desprazer de trabalhar com ela durante um tempo. Deus me livre! Ainda bem que foi embora para a Itália. — Quênia levanta as mãos em agradecimento.

Voltamos todas à nossa estação de trabalho. Eu não quero que o assunto da família pare, mas Quênia o muda.

— Por que será que *ele* veio aqui?

— Está com o Rhodes — Bárbara responde como se explicasse tudo.

Quênia assente e me explica:

— O CPO¹⁷. Acho que o boato da promoção do Mlody é verdade. — Ela abre um baita sorriso. — Isso quer dizer que vai abrir vaga para o cargo de gerência!

Elas comemoram a possibilidade de promoção, e eu lhes assisto, sabendo que, como a mais nova no setor, não tenho chances de ficar com a vaga, mas torço por qualquer uma delas.

O dia acaba, e elas me convidam para ir ao Victor. Eu, apaixonadamente na esperança de ver Antonio, aceito.

— Eu preciso arranjar um apartamento — comento com elas a caminho do bar. — Eu gosto da pensão, mas não é a mesma coisa que estar num lugar meu.

— É verdade. Vem morar com a gente! — Ela bate palmas ao dizer isso, e

Bárbara a acompanha.

— Vai ser ótimo e vamos poder rachar a despesa por três! Deus sabe como é caro o aluguel no Bacacheri!

— Vocês têm vaga?

— Sim! Quando alugamos, minha prima Suzy e a amiga dela, Maria, vieram de Londrina para estudar aqui, mas elas já se formaram, e o quarto ficou vazio. É suíte!

Eu me animo. Dividir não é o que eu tinha em mente, mas será uma experiência muito boa, e eu nunca mais poderei me queixar de solidão.

— Você já levou seus documentos para a faculdade? — Quênia me pergunta, sabendo que eu quero voltar a estudar.

— Não, eu estou reavaliando meu curso. Não sei se continuo na área jurídica ou invisto em algo relacionado a hotelaria.

Elas concordam.

Bárbara é graduada e pós-graduada

PERIGOSAS

em turismo, e Quênia, em administração, com pós-graduação em gestão de hotelaria. Eu gosto de trabalhar em hotéis, gosto do clima, e o que mais está pesando, no momento, é o fato de eu já ter um emprego no ramo, o que facilitaria, pois galgaria promoções dentro do grupo.

Fico triste ao pensar em desistir do Direito, porque era o sonho dos meus pais, mas minha vida tomou rumos completamente diferentes dos sonhados, e eu ainda estou avaliando a situação, vendo se vale ou não a pena arriscar a continuar com o curso, porque não há área jurídica dentro da rede, uma vez que eles utilizam o serviço de um grande escritório de advocacia.

Às vezes me pego pensando se não planejo ficar na empresa por causa de Antonio, mas descarto a possibilidade lembrando a mim mesma que eu já gostava

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de trabalhar em hotéis quando o conheci. Entretanto, confesso que isso não me convence de todo.

Chegamos ao descolado barzinho especializado em petiscos e bebidas, o Victor, um ambiente todo rústico, em madeira de demolição, com peças de decoração de carros e motos antigos e clássicos. Sentamo-nos a uma mesinha e, assim que pedimos as bebidas, eu me levanto para ir ao banheiro.

Na volta, sou surpreendida por uma voz conhecida.

— Ora, ora! A camareira carioca! — Eu olho para uns olhos azuis e gelados e apenas sorrio educada. — Como se sente na sua nova função? — pergunta Baden, simpático.

Eu o olho assustada, tentando entender como ele sabe que estou trabalhando aqui.

NACIONAIS - ACHERON

— Não se preocupe. — Ri quando percebe meu espanto. — Fui eu quem aprovou seu nome para o cargo. — Puxa uma banquetta do balcão. — Sente-se.

— Eu estou...— Aponto para as meninas.

— Elas entenderão que você achou outra companhia. — Ele chama o garçom e mostra sua Kwak¹⁸. — Mande mais uma. — Olha-me de forma estranha. — Então, Marina, gostando da cidade?

— Sim, é muito bonita.

— Não mais do que você. — Ri malicioso. — Sabe que, desde a primeira vez em que eu a vi com aquela touca horrorosa do Haldon, eu notei o quanto você é gostosa? — *O quê? Que merda é essa?* — Não pude resistir quando vi seu currículo no nosso banco. Não deu! — Gargalha.

Eu estou congelada aqui, sentada com um homem que, desde o começo, achei

que fosse um *babaca* e notando que o termo não descreve o que ele é. *Nojento* é o termo certo para ele.

Eu tento puxar o sobrenome dele pela memória e desço da banqueta quando consigo.

— Senhor Baden, eu agradeço o convite, mas vim com as minhas amigas e...

— Com medo, Marina? — Desafie-me com o olhar. — Você sabe que, quando nos encontramos de novo no coquetel da Presidencial, eu tive que me controlar para não te levar para a minha suíte? *Eu pensei comigo mesmo: como pode essa mulher, com esse corpo, com esse rosto, ser uma merda de uma camareira?* — Meu sangue esquenta quando o ouço ridicularizar um trabalho tão digno como aquele. — Acho que você não é muito inteligente. — Ele se aproxima de mim e sussurra: — Você iria ganhar muito mais sendo *acompanhante de*

luxo, se é que você me entende.

A raiva corre por todo o meu corpo. Quem esse homem pensa que é para falar comigo assim? O que ele sabe da minha vida para julgar minhas escolhas? Eu nunca, nem quando estava atolada em dívidas, pensei em me prostituir. Eu conhecia algumas meninas que faziam esse trabalho e via o que elas passavam nas mãos de clientes como esse, homens como Hans Baden, que julgam uma mulher pela beleza, não pelo que elas são de verdade.

Esse misógino asqueroso está dizendo que, por eu ser pobre e bonita, tenho que vender meu corpo? Como se eu não fosse capaz de alcançar nada sem a ajuda de um homem, ou, nesse caso, sem servir a um homem e esse me manter.

— Senhor Baden, eu vou voltar... —
Começo a andar, mas ele segura sutilmente o meu braço.

Eu estou fervendo, mas estou me controlando porque há vários funcionários da Rede por aqui, e, infelizmente, esse porco é um diretor.

— Você entende que só está aqui porque eu quis? — Ele joga na minha cara. — Realmente não acha que aquele seu currículo “café com leite” iria te levar a algum lugar! — Ele faz uma imitação ridícula da voz de uma mulher: — Ensino médio completo, superior incompleto; Informática básica; Inglês cursando, e uma única experiência profissional, como camareira! — Ri muito, debochando. — Acha que foi um milagre essa vaga ter aberto? Não foi. Fui eu.

Eu estremeço ante a mensagem que ele está me passando dissimuladamente. Não posso acreditar que isso esteja acontecendo comigo! Reconheço que ele tem razão sobre meu currículo e, por vezes,

até pensei que isso era algum plano de Antonio, mas descobrir que esse homem me trouxe até Curitiba para me assediar já é demais!

— Sabe, Marina, eu tenho poder suficiente para tornar sua vida bem mais fácil na empresa. Ou até mais difícil.

Eu o encaro, sentindo meu sangue borbulhar e meu coração gritar ante esse ato espúrio.

— Senhor Baden, eu posso até não ter o currículo fantástico que precisaria ter para estar onde me encontro, mas saiba de uma coisa. — Tomo ar, tentando me conter para não gritar. — Eu não tenho medo de ameaças e não vou me intimidar facilmente. O *senhor* não sabe o que eu já passei na minha vida, e eu nunca, *jámais* perdi a vontade de lutar. — Ele me olha cínico. — Eu sei muito bem o que esta conversa significa e, para nosso bem, espero poder

esquecê-la.

Ele para de sorrir ao notar a raiva em minhas palavras.

— Eu não sei do que a senhorita está falando! Não estou lhe fazendo nenhuma ameaça.

— Ótimo, porque sabemos o que significa tentar usar sua influência para conseguir “favores sexuais” de uma subordinada. Eu era camareira, Senhor Baden, não burra! — Eu remexo meus ombros a fim de me livrar da mão dele. — Vou fingir que essa conversa nunca aconteceu, mas, se por qualquer outro motivo eu ouvir qualquer insinuação como essa de sua parte, pode acreditar, eu ficarei desempregada, mas sua vida será um inferno, entrando e saindo de audiências. — Passo por ele sem dizer mais nada.

Ando o mais rápido que posso e me sento à mesa com Bárbara e Quênia. Minha

mente está tão agitada que não consigo coordenar meus pensamentos e nem mesmo minhas ações. Fico aqui, parada, olhando para o nada, tremendo de raiva.

— Uau! O que o gato do Baden queria contigo? — indaga Bárbara.

Gato? Não, está mais para rato de esgoto! Eu fixo meu olhar nela como se sete cabeças tivessem saído de seu pescoço.

— Algum problema? — Ela parece preocupada. — Ah, meu Deus, é algo com sua contratação?

— Não. Não foi nada. — Eu toco minha fronte. — Estou com dor de cabeça. — Pego minha bolsa e tiro o dinheiro da cerveja. — Me desculpem, mas acho que vou para casa.

— Você não parece bem. Tem certeza de que quer voltar para casa sozinha? — Quênia intervém. — Vamos embora com você! — Ela chama Bárbara.

PERIGOSAS

— Você vai *pro* nosso apartamento conosco e aproveita para olhar o quarto. Vamos, Babe?

Saímos em direção ao bairro Bacacheri assim que pagamos as bebidas, ainda mal tocadas.



O apartamento delas fica num prédio antigo de apenas quatro andares, com dois apartamentos por andar. Subimos as escadas, pois não tem elevador, até o último andar e entramos numa espaçosa sala de estar.

O piso é revestido de tacos de madeira, e há apenas um jogo de sofá, de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dois e três lugares, e uma mesa de jantar com quatro cadeiras. A cozinha é de azulejo branco e azul, com armários de madeira e uma enorme pia de mármore, bem como uma geladeira duplex e um fogão de seis bocas.

Elas me mostram o banheiro social, arrumado e espaçoso, com chuveiro, pia, privada e bidê. Porém, quando eu entro na suíte vaga, abro um sorriso gigante, pois sei que achei meu lugar.

O quarto é grande e um pouco de quina, com um armário embutido com portas de venezianas cobrindo toda a parede de fundo. Os únicos móveis aqui são duas camas de solteiro bem velhas que as antigas moradoras deixaram para trás quando foram embora. Quênia me mostra o banheiro, que conta com uma hidromassagem e um chuveiro juntos, e eu me apaixono, pois sempre quis ter uma banheira.

NACIONAIS - ACHERON

— Por que, diabos, vocês não estão ocupando esse quarto? — inquiri sem entender.

— Não queremos dividir o quarto — Bárbara me explica. — Além do mais, nossos próprios quartos foram reformados e, embora não contem com banheiro, estão muito melhores do que este.

Eu analiso o quarto de novo e percebo os detalhes sobre os quais ela fala. O piso ainda é de taco e alguns estão soltos, as paredes estão carecendo de novos papéis ou de uma demão de tinta e algumas venezianas do armário estão bambas. Todavia, ainda assim é um ótimo quarto!

— Eu fico com ele, então! — Uma alegria imensa toma conta de mim. Minha noite começou uma merda por causa daquele *bosta*, mas agora as coisas parecem começar a melhorar.

PERIGOSAS

Olho com orgulho para meu novo quarto após a limpeza. Naquela noite após a ida ao bar, dormi no apartamento do Bacacheri, mas tive muitos pesadelos com Hans Baden, pesadelos hardcores, com muita violência. Assim, como não consegui conciliar o sono, esperei que o dia amanhecesse e fui para a pensão, onde informei que iria me mudar no dia seguinte.

Minhas coisas ainda estavam nas malas, por isso não tive dificuldade de levar as duas que eu menos usava rumo ao Bacacheri e, de lá, fui para o trabalho na companhia das meninas.

O dia de trabalho foi intenso, pois, naquele final de semana, aconteceria a convenção de uma famosa indústria de cosméticos e estávamos, juntamente com os promotores, ajustando os últimos detalhes. Nem vimos o dia passar, Quênia e eu, pois Bárbara fora chamada até a gerência de

NACIONAIS - ACHERON

comunicação para alguns esclarecimentos.

Depois do expediente, não voltei ao Victor, pois não queria ter o azar de ver Baden de novo. Então passei no hipermercado, comprei alguns alimentos e produtos de limpeza. Peguei dicas sobre brechós de móveis e, no primeiro em que entrei, encontrei a cama de casal mais linda que já vi.

É de madeira, sua cabeceira e peseira tem um estilo antigo, com desenhos esculpidos na madeira, que é pintada de branco. Pechinchei o quanto pude, mas ainda acho que paguei caro, mas como já havia me apaixonado, não quis abrir mão da peça. Em seguida, fui até uma loja de colchões e comprei um de molas, como o que eu tinha no Rio. Recebi a garantia de que os móveis seriam entregues o mais rápido possível e que, uma vez que não ficava ninguém durante o dia em casa, eles

PERIGOSAS

me ligariam marcando dia e horário.

Olhei para a minha lista de afazeres, marquei o apartamento e quase fiz o mesmo com Antonio, sobre me manter longe dele, mas como ainda não o tinha visto, achei que seria desonesto marcar como tarefa cumprida.

Aproveitei a agenda e fiz nova lista. Eu precisava fazer alguns acertos no meu quarto “novo”, mas eu acreditava no potencial dele e sabia que, quando ficasse pronto, seria o quarto mais bonito que eu já tivera.

Cheguei ao apartamento, e as meninas já estavam por lá. Disse que iria faxinar o quarto, e elas me olharam como se eu tivesse *a peste*. Elas não sabiam o quanto de faxina eu tinha aprendido trabalhando como camareira, mas eu tinha noção do quanto aquele período me fizera aprender a nunca ter medo de nada, a enfrentar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cansaço, dores e *nojinhos*.

Era um trabalho duro, mas do qual eu sinto orgulho por ter executado.

— Uau! Acho que esse quarto nunca viu uma limpeza como essa! — diz Bárbara.

Meu sorriso se ilumina ao ouvir isso. Gastei horas limpando e esfregando cada pedacinho do chão, do armário e do banheiro, mas valeu a pena!

— Larga de preguiça agora e me ajude a arrumar minhas coisas. — Aponto para os cabides que comprei. — Hoje eu trouxe só duas malas e amanhã trarei o restante. Além disso, comprei cama nova! — faço uma dancinha ridícula em comemoração.

— Isso merece um brinde! — ela grita por Quênia: — Traz a cerveja!

Bebemos enquanto *eu* arrumo as coisas no armário. Quênia trouxe um som e colocou música – elas têm o gosto musical

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parecido com o meu —, assim, enquanto eu trabalho, as duas dançam sem parar.

— Marina, está ocorrendo alguma coisa errada com o sistema — Quênia me avisa assim que volto do almoço. — Parece que não está gravando nada. Liguei para o pessoal de TI, mas ainda não veio ninguém.

Eu bufo, sabendo da quantidade de trabalho que eu tenho hoje e o quanto esse atraso irá me fazer ficar até altas horas no escritório. *Justo hoje!*

O irmão de Bárbara vai chegar à cidade, e nós iremos sair para dançar, afinal é sexta-feira, mas se o problema do sistema não for resolvido a tempo, eu irei perder o programa. Olho desolada para Quênia, sabendo que ela pensa o mesmo que eu. Bárbara não está conosco hoje, pois, como tem muitas horas na casa, conseguiu uma folga para receber o irmãozinho querido.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Horas se passam, e continuamos com o mesmo problema na rede de computadores.

— Ligamos de novo? — pergunto já com a mão no telefone.

Ela não me responde, e eu disco o número da gerência de TI. Começo a conversar com o técnico, que primeiro tenta me dar uma enrolada, dizendo que tem muitos problemas com o sistema de reserva do hotel e que a gente pode esperar, mas eu me sinto tão puta que começo uma discussão desnecessária.

— Não é possível! — escuto Quênia dizer de sua estação.

— O que, porra, aconteceu agora?! — tampo o bocal do telefone e, já puta, praticamente grito o xingamento para ela.

De novo ela não me responde, mas desta vez eu dou uma olhada para ela. Dizer que essa branquela está carmim seria

NACIONAIS - ACHERON

eufemismo. *Ah, não! De novo o CEO gostosão?* O rapaz do TI volta a falar comigo, e eu lhe respondo entre os dentes, virando minha cabeça para olhar para o corredor.

Cacete! Eu praticamente deixo o telefone cair ao encarar olhos verdes que já conheço, mas que há meses não me encaravam dessa forma.

Minha garganta seca e meu coração pula como um touro dentro do peito. *Ah, meu Deus, ele é ainda mais bonito do que eu me lembrava!* E, a julgar por sua expressão de incredulidade, desconhecia a minha presença nessa sala.

— O que será que *ele* veio fazer aqui? — Quênia sussurra, trazendo-me de volta à Terra.

Só balanço a cabeça e me sento na minha cadeira, sem saber o que fazer. Aceno? Dou um sorriso? Não, o melhor é

ignorar. Volto a falar, dessa vez mais calma, com o técnico e arranco a promessa de que em vinte minutos ele estará aqui.

— Ele estava na Itália.

— O quê? — Estou um tanto confusa e não consigo acompanhar a conversa.

— O Tony Villazza — ela diz baixinho. — Ele estava na Itália visitando os pais, pelo menos foi o que disseram por aí.

Eu penso no dia em que perguntei sobre a família e ele foi tão reticente, lembro-me do irmão bonitão, que é o chefe da rede na América do Sul e me recordo da tal irmã de quem ninguém parece gostar. Eu conheço cada parte do corpo desse homem, mas o restante permanece um mistério para mim.

O telefone toca, e Quênia atende.

— Marina, pediram para você

comparecer na Operações.

— Eu? — Levanto-me, estranhando isso.

Conheci a secretária da Diretoria de Operações na semana passada, no Victor, e ela é uma mulher muito simpática. Bebeu conosco e, ao final, deu-nos carona até em casa.

— O que Valéria quer comigo?

— Não, não. — Ela ri. — Não é a secretária que quer te ver. — E me dá um olhar desconfiado. — É o COO¹⁹ que quer ver você.

Putá que pariu, ele não fez isso!

Valéria me recebe com abraços e beijos na sua sala.

— Ele está com uma pessoa agora, mas daqui a pouco irá atendê-la. — Ela se senta na beirada da mesa. — Você vai no Victor hoje? Porque eu estava pensando que

vocês poderiam ir comigo até a Joker's. Meu amigo é um dos sócios e me deu um monte de cortesias.

— Nossa, que legal! Ouvi falar muito bem dessa boate. — Eu tento não pensar no homem que está atrás dessa porta fechada. — O irmão da Bárbara veio hoje para cá, e nós pretendíamos sair, mas eu não sei se vou conseguir sair a tempo. Liga para ela!

— Vou ligar, sim. — A porta atrás da mesa dela se abre, e eu vejo Hans Baden sair da sala.

Ele passa por mim me olhando de cima a baixo como se estivesse avaliando o meu preço, e eu sinto vontade de dar um murro nessa cara arrogante.

— Pode entrar — ela sussurra. — Não se intimide, ele mais ladra do que morde.

Passo pelas portas de carvalho

maciço e, de cara, noto a opulência das salas da diretoria. O piso é de mármore negro, as cadeiras, de couro branco, a mesa, cromada, com tampo de vidro e com um notebook branco em cima dela. Entretanto, o que me chama a atenção é o homem em pé me olhando com o rosto inexpressivo e os braços cruzados no peito.

— Sente-se. — Essa voz continua tendo o mesmo efeito sobre mim, deixando minha pele arrepiada e fazendo uma descarga elétrica descer pela minha coluna. — Qual é o seu plano, afinal?

— Oi? — Não entendo a pergunta.

— Vamos lá, sem joguinhos dessa vez! — Ele parece controlado, mas sua voz denuncia a raiva. — O que você pretende ao vir trabalhar justamente aqui?

Meu coração tomba ao ouvir isso. *O que eu pretendo?!*

— Eu apenas abracei uma

PERIGOSAS

oportunidade de crescer! — Rio amarga. — Não vim atrás de você, se é o que está insinuando. — Sinto a decepção por ele ser tão prepotente quanto Baden passar por mim. — Você acha que eu não posso ser mais do que uma camareira?

Ele apoia as mãos sobre a mesa e se abaixa, olhos fixos nos meus.

— Eu não sabia que você era uma camareira! Não sabia que trabalhava no maldito hotel no qual eu estava hospedado! No hotel pelo qual acabara de fechar negócio, inclusive com você dentro do pacote!

Sinto uma dor física atingir meu peito quando escuto essas palavras. Machucam-me mais do que se fossem socos. Antonio se apruma e se vira de costas para mim, olhando do alto do 20.º andar do prédio para a Praça do Japão, com as copas verdes de suas árvores lá em baixo.

NACIONAIS - ACHERON

— Você mentiu deliberadamente para mim, Marina! — Ouço-o soltando a respiração. — Sabia o tempo todo quem eu era, porque nos encontramos antes, não foi?

— Sim — eu não posso mentir. — Era eu quem estava no closet de sua suíte no dia do seu check-in. Mas eu não sabia quem exatamente você era e nem o que tinha ido fazer no hotel. E termos nos encontrado na boate foi... — eu paro antes de dizer a palavra destino, pois é romântica demais para as circunstâncias — acaso.

— Não foi o que pareceu e não é o que está parecendo! — Ele se vira e me encara novamente. — Por que se candidatar a uma vaga justo na minha cidade?

Me candidatar? Mas do que diabo ele está falando?!

— Não *me* candidatei. Na verdade, pleiteava uma vaga na Central de Reservas do Rio! — Eu suspiro, cansada dessa

conversa. — Senhor Villazza, minha única intenção aqui, nesta empresa, é trabalhar. Meu único plano é ter uma carreira. Não há nenhuma ligação ou mesmo qualquer interesse pelo senhor. Não se preocupe!

Antonio ergue as sobrancelhas de um modo tão arrogante que me dá vontade de gritar com ele.

— Eu não estou preocupado, Senhorita Santos. Apenas quero entender o que está acontecendo, o porquê de estarmos nos cruzando novamente. — Ele caminha até a porta e a abre. — Pode voltar ao seu trabalho, e bem-vinda a Curitiba.

Saio daqui o mais rápido possível, tanto que, conseqüentemente, ignoro Valéria.

Quando volto para minha sala, vejo Quênia na minha estação, adiantando o meu trabalho, mas para assim que me vê.

— O que ele queria?

— Nada demais, só algumas informações sobre o hotel onde eu trabalhava antes.

Ela franze o cenho, provavelmente achando essa ridícula explicação que eu inventei esquisita demais.

— Adiantei boa parte do trabalho e vou continuar te ajudando para que a gente consiga sair daqui ainda hoje. Babe ligou para dizer que vamos à Joker's. — afirma animada.

Acabamos o trabalho às 8h da noite e vamos de táxi para casa. Bárbara está se arrumando quando chegamos, com direito a uns papeizinhos no cabelo para dar mais volumes a seus cachos. Guilherme, o seu irmão, foi até a casa de um amigo para buscá-lo, e eu ainda não o conheci.

Descemos às 10h da noite, e ele está nos esperando em seu carro, um EcoSport

branco. Babe nos apresenta, e eu o acho, além de muito bonito, muito simpático. Guilherme é alto, forte e sua pele negra é tão bonita quanto à da irmã.

Na Joker's, a incrível boate toda decorada com temas de gibis, encontramos com Valéria e mais duas amigas. Eu fico completamente extasiada com o lugar enorme, bem-decorado e com uma energia maravilhosa.

Peço minha bebida de sempre, *caipiríssima* de morango, e começo a dançar com o grupo de novos amigos. As meninas que acompanham Valéria não trabalham na empresa, são amigas dela desde a faculdade. E o amigo de Guilherme é, na verdade, o ex-namorado de Bárbara, João, mas os dois terminaram tão bem que ainda são amigos.

Eu resolvi ousar nesta noite e coloquei um vestido tão colado no corpo

que tenho medo de espirrar e ele explodir. O modelo cor de pele tem decote em V e termina logo abaixo de meu bumbum. As meninas suspiraram quando me viram, falando o quanto eu sou sortuda por poder usar um modelo desses.

Nos pés, estou calçando sandálias de tiras douradas e de saltos altos. Causa um bom efeito, e a cor clara contrasta com o tom bronzeado da minha pele. Minha maquiagem está mais pesada do que eu normalmente uso, mas como estamos dentro de uma boate, o efeito obtido é exatamente o que eu queria.

— Eu ainda estou esperando mais um convidado de última hora — conta Valéria. — Mas duvido que venha, acho que só aceitou por educação mesmo.

— Bom, acho que quem está perdendo é ele — Guilherme comenta, completamente encantado com Valéria. —

PERIGOSAS

Ainda mais com mulheres tão bonitas aqui presente.

Ela ri, e eu percebo que o interesse não é platônico.

Bebo o último gole de minha bebida, mas essa semana foi tão pesada que eu decido tomar outro copo para extravasar um pouco e deixar de lado as preocupações. Vou até o bar e peço ao barman mais um drinque. Estou dançando encostada ao balcão quando sinto meu corpo se arrepiar, e um perfume conhecido chega às minhas narinas.

— Uma Larger para mim —
Antonio diz ao rapaz que veio atendê-lo. —
Um grupo animado esse seu... — puxa assunto.

Eu suspiro, achando que isso já está ficando chato.

— Só tem essa boate em Curitiba?
Não é possível!

NACIONAIS - ACHERON

Ele ri.

— É a mais famosa no momento. Mas, além disso, fui convidado a vir hoje, e, pelo visto, pela mesma pessoa que te convidou.

Ah, não, Valéria! Convidar chefe não vale!

Eu olho para ele, e isso é a pior coisa que eu poderia ter feito. *Deus!* O homem é incrivelmente bonito de se ver. Calça jeans clara com pequenos rasgados e uma camisa de malha preta. E é o suficiente para ele estar irresistível. *Filho da mãe!* Eu vejo a tatuagem que ele tem no braço esquerdo, e flashes de quando eu a lambi toda passam pela minha cabeça.

Pego a minha bebida e sigo para o grupo, mesmo sabendo que ele irá se juntar a nós a qualquer momento.

— Você o convidou? — Quênia pergunta a Valéria.

PERIGOSAS

— Sim, mas podem relaxar, não estamos no hotel! — E continua a dançar com Guilherme.

— Que merda! Como é que eu posso pegar qualquer outro com ele aqui para me esfregar na cara o que é um homem gostoso!? — Babe reclama ao meu ouvido.

Eu gargalho.

— E João...? — Ela faz uma careta.
— Posso? — Olha-me curiosa. — Só para dançar...

— Não tem mais nada a ver nós dois, pode ir fundo, ele é um cara legal.

Vou até o rapaz, que tem 27 anos, e começo a conversar com ele. Desde que viemos juntos no carro, eu notei o quanto ele me olhava de esguelha. Todavia, eu me sinto mal o usando apenas para afastar Antonio de mim.

Eu posso sentir seu olhar nas minhas costas enquanto estou dançando com João,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mas me obrigo a não olhar de volta para ele. Preciso tirá-lo do meu sistema de uma vez, expulsar o sabor dos seus beijos da minha boca, a sensação das suas mãos pelo meu corpo. *Pelos Céus*, já se passaram meses!

Então, de repente, o *maldito* DJ coloca uma música suave ao fundo, uma balada romântica para os casais dançarem coladinhos. João me olha sem jeito, e eu não me sinto nada confortável ao tê-lo agarrado a mim.

— Preciso de água — digo na intenção de me afastar.

— Fique aqui, que eu busco.

Quando ele sai, sinto-me péssima por ter ficado metade da noite dançando perto dele e, quando chegou a hora de um contato mais próximo, ter inventado a primeira desculpa para me livrar. Sinto umas mãos passarem por minha cintura e um corpo alto e firme se encostar ao meu.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Antonio me vira de frente para ele ainda me mantendo em seus braços.

— Acho que sabemos muito bem que quem vai estar na sua cama esta noite não será o galãzinho ali. — Dá seu melhor sorriso arrogante. — Vamos embora.



Eu jogo a cabeça para trás e gargalho como se tivesse ouvido a piada do século. Ele está achando que será tão fácil mesmo? Quer dizer, basta um “vamos embora” e eu irei largar todo mundo para trás e me lançar nos seus braços? *Não sou obrigada!*

— Você é muito arrogante mesmo,

NACIONAIS - ACHERON

não é? Acha o quê? Que é o único homem do mundo? — ironizo. — Ah! Acha que eu, uma ex-camareira, me sinto lisonjeada por você me querer? Não mesmo, Senhor Villazza!

Ele me aperta mais contra si.

— Você ser uma camareira ou uma ex-camareira nunca fez diferença para mim, sua maluca! Eu fiquei puto foi com sua mentira. — Ele encara meus olhos, abertos como pratos pelo que acabou de me dizer. — Você realmente pensou que eu iria negar aquela atração por causa de sua profissão? Quem é o preconceituoso aqui? — Levanta uma sobrancelha. — Você, ao menos, quis falar comigo depois daquela noite?

— Você não me procurou...

— O caralho que não! — sua voz sai mais forte, e os casais que estão próximos nos olham. — Eu liguei para aquele maldito telefone quase a noite toda! Depois fui até

seu prédio e toquei o interfone várias vezes. Eu queria conversar com você, saber o motivo das mentiras. — Ele passa a mão pelo meu rosto. — Eu estava pensando em adiar meu retorno só para estar mais com você, mesmo cancelando todos os compromissos que eu tinha agendado. Eu não conseguia resistir a você e ainda não consigo.

Ah, meu santo protetor dos corações apaixonados! Antes mesmo de ouvir essa última frase, eu já estou entregue. Não deveria me render com tanta facilidade, mas eu não quero mais negar o que sinto: eu o quero, meu corpo o quer e... *merda*, ele continua sendo um dos meus chefes!

— Eu trabalho para você...

Ele bufa.

— Eu sei, e isso é uma porcaria. Eu nunca incentivei relacionamentos entre qualquer um dos membros da diretoria com

seus subordinados. — Vejo-o rindo em seguida. — Meu irmão me daria um esporro quilométrico, mas...

— Eu tenho muito a perder me envolvendo com você. — Ele concorda. — Eu sou nova aqui e não quero que os outros me vejam como alguém que quer subir a qualquer preço, pois não é isso que eu sou.

— Eu sei. — A música termina, e sinto que ele reluta em se afastar. — Onde você está morando? Precisamos conversar mais...

— Eu moro com elas. — Indico Bárbara e Quênia, dançando no meio da multidão, e ele solta um palavrão.

— Vem comigo esta noite — o tom que ele usa, reforça seu convite, sensual, pausado e grave.

— Marina, sua água. — João me entrega a garrafa, e sinto que rola um clima tenso entre nós três. Procuro pelas meninas,

PERIGOSAS

e só vejo Quênia, conversando com uma das amigas de Valéria.

— Eu preciso falar com Quênia — digo a Antonio. — Obrigada pela água, João. E pela companhia também.

Vou até ela e digo que estou indo embora.

— Mas já? — Ela olha para João. — Ah, sim! Ele é bacana!

— Não. — Eu rio. — Não vou com ele. Preciso só descansar.

Ela concorda.

— Vejo vocês amanhã! — Despeço-me das outras meninas sem ver Valéria ou Bárbara.

Saio da boate, e vejo Antonio encostado a um carro preto. Meu coração sibila mais uma vez com essa visão. Ele e o carro, um Audi, fazem uma dupla perfeita. Lindos, sofisticados, caros e potentes. Ele abre a porta do carona, e eu entro,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

esperando por ele e também pela música que ele sempre ouvia quando estava no Rio.

Quando Antonio se senta atrás do volante, liga o rádio, dá a partida no carro e liga os faróis, eu rio, pensando que eu me lembrava tanto daqueles momentos que passamos juntos que os decorei. A única diferença nesta noite é que, em vez do jazz, um rock dos anos 90 é o que está tocando na *playlist* do carro, mais especificamente Guns N' Roses.

Eu faço uma expressão surpresa, e é a vez de ele rir de mim.

— Eu tento ser eclético com a música. — Ele se aproxima de mim de tal forma que sinto sua respiração. — Eu preciso ter você esta noite. Eu quero você esta noite.

— Eu também quero — digo sem rodeios. — Eu quero muito.

Beijamo-nos, e é tão bom quanto eu

NACIONAIS - ACHERON

me lembrava. Seus beijos me consomem de uma forma que não consigo explicar, eu apenas sinto o quanto ele me deseja, o quanto me quer. Seus lábios estão molhados, quentes e extremamente macios. Sua língua explora minha boca sem pudor, invadindo, provocando, fazendo-me desejá-la em todos os lugares do meu corpo.

Antonio dirige pela cidade por alguns minutos, e eu vejo a Praça do Japão.

— Para onde vamos?

— Meu apartamento.

Sinto uma ansiedade incrível dentro de mim. Eu estou indo para o apartamento dele, estar próxima da sua intimidade e, quem sabe, poder conhecê-lo a fundo e fazer essa relação ser mais do que atração e sexo.

Ele aciona um controle-remoto, e eu vejo um portão automático se abrir numa fachada moderna de um prédio. Antonio

estaciona o carro na vaga, desliga o veículo e me agarra.

— Eu te quero agora, aqui. — Eu arfo de tesão, percebendo o desespero na voz dele. — Depois eu vou te querer na minha cama, no meu sofá e onde mais você me deixar te ter. — Beija-me.

Põe as mãos por dentro da malha do meu vestido e literalmente arrebenta minha calcinha. Seus dedos já me encontram molhada e pulsante, desejando-o dentro de mim. Os beijos se tornam mais ferozes quando ele insere dois dedos em meu interior, fazendo-me arquear de antecipação.

O seu polegar massageia meu clitóris, fazendo com que eu fique ainda mais molhada. Ele para de me beijar, retira os dedos de dentro de mim e os coloca em minha boca.

— Eu adoro seu gosto. — Beija-me em seguida, provando o meu sabor. — É

PERIGOSAS

ainda mais delicioso do que eu me recordava.

Antonio abre a calça e a abaixa o suficiente para que eu veja o volume de sua ereção na cueca *boxer* preta. Toco-o saudosa, querendo sentir sua rigidez, sua quentura dentro de mim. Ele o retira e se masturba com uma das mãos enquanto a outra está trabalhando em mim. Movida por um impulso, eu me abaixo e passo minha língua por sua cabeça rosada.

Ele geme alto, e eu sei o quanto adora isso. Eu nunca tinha experimentado sexo oral antes dele e, pode parecer algo corriqueiro, mas para mim, por ter sido ele o primeiro, é incrível, e eu adoro senti-lo na boca.

— Eu preciso te foder agora! —
Antonio rosna, acionando a regulação de seu banco para que eu fique entre o volante e ele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Camisinha... — falo, sentindo que ele parece não se lembrar.

— No porta-luvas.

Safado precavido!

Depois de devidamente protegidos, ele se enterra em mim de uma só vez, fazendo-me dobrar o corpo e gemer alto. Ele ri e pega a gravata que estava usando hoje quando me chamou à sua sala. Amordaça-me com ela, e eu sinto o seu perfume na peça.

— Sem barulho! — diz sexy.

Eu começo a me mexer, achando excitante estar com a gravata na boca. Ele se deita no banco, e sinto as estocadas fortes que dá em meu interior. Eu estou com tanta saudade dele, desses momentos, que sinto o orgasmo chegando e, antes mesmo que eu possa avisar, ouço meus murmúrios de satisfação enchendo o carro. Ele se junta a mim, e depois, os dois, suados e exaustos,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ficamos abraçados no banco do motorista.

NACIONAIS - ACHERON



Acordo sentindo um maravilhoso cheiro que faz minha barriga roncar. Espreguiço-me e jogo minha mão debaixo do travesseiro para pegar meu celular, mas não o acho. Abro os olhos e, quando percebo a decoração à minha volta, sento-me na cama. Eu não estou em casa, mas sim na cama do apartamento de Antonio.

NACIONAIS - ACHERON

Volto a me deitar, ronronante como uma gata satisfeita, suspirando pela maravilhosa noite passada. O sexo no carro foi incrível e uma experiência nova para mim. Contudo, o melhor da noite foi quando subimos e ele me levou para o banheiro da suíte, quando nós fizemos amor dentro da banheira.

Depois Antonio abriu uma garrafa de vinho, e ficamos conversando na sacada. contei a ele como tinham sido aqueles meses após nos separarmos, trabalhando como camareira, e depois, quando me mudei para Curitiba. Falei sobre meu novo cargo, as pessoas do meu setor e o quanto eu estava feliz por ter aquela oportunidade.

Ele, por sua vez, contou-me apenas sobre a viagem que fez para a Europa, mais especificamente, a Roma. Descreveu para mim os lugares lindos da Itália e citou uma reunião que ele terá em Buenos Aires nessa

PERIGOSAS

semana. Nada muito pessoal, eu percebi, mas eu tenho que dar tempo ao tempo, afinal, todos dizem que as pessoas do Sul são mais fechadas e desconfiadas. Talvez seja o caso.

Quando, mais tarde, fui até a cozinha para tomar água, ele foi atrás de mim e me levou aos céus em cima da ilha que fica na cozinha, bem ao lado da pia. Eu rio ao me lembrar daquilo, da boca voraz dele em mim, sugando, penetrando e me fazendo gritar quando gozei.

Ele se sentou numa cadeira alta que fica ao balcão que limita a cozinha e a sala de jantar e me colocou de costas para ele, em seu colo, fazendo-me rebolar e tomar para mim todo o controle daquele ato. *Foi incrível!*

No momento em que, por fim, deitamo-nos na cama, eu demorei pouco a dormir, mas me lembro de ele me olhando

NACIONAIS - ACHERON

fixamente e passando a mão pelos meus cabelos, fazendo um carinho maravilhoso e muito terno.

Levanto-me da cama e, como eu sempre sonhei em fazer, visto a camisa que ele usava ontem. Não é preciso dizer que parece um vestido em mim, porém, quando eu levanto os braços, meu traseiro aparece glorioso, e isso é muito sexy. Dou uma última olhadinha no espelho, conferindo se meu rosto não está muito inchado e amassado por dormir e sigo o maravilhoso aroma de café.

Não me decepçiono com o que vejo, pelo contrário, meu coração se derrete ainda mais ao ver Antonio de calça de pijama azul colocando pratos em cima da mesa de jantar.

— Ah, bom dia, Bela Adormecida.
— Seu sorriso me derrete, e ele vem até mim e me dá um beijo rápido na boca. — O

PERIGOSAS

café está na mesa.

Sim, eu admito, vejo corações flutuando ao redor. Como não adorar um homem que cozinha e te espera com o café da manhã pronto? Chamem-me de fraca, mas eu não resisto!

Na mesa meticulosamente arrumada há café em um bule de inox, leite numa jarra de vidro, torradas, geleias e manteiga. Não é um café da manhã de hotel, nem mesmo o que eu costumo ver em filmes — com frutas, sucos, etc. —, mas foi feito por ele, e para mim é o mais importante.

— Eu não estou com a geladeira abastecida — desculpa-se. — Mas prometo que, no próximo, me empenharei mais.

Ai, que fofo! Ainda me pedindo desculpas! Mal sabe ele que há muito tempo eu não tenho alguém que cuide de mim e que esse gesto, por mais simples que seja, cala fundo no meu coração.

NACIONAIS - ACHERON

— Está maravilhoso, obrigada! —
Dou meu melhor sorriso apaixonado e
ganho um beijo como recompensa.

— Maravilhosa é você de manhã —
diz subindo suas mãos pela minha coxa e
me olhando com tesão ao constatar que
ainda estou sem calcinha. — O café pode
esperar, minha fome é de você!

Pega-me no colo como se eu pesasse
uma pluma, levando-me para o sofá da sala.

— Prometo não demorar. — Ele ri.
— Vai ser a famosa rapidinha da manhã.

Eu rio enquanto ele me deposita no
sofá, do qual ele puxou o assento,
expandindo-o e reclinou o encosto. Cai por
cima de mim, nossos corpos se roçando,
nossas línguas numa dança primitiva e
sensual, enquanto ele explora meu corpo
com as mãos.

Ele retira a camisa que estou usando
— dele — e a coloca no braço do sofá

enquanto faz uma trilha de beijos molhados e quentes desde meu pescoço até alcançar meus seios, onde prende um mamilo entre os dentes.

— Antonio... — eu gemo sentindo uma carga elétrica passando por todo meu corpo até pulsar entre minhas coxas.

Ele ri, safado, e de repente me vira de bruços, levantando meu traseiro e encostando minha cabeça no tecido do sofá. Lambe minhas nádegas, intercalando com algumas mordiscadas sensuais. Passa sua língua intumescida desde meu clitóris até o cóccix, fazendo-me segurar firme no encosto do móvel.

Mal termino de gemer e já o sinto explorando meus lábios íntimos, massageando meu clitóris sensível.

— Vou te comer tão gostoso e tão rápido... Eu só preciso... — Ele sai apressado e volta tão rápido quanto foi. —

PERIGOSAS

Camisinha — informa rindo.

Assalta-me aqui, comigo de quatro, segura em meus cabelos e arremete forte, profundo e rápido. Suas estocadas me preenchem a ponto de senti-lo bater no fundo da minha vagina, e isso é muito bom. Os movimentos vão aumentando em força e velocidade, e ele segura um dos meus seios, friccionando o mamilo.

Uau! Sexo de manhã realmente é muito bom! Não consigo mais me segurar, e ele segue intenso com suas investidas, fazendo meu corpo inteiro vibrar. Os músculos das minhas coxas se contraem, e eu sinto minha temperatura aumentar. Um arrepio cruza meu corpo, e eu finalmente me libero, sentindo-me numa espiral, enquanto o prazer toma o controle do meu corpo, deixando nosso sexo ainda mais molhado e quente.

— Isso, goza assim... — pede com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

voz rouca e respiração pesada. — Porra, Marina, fica ainda mais gostoso quando sinto você gozar no meu pau! — E me segue em seu clímax, fazendo esses sons roucos que eu adoro ouvir.

Ele cai no sofá, suado e exausto e me abraça. Recuperamos o fôlego e sorrimos, satisfeitos e cansados. Passo a mão pela sua tatuagem; são asas de anjo com uma inscrição entre elas, mas não entendo o que está escrito.

Antonio se levanta, retira a camisinha e põe a calça de volta.

— Agora, sim, preciso de café para reabastecer! — Pisca safado enquanto vai ao lavabo lavar as mãos, retornado em seguida para a mesa do café.

Não nos sentamos à mesa, mas no sofá, e comemos enquanto assistimos ao noticiário.

— Eu preciso ligar e avisar às

NACIONAIS - ACHERON

meninas que estou bem — informo com uma xícara de café na mão e sentada ao lado dele, sentindo-me bem com seu braço enlaçando minha cintura.

— O que vai dizer a elas? — ele pergunta, mexendo no controle da televisão.

— Não faço ideia! — Rio. — Na minha mente, eu iria voltar para casa antes do amanhecer. Vou ter de dizer que estou com alguém.

— Elas vão querer saber quem é o sortudo. — Pisca para mim de forma muito sexy.

— É, eu vou tê-las no meu pé tentando arrancar essa informação. — Arrumo-me no sofá e olho para ele. — Como vamos fazer isso? Quer dizer, quais são as regras para o que está acontecendo entre nós?

— Não há regras, Marina. Apenas precisamos ser discretos, uma coisa que já

sou em qualquer tipo de relacionamento. Eu não gosto de expor minha vida, acho que ninguém tem nada a ver com ela. O que está acontecendo cabe somente a mim e a você.

— Mas e se souberem...? Ou vamos ficar nos escondendo como se estivéssemos fazendo algo errado?

Ele respira fundo e segura meu rosto, olhando bem dentro dos meus olhos.

— Eu não vou te esconder de ninguém. Não vou deixar de estar contigo, de viver essa atração por causa de ninguém. — Beija-me. — A única coisa que pedi foi que deixe que as coisas aconteçam normalmente. Eu não preciso anunciar para ninguém que estou completamente de quatro por uma funcionária minha...

Oi? Volta um pouco! Eu abro o sorriso mais bobo que ninguém no mundo já teve na cara. Eu amo esse homem! Não sei como aconteceu, mas o amo desde que nos

encontramos naquela boate no Rio de Janeiro. O que eu sinto por ele é mais do que atração, mais do que sexo — que embora seja muito bom, não é o que me faz querer conhecer mais dele, participar da sua vida e tê-lo para sempre ao meu lado.

Eu ligo para Quênia, que, além de me informar que nem tinha percebido que eu não estava no apartamento, diz que Bárbara não voltou para casa com ela, apenas a deixou no apartamento e saiu com um cara. Guilherme tinha ido para a casa de João, e ela passou a noite achando que eu estava no quarto ao lado. Questiona-me sobre a pessoa que está comigo, e digo-lhe que ela não conhece e invento uma história ridícula.

Antonio aparece vestido com apenas uma calça jeans, e eu o como com os olhos.

— Se ficarmos aqui o dia todo, iremos parecer coelhos — eu brinco com

ele.

— Nada me agradaria mais, porém, eu preciso mesmo abastecer a geladeira. — Olha-me divertido. — Nós vamos às compras.

Eu arregalo meus olhos, lembrando-me do vestido e dos saltos altos. Vou parecer uma prostituta com aquela roupa, de dia, ao lado de um homem como ele vestindo jeans e camiseta — dessa vez da franquia Star Wars.

— Ah, não vou, não. — Jogo-me no sofá. — De jeito algum saio de casa vestindo aquilo.

— Ontem à noite você parecia não se importar. — Levanta a sobrancelha. *Odeio quando ele me dá esse olhar questionador!*

— Eu estava numa boate, e era noite! Todo mundo se veste com mais ousadia quando vai para a balada —

explico. — Mas de dia? E o pior, num mercado fazendo compras? Não mesmo!

Ele gargalha ante a minha negativa.

— Você é incrível! — Entra num quarto e, quando retorna, traz um vestido nas mãos.

Eu olho desconfiada para a peça linda, de seda e reconheço a etiqueta famosa.

— É da minha irmã — ele explica. — Ela fica aqui quando vem ao Brasil. Acho que ficaria lindo em você, mas se não gostar, há uma infinidade de vestidos que ela deixou no armário.

— É lindo. — Eu passo a mão pela seda, sentindo a fria temperatura do tecido e a incrível sensação de maciez. — Eu dificilmente deixaria um vestido desses para trás. — Noto que a *tag* da loja nem foi retirada. — E sem usar!

— Gio compra roupas sempre que

vem aqui. Ela traz pouca coisa na bagagem e prefere deixar aqui as coisas que ela só vai usar no Brasil. Este, ela comprou da última vez que veio, há um ano. Ela mora em Milão, então, roupa é o que não lhe falta. — Dá de ombros como se isso fosse algo corriqueiro.

— Ela não vai se importar? Nem o usou ainda.

— Ela nem se lembra desse vestido, pode ter certeza. — Ele me levanta e tira a camiseta preta que eu visto. — Põe, senão eu vou colocar em você e, se eu encostar de novo nesse seu corpo delicioso, não vamos ter almoço!

— Você vai cozinhar? — indago animada.

— Não, fiz o café. O almoço é por sua conta! — desafia-me.

Eu rio.

— Não é mais fácil irmos comer em

algum lugar ou pedir comida?

— Pode até ser, mas não será tão prazeroso quanto o que eu estou planejando.

Eu sinto um tremor me percorrer dos pés à cabeça.

— O que você está planejando? —
Enfio o vestido pela cabeça e o ajusto ao corpo. — Antonio!

Ele me abraça pelas costas.

— Você fica linda de qualquer jeito, de camiseta ou de vestido de seda. — Passa as mãos pelas minhas costas nuas, uma vez que o vestido tem cava americana e amarração no pescoço, deixando um belo pedaço de pele exposta nas costas. — Eu tenho umas fantasias gastronômicas a realizar com você... — diz ao meu ouvido. — Vou começar com você cozinhando para mim usando somente avental.

— Machista, isso! — digo para provocar, mas louca para realizar cada

PERIGOSAS

fantasia que ele me proponha a fazer. —
Vamos ver quem vai cozinhar! E quem vai
estar pelado nesse almoço!

Ele me dá uma mordiscada na
orelha.

— Não vejo a hora de descobrir.



O telefone da minha mesa toca, mas estou tão ocupada que o ignoro. Há muitos detalhes nesse trabalho, e eu preciso de concentração máxima para não fazer algo errado.

Nessa semana temos cinco eventos marcados no hotel, manutenção no ar-condicionado do salão Royal, e uma das
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

salas Business está fechada para pintura.

Na minha função eu interajo com tantos outros setores que, a cada dia, conheço mais e mais pessoas. Alguns eu costumo encontrar no Victor, outros, na hora do almoço, e assim minha vida, que antes era tão solitária, passou a ser preenchida com colegas de trabalho e amigos.

Antonio está em Buenos Aires há três dias, e eu sinto uma saudade muito grande, amenizada apenas pelo fato de receber chamadas todas as noites. Nosso final de semana juntos foi mágico. Basicamente ficamos entocados no apartamento, mas conversamos muito, assistimos a filmes e, claro, fizemos muito sexo.

O homem é insaciável! Às vezes, durante uma conversa ou durante as refeições, ele parava tudo e me levava para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

a cama assim, do nada. Ele foi, em todos os momentos, muito terno comigo, fazendo-me sentir segurança ao seu lado, reforçando o sentimento que cresce em meu peito.

— Marina, estão te chamando lá no Salão Royal! — Quênia, ao telefone, grita para mim.

— Eu? — estranho. — O que houve? O pessoal da manutenção está por lá.

Ela desliga e dá de ombros.

— Foi só o que disseram. Mas é melhor ir.

Eu me levanto um pouco irritada por ter de parar meu trabalho por algum problema desconhecido que nem ligação com meu setor tem. Entro no elevador usado somente por funcionários e desço até o térreo, onde fica o Salão Royal.

Saio do elevador, vou em direção ao saguão do salão e abro a porta dupla de

NACIONAIS - ACHERON

madeira de Zanzibar, toda cinzelada com arabescos, que dá acesso ao suntuoso espaço. Tudo está escuro, e não vejo nenhuma movimentação do pessoal da empresa que faz a manutenção elétrica do hotel.

— Oi? — chamo, mas o salão é enorme, e sei que, se estiverem lá no fundo ou na cozinha, não vão conseguir me ouvir.

Desço as escadas. Nem chego à metade do salão e paro com o coração em disparada. Vejo Antonio encostado a uma pilastra, sorrindo malicioso para mim e vestindo um terno escuro.

— Oi!

— O quê...?

Ele se aproxima, abraça-me forte e diz ao meu ouvido:

— Não pude esperar até mais tarde.

— Beija meu pescoço. — Cheguei agora de Buenos Aires e vim direto para cá. Nem

mesmo Valéria sabe que estou no prédio. — Olha-me nos olhos. — Senti saudades!

Beijamo-nos com desespero, como se há muito não o fizéssemos.

— Pode entrar alguém aqui — assim que digo isso, ele me leva até o palco e abre uma porta que dá acesso à coxia. Tranca a porta por dentro e me encosta a ela, tocando todo o meu corpo enquanto beija minha boca com luxúria. Sinto suas mãos descerem por baixo da minha saia, segurando com força as minhas nádegas e me erguendo. Cruzo as pernas em volta dele, sentindo sua excitação através da calça do terno.

Seus beijos estão sôfregos hoje, como se estivessem há muito tempo distantes de minha boca. Antonio me aperta contra si, esfregando sua virilha contra a minha num ritmo louco e alucinado. Ele está muito duro e demonstra a excitação que

sente emitindo pequenos rugidos enquanto me beija.

Sou afastada da porta, carregada encarapitada nele até um móvel, onde ele me deita. Seus olhos estão fixos nos meus, e eu já conheço essa expressão em seu rosto. Ele me quer agora, aqui, em pleno horário de expediente. É loucura, eu sei, mas como posso controlar se o quero tanto quanto ele?

Sinto seus dedos me acariciando sobre a minha calcinha. O tecido está molhado, e Antonio parece gostar de me ter assim por ele. Vejo-o abrindo seu cinto e, logo depois, a calça do terno, libertando toda sua excitação. Ele se acaricia e sorri para mim.

— Agora! — ordeno impaciente, vendo-o se tocar, levando-me à loucura. — Eu quero você!

— Onde? — sua voz está grave.

— Dentro de mim, agora! —

PERIGOSAS

Contorço-me em cima da mesa. — Por favor!

Ele apenas encosta seu pau sobre minha calcinha e faz movimentos circulares.

— Diga o que você quer...

— Me fode, Antonio! — quase grito, tamanha a tortura que ele me faz passar.

Ele apenas afasta minha calcinha e entra num só movimento dentro do meu corpo. Eu paraliso. Mesmo amando a sensação de senti-lo pele contra pele, não é nada prudente não usarmos preservativo.

— Camisinha... — gemo a solicitação.

Ele para e me olha assustado.

— Porra! — Sai de dentro de mim, apoiando suas mãos uma de cada lado do meu corpo. — Eu não tenho nenhuma comigo!

Ele está arfando, tentando controlar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o tesão que está sentido. Balança a cabeça e arruma o corpo, ficando em pé à minha frente. Eu me sento, sentindo-me um tanto *caxias* demais por ter me lembrado da camisinha nesse momento e não ter deixado as coisas fluírem, mas é que, além de todas as doenças medonhas que são transmitidas pelo sexo, eu corro risco de ficar grávida, uma vez que ainda não faço uso de anticoncepcionais.

Uma criança não planejada, mesmo sendo dele, nesse momento da minha vida não seria motivo de alegria, mas, sim, mais um hiato pelo qual eu teria que passar. Não iria conseguir voltar a estudar, focar-me na carreira e, inclusive, formar um relacionamento estável. Além do mais, acho-me muito jovem para ter essa enorme responsabilidade, principalmente por não ter experiência nenhuma com crianças, já que sou filha única.

NACIONAIS - ACHERON

Noto Antonio frustrado com esse nosso encontro clandestino e decido dar a ele um presente de boas-vindas. Levanto-me, abraço-o pelos ombros e giro, colocando-o encostado à pequena mesinha. Passo as minhas mãos pelo seu peito, ainda vestido com a parte de cima do terno, embora a gravata esteja solta e torta, e lhe dou o olhar mais sexy que consigo, descendo até o chão e ficando de joelhos.

Ele geme ao perceber minha intenção, e seu pau, que já estava um tanto desanimado, volta a estar na potência máxima. Não coloco a minha mão nele; passo a ponta da minha língua por toda a extensão do membro até chegar ao local mais sensível e prazeroso, a cabeça. Brinco por algum tempo com ela, enquanto Antonio segura meus cabelos com uma das mãos.

Ele puxa meus cabelos para trás e se

empurra todo para dentro da minha boca. Sinto que ele quer controlar o ritmo, mas quem está no comando sou eu. Sugo-o com mais força, o que é recompensado por um palavrão bem cabeludo e um gemido rouco.

— Se você continuar assim, eu vou vir na sua garganta.

Aumento ainda mais os movimentos de vai e vem com a cabeça, e minha língua trabalha a ponta de seu pênis cada vez que entra na minha boca. Eu nunca estive tão excitada assim, sentindo o gosto dele, fazendo sexo oral escondido dentro de um hotel.

De repente, ele sai da minha boca e me levanta, beijando-me loucamente. Põe-me novamente sobre o tampo da mesinha, arranca minha calcinha e me dá uma recompensa maravilhosa por tê-lo agradado. Vou à loucura com a sua língua em mim e não demoro mais de alguns instantes para

gozar forte. Escuto os gemidos dele entre minhas coxas e compreendo que ele está gozando junto comigo.

— Acho que fiz uma bagunça aqui.
— Ele ri enquanto levanta as calças. — Vou ter de procurar algo que possa limpar o chão, porque senão vai ficar muito estranho.

Eu, destruída e ainda deitada no móvel, gargalho. Antonio me ajuda a me levantar, e eu tento, da melhor forma possível, ajeitar minhas roupas.

— Eu devo estar com uma péssima aparência!

— Não. — Beija-me a testa. — Está com a aparência de quem está *fodidamente* satisfeita.

Dou um tapinha nele e olho para o chão para ver onde está minha calcinha.

— Eu vou até o banheiro pegar toalhas de papel para limpar isso aqui. Enquanto isso, você volta lá para cima. O

PERIGOSAS

peçoal da manutenção não deve demorar muito a voltar para cá. — Ele ri. — Liguei e mandei que fossem até a sala de convenções primeiro.

Eu rio, ainda procurando minha peça íntima.

— Vou ter que ir ao banheiro também... Não posso aparecer lá em cima como quem acabou de praticar atos libidinosos clandestinamente.

— Eu a vejo mais tarde? — pergunta-me ajeitando a gravata.

— Sim. — Recebo um delicioso beijo de despedida. — Adorei a surpresa.

Ele ri cheio de promessas.

— Quem disse que essa foi a surpresa? — E sai da salinha.

Eu procuro a calcinha embaixo da mesa com um enorme sorriso pregado na cara, mas não acho a maldita peça. Não é possível que ela tenha ido parar em outro

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

lugar... Paro e penso no desenrolar da loucura que fizemos há pouco.

— Filho da mãe! — gargalho como louca, sozinha, dentro desse lugar deserto ao constatar que Antonio levou minha calcinha como um troféu.



A primeira pessoa que me vê depois do idílio amoroso dessa tarde é Bárbara, com seu olho de lince e faro de cão de caça.

— Aconteceu alguma coisa com você?

Eu respiro fundo. Odeio essa situação de ter de esconder o que está acontecendo entre mim e Antonio, mas

NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu estava tentando melhorar meu aspecto no banheiro, pensei numa desculpa razoável para ter minhas roupas amassadas.

— Me chamaram ao Royal. Houve um problema com o pessoal da manutenção, e eu acabei ajudando lá. — Suspiro. — Estou exausta e ainda cheia de coisas para fazer. — Aponto para a mesa.

Ela demonstra não ter engolido a história, mas minha indireta sobre estar atolada de trabalho a faz voltar à sua mesa em silêncio.

Desabo sobre a minha cadeira e sinto o tecido da saia roçar minha virilha, lembrando-me mais uma vez que estou trabalhando sem calcinha graças a Antonio. *Isso terá volta!*

— Nós vamos ao Victor depois do expediente; hoje tem rodada dupla de *chopp*
— Bárbara comenta algumas horas depois

de eu voltar do interlúdio com Antonio. — Valéria disse que não pode ir, porque o Tony Villazza voltou da Argentina e eles terão que trabalhar até tarde, então, ao que parece, seremos só nós três.

— Ai, como tenho inveja dela! — Quênia fala como se pensasse alto. — Sabe aquelas histórias de chefe e secretária? — Suspira. — Eu imagino que, se eu estivesse no lugar dela, gostaria que ele me chamasse ao seu escritório, me colocasse em cima da mesa e me comesse sem nem ao menos tirar minha calcinha!

As duas riem, concordando que seria o máximo, e eu tusso, engasgada com a água que estava tomando. *Oh, elas têm fantasias com o meu homem!* Eu sinto uma pontada de ciúmes e uma vontade louca de falar para elas que ele é meu, mas não posso dizer. Bufo de raiva.

— Eu não vou ao Victor hoje. —

PERIGOSAS

Elas me olham curiosas quando as informo.
— Marquei um compromisso.

— Hum, Marina e o homem misterioso! — Bárbara brinca. — Não vai contar para a gente quem é o seu *crush*?

Eu rio, mostrando a língua para elas.

— Vocês ainda não o conhecem. —
Mentirosa!, minha consciência canta. —
Mas espero mudar isso em breve.

Quênia bate palmas em comemoração.

— Quando? O negócio está ficando sério?

— Ainda não sei para as duas perguntas, Quênia. Mas acho que preciso deixar algumas coisas claras para ele.

— É assim que se fala!

Odeio essa situação. Estou tão envolvida, tão apaixonada que tenho medo de que tudo isso não passe de uma aventura para Antonio. Não quero continuar me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sentindo mal por estar mentindo para as minhas amigas e não quero ficar escondida de todos, como se essa relação fosse proibida.

— Devolva minha calcinha! — ordeno, entrando no carro dele à noite.

Ele simplesmente ri, o safado!

— É minha. Você não tem ideia do cheiro maravilhoso...

Eu dou um soquinho no seu ombro.

— É minha! Você foi muito sacana me deixando sem ela no trabalho.

— Para mim foi maravilhoso tê-la dentro do meu bolso. De vez em quando eu podia pegá-la, cheirá-la... — Pisca para mim e volta a prestar atenção ao trânsito.

Eu finjo que estou zangada com ele fazendo uma cara feia, mas na verdade, essa história toda me deixou excitada. Pensar nele dentro daquele luxuoso escritório,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

portando minha calcinha no bolso para se lembrar de mim é, no mínimo, muito fofo.

— Você trouxe roupa extra?

— *Pro* trabalho amanhã — digo esperando ter feito a coisa certa.

— Só para amanhã? Pensei que, por eu ter ficado dias fora, você gostaria de ficar comigo por um tempo maior.

Ai, meu Deus! Não consigo disfarçar o sentimento de alegria ao ouvi-lo dizer que me quer com ele por um tempo lá no apartamento.

— Eu adoraria... — E vou ter que inventar mais mentiras. — Não sei se seria o ideal. Me sinto mal com as meninas por estar escondendo isso delas e por ter de mentir cada vez que elas me perguntam quem é o homem com quem estou saindo.

Ele balança a cabeça concordando.

— Precisamos resolver isso.

Eu me interesso pelo significado

NACIONAIS - ACHERON

dessa frase, mas ele não a continua, deixando-me sem saber se iremos assumir ou se foi só uma divagação.

Entramos no apartamento, e ele vai diretamente para o banho. Quando sai com uma toalha na cintura, está com uma caixa com um laço nas mãos. Meu coração acelera dentro do peito ao ver o presente.

— O que é isso?

— Uma coisa que vi na capital portenha e me fez pensar em você. — Entrega-me. — Abra.

Abro a caixa, muito chique por sinal, feita em cartão duro e forrada com tecido negro. Dentro, um lindo vestido vermelho e longo.

Nunca, em toda a minha vida, pensei em ter algo semelhante. Não somente pela marca mundialmente conhecida, mas pela beleza do modelo, a leveza do tecido e os detalhes bem-feitos da peça.

PERIGOSAS

— Vista para mim enquanto me troco.

— Agora? — Levanto-me animada.
— Sim, Senhor.

Ele entra no closet, e eu corro para colocar o vestido, que é justo no corpo, ao estilo sereia, sem decote na frente, mas com as costas à mostra e sem mangas. Eu me sinto como uma estrela no *Red Carpet*²⁰.

O reflexo de Antonio surge no espelho, e eu babo ao vê-lo num terno *slim* cinza-chumbo, camisa branca e gravata preta.

— Aonde vamos?

— Uau! — Sorri ao me olhar. — Jantar. — Balança sandálias de salto na cor *nude* e com solado vermelho em seus dedos.
— Espero que eu tenha acertado seu número.

Eu me sento na cama para calçá-las, mas ele me detém e executa, como um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

príncipe, a tarefa. Eu sei que meus olhos estão brilhando de adoração por ele. *Será que Antonio percebe o quanto estou apaixonada?*

— Perfeita! — Tira o elástico que prende meus cabelos e os espalha sobre os ombros. — Eu notei que você os cortou.

— Gostou?

— Ficaram lindos, mas eu gostava de vê-los tocando sua bunda quando você arqueava o corpo... — Olha-me safado. — Mas estão lindos do jeito que estão. Vamos?

Penso na sorte que tive ao passar, pelo menos, meu quarteto fantástico no rosto antes de sair. Não é uma maquiagem elaborada, mas pelo menos não estou com a cara lavada, mesmo porque não faço ideia de onde fica o local onde ele está me levando, mas imagino, pela roupa que estamos vestindo, que não é um restaurante qualquer.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Entramos no elevador, e ele, em vez de apertar o botão do térreo, aperta o da cobertura. Fico intrigada, mas não comento nada, até que as portas se abrem, e o que vejo me deixa completamente sem palavras.

Na cobertura do prédio fica a piscina, cercada por um deque de madeira e jardins artisticamente planejados. No meio do deque está uma mesa redonda, com toalha branca até o chão, louça e taças sobre o tampo e um belo castiçal no meio. Há um serviço de garçons à espera, e uma música deliciosa — jazz — corta a noite.

— Nosso jantar, *mademoiselle*.

— Você... — Eu não sei o que falar, completamente surpresa com esse jantar romântico. — Está lindo!

Ele afasta uma cadeira da mesa, e eu me sento.

— Encomendei o serviço de um amigo, que é chef em um restaurante

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

francês de São Paulo. Espero que tudo esteja a seu gosto. — Ele se senta. — Eu queria um momento só nosso, sem ter que dividir espaço com outras pessoas. Não ficou decepcionada?

— Não! Eu estou deslumbrada. — Olho ao redor, notando velas e flores espalhadas pelo deque e algumas flores boiando na piscina. — Obrigada!

O jantar, como todo o resto, é maravilhoso. Quando, por fim, o serviço se vai, ficamos a sós e dançamos sob as estrelas. Tudo está sendo incrivelmente mágico.

No apartamento, fazemos amor, e, pela primeira vez durante o tempo em que estamos juntos, posso dizer que é isso o que estamos fazendo. É diferente, lento, terno, sem aquele frisson e loucura que sempre temos na cama.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Apesar da diferença, sinto como se fosse o melhor prazer da minha vida e creio que ele também sente o mesmo, pois, agora, depois que ambos gozamos, estamos abraçados em silêncio há um bom tempo. Eu consigo sentir o coração dele acelerado, sua respiração rápida e suas mãos o tempo todo acariciando as minhas costas. Tenho a certeza, nesta noite, de que o que eu sinto por ele é irrevogável.

— Eu te amo — sussurro ao ouvido de Antonio, e ele me aperta ainda mais contra si, mas não ouço nenhuma declaração de volta.



— Vou ter que viajar novamente —
Antonio me diz uma semana depois do
nosso jantar na cobertura do prédio. —
Dessa vez tenho que ir até a Europa.

Estamos deitados no sofá da sala
depois de mais uma maratona de sexo
selvagem. Na televisão começam a subir os
créditos do filme que não conseguimos

NACIONAIS - ACHERON

terminar de ver, e no chão da sala há um balde derramado de pipocas com queijo. Acordamos cedo, preparados para curtir o sábado, mas estava chovendo e a programação que havíamos feito de ir até a Ilha do Mel foi literalmente por água abaixo.

Além da chuva, a temperatura caiu muito, pois uma frente-fria vinda da Argentina tinha chegado até o Paraná. Nada muito estranho para Curitiba, chamada de “quatro estações” não à toa, pois o clima por aqui muda de repente e pega os desavisados de surpresa.

Frustrados, resolvemos comprar alguns filmes no *pay-per-view* e ficar em casa.

Ficar em casa. Penso no quanto eu já considero esse apartamento como minha casa, uma vez que passo mais tempo aqui do que no Bacacheri. Por conta disso ouvi

reclamações a semana inteira de Bárbara e Quênia sobre eu não sair com elas com a mesma frequência de antes, além, é claro, de eu estar escondendo meu *boy magia*.

Expliquei que é uma situação um pouco complicada, que não sei ao certo onde esse relacionamento vai dar e que, por isso, estou sendo cautelosa. Elas não me questionaram, mas estão visivelmente chateadas comigo.

Durante o tempo que eu passei com Antonio na semana passada e também nessa, elas saíram com vários outros colegas de trabalho, conheceram mais pessoas e fortaleceram algumas amizades, inclusive com Valéria, a secretária de Antonio. Até mesmo a *Barbie*, a Kelly, diretora de comunicação da Rede Villazza, está saindo junto com elas.

Sinto-me um tanto isolada e não gosto da sensação de as estar abandonando

e é isso que exponho a Antonio, quando recebo, como resposta, a notícia de que ele irá viajar novamente, ainda mais para a Europa!

Eu sei que faz parte do trabalho dele viajar por aí, negociando a instalação ou a compra de hotéis para a rede, mas ir para tão longe logo agora, quando tudo parece estar progredindo entre nós, deixa-me insegura.

— Por quanto tempo? — pergunto enquanto passo as mãos por entre os pelos rentes em seu peito.

— Duas semanas. — Meu coração tomba. — Tenho que visitar alguns hotéis em países diferentes e resolver assuntos pessoais.

Assuntos pessoais... Hum. Isso me deixa curiosa, mas eu já o conheço um pouco para saber que ele não gosta de ser pressionado sobre detalhes que não está

disposto a dar, então deixo passar, por hora. Não quero que esse dia se estrague, muito menos por discussões que, eu sei, não levarão a nada.

— Você terá bastante tempo para se dedicar às suas amigas. — Beija-me a testa. — Mas quando estou aqui, não abro mão. Quero você comigo todos os dias.

Sorrio como boba ao ouvir essas palavras. Eu me declarei a ele na noite do jantar, há uma semana, mas, depois disso, nunca mais tocamos no assunto. Fiquei receosa, com medo de que, por causa do que eu disse, ele se afastasse. Contudo, isso não aconteceu, Antonio está ainda mais atencioso e terno comigo, apesar de não ter falado nada sobre o que ouviu.

A cada dia que passamos juntos, percebo o quanto ele está mais próximo. Nossas conversas aumentaram, nossos programas juntos, embora nunca na cidade,

ficaram cada vez mais frequentes. Há dias em que o telefone da minha mesa no escritório toca e, quando o atendo, só ouço Antonio dizer a seguinte frase: “saudade da sua voz”. Nem preciso dizer o quanto isso me deixa suspirando o resto do dia!

Todavia, ainda há algo me incomodando nessa situação toda. Não sei se estou sendo muito paranoica, mas me sinto cada vez mais escondida de todos. Sei que ele não tem outra pessoa, porque passamos quase todos os dias juntos no seu apartamento e até mesmo conheci a senhora que faz a faxina do imóvel, e ela me contou que nunca havia visto outra mulher por aqui.

— Eu queria poder levá-la comigo — surpreendo-me ao ouvir isso. — Mostrar para você os lugares lindos onde temos hotéis, mas, infelizmente, não dá.

— E eu trabalho também... —

completo, lembrando-o de que não estou à sua disposição 24 horas por dia. — Não quero prejudicar meu trabalho faltando um tempo longo como esse.

Ele concorda.

— Às vezes eu penso que seria mais fácil se você não trabalhasse para mim... ou, melhor ainda, se você não trabalhasse.

Levanto-me do sofá e arregalo os olhos. *Mas hein?* O que ele quer dizer com isso? Que preferia que eu ficasse em casa o dia todo à espera dele? Que *ele* iria *me* sustentar?

— Nem em sonho! — deixo claro. — Eu amo trabalhar, amo o que eu faço e quero, mais do que tudo, construir uma carreira para mim.

— Eu sei e admiro você por isso. Só estava dizendo que seria mais fácil. — Suspira, pondo-se de pé. — Mas, como já estou cansado de saber, a vida nunca

escolhe o caminho mais fácil.

Vejo-o andando em direção ao quarto e penso no que ele falou. Lembro que as meninas disseram, assim que eu entrei na empresa, que ele havia feito terapia e agora noto o quanto ele parece triste ao dizer isso, como se houvesse alguma mágoa profunda dentro dele.

Deito-me de volta no sofá, sem entender o que se passa em sua cabeça. Antonio é tão fechado que acho que nunca vou conhecê-lo completamente. Ele não fala sobre a família, disse-me isso ainda no Rio de Janeiro. No apartamento não há nenhuma referência sobre ele, como porta-retratos, livros, CD antigos ou filmes, tudo o que uma pessoa acumula ao longo da vida e diz muito da personalidade dela, mas neste apartamento só há artigos de vestuário.

É bem-decorado, com móveis modernos e confortáveis, mas frio. Antonio

diz que só o usa para dormir, já que passa a maior parte de seu tempo trabalhando no escritório ou viajando, mas, ainda assim, não há vida neste imóvel. Quatro quartos, e apenas dois mobiliados; a outra suíte está ocupada com as coisas de Giovanna, a irmã dele, e na cozinha, armários vazios, sem louças e outros utensílios, coisa que ele justificou dizendo que só depois que eu passei a ir dormir com ele o fogão foi usado.

Entendo que seja um apartamento de um homem solteiro e que, por esse motivo, ele está assim tão vago, mas o que mais me deixa incomodada é realmente a falta de itens pessoais.

— Está com fome? — Antonio entra na sala, e eu abro os olhos.

O seu cabelo está molhado, e ele está vestido como se fosse sair, de calça preta e camisa social escura de mangas

PERIGOSAS

compridas com os punhos dobrados. Aspiro seu perfume e quase rolo os olhos de prazer, pois adoro esse cheiro.

— Vamos sair? — questiono animada.

— Vamos. — Ele me mostra uma mala.

Eu olho para o objeto prata no chão. Há roupas minhas aí dentro?

— Para onde vamos?

Ele me olha com o sorriso mais enigmático que eu já vi.

— Surpresa...

Tempos depois, já vestida, entro no carro, e ele dirige por alguns minutos até eu perceber que estamos indo em direção ao Bacacheri. Por um momento penso que ele está me levando para casa, mas tomamos direção diversa da que eu conheço, entrando por ruas que eu ainda não vi. De repente,

NACIONAIS - ACHERON

vejo um aeroporto aparecer. Meu coração dispara no peito, pois nunca voei na vida, e a ideia de entrar num avião revira meu estômago.

Olho para Antonio apavorada.

— Não me olhe como se eu tivesse perdido o juízo. — Ri. — É só um passeio, nós voltaremos segunda de manhã, a tempo de você estar na sua mesa no horário certo.

Penso nos aviões, e um tremor passa por mim.

— Não podemos ir de carro?

Ele me abraça, notando minha voz trêmula.

— Nunca voou?

— Não. — Rio nervosa. — Quanto tempo de voo até onde você pretende me levar?

— Umas poucas horas, mas vai valer a pena. Quer desistir? — desafia-me.

Droga! Odeio quando ele usa esse

tom comigo. *Sou muito corajosa, porra!*

— Não. — Enfrento seu olhar debochado. — Vamos lá. Quando foi que você teve essa ideia maluca? — inquirio já entrando no terminal.

— Liguei para o piloto quando ia entrar para o banho e, por sorte, o avião da empresa não estava sendo usado, então pedi a ele que me levasse a um lugar... — informa misterioso. — O nome dele é Garik Junker e já deve estar por aqui aprovando o plano de voo e checando os últimos detalhes. O jato é muito confortável, você não vai nem perceber...

Eu mal ouço o que ele diz depois da palavra *jato*. Meu corpo está arrepiado só em me imaginar dentro de uma coisinha pequena no céu. Eu pensava que íamos em avião comercial, pois certamente em um *boing* eu me sentiria mais segura.

Entramos em uma salinha cheia de

poltronas, e uma copeira nos oferece água e café, mas recuso, pois estou morrendo de medo de passar mal. Aguardamos até sermos avisados de que o avião já está pronto para nos receber. Seguimos pela pista até uma aeronave de porte médio, com capacidade para 10 passageiros. O interior é espaçoso, com poltronas reclináveis dos dois lados do avião.

O piloto e o copiloto nos recebem e prestam as informações sobre o voo, como duração, tempo, etc. Eu me sento na poltrona, ainda tremendo, e coloco o cinto de segurança. Um comissário de bordo, que eu nem tinha notado, aparece, vindo de dentro da cabine e pergunta se queremos algo.

— Não, obrigada — digo tentando parecer menos assustada do que eu estou.

— Pedro, acho melhor trazer uma água e, quem sabe, alguns saquinhos para

PERIGOSAS

enjoo.

Eu fuzilo Antonio com os olhos, mas ele apenas me dá essa piscadinha safada tão típica dele.

— Vamos lá! — fala para mim assim que o avião começa a taxiar pela pista. — Hora de voar, passarinho!



O voo está sendo incrivelmente tranquilo, tanto que, quando o almoço é servido, já nem lembro que estou em um avião. Antonio está com um humor ótimo e nem parece que, há algumas horas, passamos por aquele clima estranho lá em Curitiba.

— Olha para baixo. — Ele aponta a

janelinha do avião.

— Oh, meu Deus! — Olho para ele espantada, reconhecendo o local onde estamos. — É o Rio!

— Sim, mas não se anime. — Dá-me um beijo de leve. — Estamos só de passagem. Sente-se e ponha o cinto, pois já vamos pousar.

Assim que ele acaba de falar, o comissário comunica o mesmo, sentando-se em sua poltrona retrátil. Fico tensa novamente, mas o pouso é tão perfeito que eu nem sinto o impacto do trem de pouso no chão.

— Vamos para outra aventura agora. E ainda iremos conseguir ver um maravilhoso pôr do sol. — Beija-me, carinhoso.

Um carro nos leva até um heliponto e, para meu total desespero, embarcamos em um helicóptero, tomando a rota no

sentido Sul de novo. Olho para Antonio, intrigada.

— O aeroporto mais próximo é aqui no Rio — explica-me.

O barulho da aeronave não é tão suave quanto o do avião, o que me impede de relaxar, mas vamos seguindo pelo litoral, e eu tento distrair minha mente. Sinto a mão de Antonio entrelaçada na minha e, quando me viro para olhá-lo, ele está me encarando.

— O lugar é lindo, tenho certeza de que você vai gostar.

Diferentemente do Sul, em que o tempo estava encoberto, o Sudeste ainda está com o sol a pino no céu sem nuvens, um dia típico de verão. No mar de águas azuis, consigo ver muitas ilhas e, quanto mais o helicóptero vai baixando a altitude, mas eu vou me encantando com o que vejo.

Avisto, por sobre o mar, numa pequena ilha cercada por palmeiras e

árvores, um heliponto e percebo que iremos pousar ali. *Uma ilha!*

Dou um sorriso gigante para Antonio, pois eu estava com saudade do mar, por isso o passeio para eu conhecer a Ilha do Mel, mas estava frustrada pelo tempo tão ruim no Paraná.

— Bem-vinda a Angra — diz assim que pousamos.

Angra dos Reis! O local é lindo, e eu sempre ouvi falar de suas ilhas particulares e dos famosos que a frequentam. *Não posso acreditar que estou aqui!*

— Uma casa nessa ilha foi uma das loucuras de papai — ele me conta a caminho da casa. — Ele sempre foi louco por Angra e, antes de voltar para a Itália, morou aqui por um verão inteiro.

Ele está falando da família! Meu sorriso, já encantado por eu estar neste lugar, torna-se duas vezes maior com essa

brechinha que Antonio está abrindo em sua armadura. Ele me mostra o caminho de pedras cercado de coqueiros que leva até a casa no alto de uma pequena colina.

Na parte alta, encontramos-nos com duas pessoas já nos esperando, uma senhora de meia-idade e um homem um pouco mais velho, ambos uniformizados.

— Marta! — Antonio cumprimenta a senhora. — Desculpe por ter ligado tão em cima da hora. — Pega-me pela mão e me leva até ela. — Essa é Marina, minha hóspede.

Hóspede... Eu cumprimento a mulher e, logo após, sou apresentada ao seu companheiro, Murilo. Entramos, ao que parece, pelos fundos da enorme casa, construída de alvenaria, madeira e vidro, com dois andares, sendo o superior com uma sacada enorme circundando toda a casa.

A cozinha rústica, com móveis de madeira maciça e bancadas de inox, é enorme, e sua parede de entrada é toda de vidro, com vista para o mar. Passamos pela sala de jantar, com a maior mesa que eu vi na vida — devem ter uns vinte lugares aqui, com certeza. A sala, do lado da frente da casa, também tem uma parede toda de vidro.

— Vem ver a vista daqui. — Antonio me puxa para fora da sala.

Uma varanda cheia de móveis de sisal, alguns *futons* e redes dá acesso a uma escada de pedra que leva a um enorme gramado, e uma piscina com deque de madeira parece lançar suas águas ao mar na borda da ilha.

— Uau! — exclamo sem fôlego. A parte escolhida para ser a frente da casa é virada para o oeste, onde o mar é aberto e, ao longe, pode-se ver o sol se pondo no

horizonte. Parece uma cena de filme, de tão perfeita. — Obrigada por isso. É lindo!

— Não. Lindo é poder ver sua expressão ao ver o sol beijar a água. — Ele me abraça e me beija, terno. — Já tomou banho de mar à noite?

— Quando era adolescente...

— Nua? — interrompe-me.

Minha pele se arrepia inteira ao pensar em fazer amor com ele sob as estrelas, no mar.

— Não...

O beijo se torna mais intenso depois da minha resposta.

— Vamos experimentar então — promete.

O piso superior da construção é impressionante, decorado com extremo bom gosto, mas simples, com todo conforto que deveria ter uma casa de praia. O piso de tábuas de madeira, os móveis entalhados, o

enorme banheiro da suíte, com uma *jacuzzi* com vista para o mar, tudo isso é perfeito, porém, o que eu mais gosto neste lugar é o fato de ver, pela primeira vez, fotos emolduradas numa grande parede da sala íntima.

— Ah, já achou nossa vergonha! — Antonio me abraça pelas costas. — Nós três odiamos esse mural da mamãe. — Ele aponta para uma foto dele, pelado, ainda bebê. — Imagina o quanto isso é constrangedor?

Eu rio, tendo eu mesma algumas fotos como essa em um álbum.

— Te mostro as minhas depois, aí, sim, você verá o que é constrangedor. — Gargalho. — Essas fotos foram tiradas por profissionais e, embora você esteja aí de bumbum para cima, está muito elegante. As minhas, não. Me colocavam em cima da cama após o banho e, do jeito que eu

ficasse, a foto era tirada.

— Posso imaginar — comentando. — Olha o Buggie. — Mostra-me um belo cachorro labrador. — Foi nosso companheiro durante 15 anos. Você teve algum bicho de estimação?

— Não, no meu prédio era proibido.

— É uma pena! — Mostra-me uma menina linda, olhos enormes e azuis. — Minha irmã quando se formou na escola. — Aponta para Francesco. — Faculdade. — Depois para uma foto dele com um troféu na mão. — Basquete. Sempre gostei.

Esportista! Está explicado como ele conseguiu um corpão sarado! Eu levanto meu rosto e recebo um beijo incrível.

— Estou adorando o passeio.

— Eu que tenho que agradecer por você estar aqui comigo. Por ter entrado na minha vida — diz passando o nariz no meu pescoço. — Você não tem ideia do que isso

tudo está significando para mim.

Tombo geral! Vejo fogos de artifício e ouço sinos tocarem! Antonio nunca disse nada disso, nem mesmo algo parecido. Eu fecho os olhos e agradeço aos Céus por tê-lo encontrado, por estar vivendo momentos tão especiais, por me sentir cuidada, protegida e por poder amá-lo.

— Eu amo você. — Viro-me para encará-lo. — Eu disse a sério.

— Eu sei. E, apesar de achar que não mereço esse sentimento, ele me faz bem. — Sorri. — Eu gosto muito de estar com você, mas meus sentimentos são complicados... Eu preciso de tempo para conseguir...

Eu ponho um dedo sobre os lábios dele.

— Deixa acontecer, Antonio. Eu ter dito a você que o amo não o força a sentir o mesmo por mim. Não é assim que o amor

PERIGOSAS

funciona. Ele não aceita regras, nem comandos, simplesmente acontece.

Ele me toma nos braços, elevando-me do chão e caminhando para fora da sala.

— Acho que as ondas podem esperar um pouco mais por você, sereia — murmura ao meu ouvido quando entra no quarto e tranca a porta.



— A lembrança mais antiga que tenho é de estar no mar — diz ao descer da cabine e se juntar a mim. — Meu avô tinha uma casa na Sardenha e, quando estávamos de férias, nós saíamos de barco, de Nápoles, em direção à ilha. O lugar é lindo!

Saímos de manhã, com o sol ainda se levantando no céu, no iate que foi trazido

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

da marina para cá. Antonio possui habilitação náutica como arrais-amador e ele mesmo está nos conduzindo pela baía de Ilha Grande. O primeiro local onde paramos, um ponto de turistas, porém, ainda vazio, foi na Lagoa Azul, uma piscina natural de águas azuis e cristalinas. Pulamos do iate e mergulhamos naquela delícia. Ficamos por lá até vermos a primeira escuna com visitantes se aproximando e, então, voltamos a navegar. Visitamos mais duas ilhas próximas e paramos em duas praias da Ilha Grande. Quando, por fim, estávamos famintos, voltamos ao iate para o almoço que fora preparado pela Senhora Marta.

— Hum, o cheiro está incrível! —
Espio dentro da cesta.

— Aposto que é a especialidade dela, robalo assado na folha de bananeira com ervas e limão siciliano! — Ele retira o

NACIONAIS - ACHERON

peixe da cesta. — Ahá!

Eu adoro ver Antonio assim, descontraído, brincando como criança. Durante toda a manhã nós estivemos desse jeito, entre brincadeiras, risos e conversas. Claro que rolava uns amassos, mas estávamos curtindo um a companhia do outro. Perceber que, mesmo sem o sexo, nós adoramos estar juntos, foi o melhor que poderia ter acontecido. Agora, mais do que nunca, sei que um relacionamento estável é possível entre nós.

Estamos comendo o delicioso peixe acompanhado por uma salada tropical — com frutas em meio às hortaliças — e tomando cerveja gelada. Antonio inicialmente pensou em abrir um vinho, mas depois desistiu, pois está quente e o clima, despojado, assim, estamos na cerveja.

— Eu queria poder estender esse dia — comento —, fazê-lo durar pelo triplo do

tempo para poder aproveitar cada lugar desses com você.

— Precisaríamos de quase um ano para conhecer tudo por aqui. — Ri. — São 365 ilhas, a maioria não habitada. Mas espero vir mais vezes com você.

Eu também! Eu espero, do fundo do meu coração, poder voltar aqui mais veze; poder trazer nossos filhos aqui e colocar uma foto deles – pelados – no mural.

— Vamos descansar ou continuamos a explorar?

— Descansar? — Sento-me no colo dele. — Estava pensando em outra coisa para relaxar.... Sabe, já fiz amor dentro da piscina, dentro do mar à noite, mas nunca dentro de um iate.

Ele geme e me aperta contra seu colo.

— Seu pedido é uma ordem, capitã!

PERIGOSAS

É segunda-feira bem cedo, e estamos voltando para Curitiba. O helicóptero nos pegou na ilha ainda antes do nascer do sol, levando-nos rumo ao Rio, e depois, quando o dia já estava claro, mas o sol escondido entre nuvens, levantamos voo no jatinho e estamos indo de volta para casa.

Eu sei que vou guardar para sempre a memória desses dias, uma surpresa incrível num lugar paradisíaco junto ao homem que eu amo. Não poderia haver final de semana mais perfeito que esse.

Amamo-nos tantas vezes e em tantos lugares diferentes, conversamos, brincamos e, principalmente, eu fiquei conhecendo um pouco da vida desse homem tão fechado, mas que, naquele lugar, contou-me histórias de sua infância e sobre sua família.

Dormimos abraçados em uma enorme rede de casal na varanda da casa, ouvindo os sons da noite, das ondas e

NACIONAIS - ACHERON

sentindo a brisa do mar. Antes de partirmos, despedi-me de Marta e Murilo, com Antonio enlaçado em minha cintura, dizendo a eles que eu voltaria mais vezes.

— Estamos para pousar — Antonio me avisa mais uma vez antes da tripulação. — Você tem certeza de que não está cansada para ir trabalhar hoje?

— Estou ótima e com baterias recarregadas. — Faço um *joinha* para ele.

— Eu viajo hoje à noite — diz, tenso. — Eu queria poder me despedir de você antes de ir.

— Eu estarei lá! — prometo. — Saio do trabalho e vou direto para o seu apartamento.

— Você poderia ficar por lá enquanto eu estou fora. — Eu o olho sem entender. — É mais perto do trabalho e, se você ficar indo no Victor com suas amigas, não vai precisar ir para o Bacacheri de

ônibus.

Eu respiro fundo. *Ah, não é possível que ele esteja tentando me controlar enquanto está fora!*

— Eu vou aproveitar esses dias e ficar com elas no nosso apartamento. Além disso, preciso fazer um monte de coisas por lá.

Ele concorda, mas não sorri, nem parece satisfeito.

— Ainda assim vou deixar as chaves com você...

— Antonio, não precisa! Vera vai estar lá; qualquer coisa, eu vou quando ela estiver limpando.

— O.k., não vamos discutir por causa disso. — O avião começa os procedimentos de pouso. — Posso te ligar enquanto estiver fora?

— Deve!

PERIGOSAS

— Ui, alguém foi à praia! — comenta Bárbara assim que me vê. — Engraçado é que choveu o final de semana inteiro por aqui.

— Fui ao Rio — declarei sem mais explicações.

— Algum problema com seu apartamento? — pergunta Quênia.

— Ela está com cara de quem está com problemas? Claro que não. Isso é obra do *boy magia* desconhecido!

Eu rio com a brincadeira dela.

— Talvez seja. — Ligo meu computador e começo a trabalhar.

Meu humor está maravilhoso e nem a pilha de tarefas que tenho que fazer hoje me desanima. Estou realizada como nunca estive antes: tenho um trabalho que adoro, conheci pessoas incríveis e, pela primeira vez, estou amando alguém que vale a pena amar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Antonio e eu ainda temos muitas arestas a aparar, mas creio que, com o tempo, tudo irá entrar nos eixos e nossa relação se desenvolverá naturalmente, sem segredos. Eu ainda penso que, de certa forma, quando assumirmos o relacionamento, isso irá me prejudicar um pouco dentro da empresa. As pessoas irão questionar qualquer coisa boa que acontecer comigo aqui dentro, achando que foi por causa do namoro com um diretor, e não qualquer diretor, mas um dos herdeiros da Rede.

Estou sentada à mesa com Bárbara e Quênia, na hora do almoço, quando vejo Hans Baden entrar no restaurante. Eu tenho verdadeiro asco desse homem! Ele me olha altivo, mas também vejo desejo na sua expressão. Um frio sobe pela minha espinha, e eu volto a prestar atenção à conversa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Nós vamos receber alguns amigos em casa hoje — conta Quênia. — Você estará lá, não é?

— Vocês não cansam nunca? — Pergunto-me como elas conseguem ter uma vida social tão agitada e ainda serem ótimas no trabalho. — Hoje é segunda-feira!

— Querida, a vida passa muito rápido para ficar em casa dormindo! — Bárbara filosofa séria.

— Eu vou dar uma saída rápida depois do expediente, mas volto para casa. Contem comigo!

— Ui, até que enfim! Essa melação com o boy estava pesada!

Eu rio, mas não concordo com ela. Meus momentos com ele são demais!



Saio do trabalho apressada para encontrar Antonio. São 18h, e vou ter menos de uma hora para me despedir dele, o que eu lamento, porém, não consegui terminar tudo o que eu precisava fazer hoje mais cedo. Vejo duas ligações perdidas dele no meu celular, mas como já estou chegando, não retorno.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Desço do táxi em frente à portaria do prédio e noto que o porteiro já abriu o portão para mim sem ao menos eu tocar. Ele tem me visto sair todo dia de manhã para trabalhar e, às vezes, quando volto sem Antonio, ele o abre para mim.

— Boa noite! — cumprimenta-me já chamando o elevador.

— Boa noite, Hugo! Sabe se o Senhor Villazza já está em casa?

— Não o vi subir, talvez ele tenha ido direto da garagem. — Ele me entrega um envelope. — Mas de qualquer forma, ele deixou isso aqui hoje de manhã e disse que era para você.

Eu lhe agradeço e tiro, de dentro do envelope, um molho de chaves penduradas em um chaveiro dos *Rolling Stones*. Balanço a cabeça, recriminando a teimosia de Antonio. Eu já havia dito que não iria ficar aqui enquanto ele estivesse

NACIONAIS - ACHERON

viajando. Não me sinto bem com isso, mas uma das características mais marcantes desse homem é a teimosia.

Abro, com minha chave nova, a porta do apartamento, porém, encontro tudo escuro.

— Antonio? — chamo, mas não tenho resposta. Fico apreensiva, pensando que, talvez, ele já esteja no aeroporto.

O apartamento foi faxinado hoje, a bancada da cozinha brilha. Eu abro a geladeira para tomar um copo de água e vejo que está praticamente vazia, diferente de sábado. Provavelmente Antonio pediu para que Vera a deixasse assim, pois, como irá ficar duas semanas fora, os alimentos se estragariam.

Entro no quarto, percebendo a cama milimetricamente arrumada. Deixo minha bolsa sobre um aparador e vou rumo ao closet, onde vejo um conjunto de malas

de couro pretas encostadas por ordem de tamanho a um canto.

Suspiro, pensando que ele vai ficar longe por muitos dias. Pego uma das valises pequenas que ele tem no armário e coloco algumas peças de roupas minhas, porque, definitivamente, eu não vou ficar neste apartamento sozinha.

Ouçõ um barulho e paro o que estou fazendo para ir encontrar Antonio, mas nem chego à suíte quando o escuto gritar e xingar alguém.

— Porra, já disse para você se meter na própria vida! — Ele não parece nada satisfeito com quem está falando. Sei que devo mostrar minha presença, mas não me movo, constrangida por ser vista aqui, afinal, eu nem sei quem é que está com ele.

— Eu sou seu irmão, Tony! Apesar da distância a que você nos impôs nesses anos, eu continuo sendo seu irmão mais

velho e quero o seu melhor, *cazzo*²¹!

Merda! É o Francesco Villazza, o CEO da rede de hotéis. Eu decido ficar escondida, mas não posso deixar de ouvir a conversa.

— Você precisa assinar e acabar com essa guerra de uma vez por todas! — ele diz num tom mais suave. — Chega de tanto sofrimento! — Escuto Antonio bufar. — Você não escuta mais ninguém. *Mamma e babbo*²² desistiram de falar com você, mas eu não.

— Infelizmente... — fala irônico.

— *Cazzo*, Tony, são sete anos! — Escuto o tintilar de copos. — É hora de seguir em frente. Eles me ligaram...

— Porra, Francesco! Não se meta nisso. — Eu arregalo os olhos ao ouvir a raiva na voz de Antonio. — Chega dessa conversa, eu preciso tomar banho e me arrumar para ir...

PERIGOSAS

— Por favor, pense no que eu te disse. Você merece reconstruir sua vida, todos achamos isso. Chega de querer prolongar a dor, porque é só isso o que você está fazendo com essa atitude, prolongando a dor de todos!

Escuto a porta da sala bater. Respiro fundo. Sei que vou ter que sair e dizer a ele que ouvi parte da conversa, que, por sinal é, no mínimo, muito intrigante. Reconstruir a vida, prolongar a dor e todas as outras coisas que ouvi, despertaram um alarme em minha mente.

Ele está sentado no sofá com a cabeça abaixada e apoiada nas mãos.

— Antonio — chamo devagar da porta do quarto.

Ele me olha assustado e se levanta, tentando recolocar a máscara de homem de pedra, mas eu vejo seu olhar transtornado e sei que ele está desmoronando por dentro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O que... — Bufa. — Merda, Marina! Por que não disse que estava aqui?

— Eu não quis sair quando percebi que era seu irmão. — Aproximo-me dele. — Está tudo bem?

Ele se afasta do meu contato, e isso me paralisa, pois nunca aconteceu antes.

— Eu só preciso pensar! — informe-me. — Não é nada com que eu não saiba lidar. — Vai até a cozinha, pegando o copo que Francesco deixou em cima do balcão, e o lava.

Fico aqui, em pé no meio da sala, vendo-o lavando louça depois de uma discussão acalorada como aquela e depois de ter rejeitado um abraço.

— Me desculpa — digo com sinceridade. — Eu não tinha a intensão de me meter nos seus assuntos. — Viro as costas e volto para o closet.

Antonio me abraça pelas costas

NACIONAIS - ACHERON

antes que eu consiga chegar ao armário. Um abraço tão forte, tão sentido que eu sinto lágrimas deslizarem sobre meu rosto e um frio se espalhar sobre minha pele.

— Não, sou eu quem pede desculpas. — Beija meu pescoço. — Recebeu as chaves?

Somente concordo com a cabeça.

— Eu ficaria mais tranquilo com você aqui — diz ao meu ouvido. — Eu tenho um carro e um motorista à sua disposição...

— Não — sou dura com ele. — Não preciso de carro, nem de motorista! — Encaro-o. — Eu preciso de você, entende? Eu preciso que você me deixe entrar, que me deixe fazer parte da sua vida, como você já faz parte da minha!

— Você acha que não faz parte da minha vida? — Ele ri, triste. — Você não sabe o quanto você já faz parte.... É esse o

problema!

Parece que levo um soco ao ouvi-lo dizer isso. *Problema?* Eu sou um problema para ele?

— Mas eu não consigo estar longe de você. Você me faz querer gritar *pro* mundo o quanto sou louco por você — ele continua, segurando meu rosto. — Você me faz sentir...

Seus lábios se encostam aos meus com voracidade, mas vão perdendo o ardor e ganhando ternura. Ele suga meu lábio inferior, passa os dentes por ele, invade minha boca com a língua. Eu o enlaço pelo pescoço, segurando-o muito perto, com medo de que ele se afaste de mim. Eu o amo mais do que poderia sonhar amar alguém.

— Eu te amo — confesso enquanto ele vai depositando beijinhos em minha boca. — Não quero que isso seja um problema, quero que isso seja bom para

PERIGOSAS

você como é para mim.

— E é, Marina. Pode acreditar que é.
— Seu telefone toca. — Preciso me trocar para ir. — Eu concordo. — Nos falamos pelo telefone. — Dá-me um sorriso provocante. — Não apronte em minha ausência!

O telefone toca de novo, e ele o atende indo em direção ao banheiro.

Não estou satisfeita com essa conversa, não mesmo! Há tantas peças soltas, e eu fico tentando juntá-las de alguma forma para que façam algum sentido. Entretanto, não fazem; há detalhes que eu desconheço da vida dele, e penso que talvez não goste quando conhecer.

Alguns minutos depois Antonio surge, banho tomado, roupa confortável, arrastando duas malas e com a outra pendurada no ombro. Ele deixa-as para trás quando me vê sentada aqui.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu queria ter mais tempo para ter essa conversa — disparo. — Eu acho que o fato de eu te amar não é o suficiente para...

Ele me cala.

— Não diga isso. — Antonio parece vulnerável. — Nunca mais diga isso! Eu só preciso de tempo para lidar com as mudanças que ocorreram em minha vida, pois eu nunca esperei que isso acontecesse, achei que nunca... — O interfone toca. — Merda! Vieram buscar a bagagem. — Olha-me desesperado. — Me prometa que vai tirar essa ideia da cabeça! Você é mais do que suficiente para mim, e eu não quero perder você.

— Eu...

— Me prometa! — Bufa. — Se eu pudesse, cancelava essa viagem, mas não posso. Então me prometa que não vai decidir nada enquanto eu não voltar, que vai falar comigo durante o tempo em que eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estiver longe, que vai continuar sendo minha.

Eu sinto meu coração disparado no peito e um tremor enfraquece minhas pernas.

— Eu sou sua, Antonio. Mesmo que eu não quisesse ser, eu sou.

Ele me beija, selando essas palavras entre nós.



Mais de uma semana se passou desde que eu e Antonio tivemos aquela conversa no apartamento dele. Lembro que eu voltei para casa com uma horrível opressão no peito e uma sensação de que algo ruim iria acontecer. As meninas estavam com visitas, e eu fiquei com elas por um tempo e depois fui dormir. No

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entanto, rolei na cama a noite toda, remoendo cada pedacinho da conversa que ouvi, principalmente as coisas que Francesco falara.

Não consegui dormi e cheguei à conclusão de que fora Antonio quem se afastara de todos da família, mas eu não entendo o porquê. Alguma coisa aconteceu há sete anos, quando ele ainda tinha 28, e talvez seja o motivo da terapia. Alguém está tentando negociar algo com ele, Francesco pediu-lhe para assinar alguma coisa.

Tenho pensado nisso, mas não questiono nenhuma daquelas palavras quando nos falamos ao telefone. Temos conversado muito durante esses dias por mensagem, por voz e até mesmo por vídeo, pois qual não foi a minha surpresa ao receber uma encomenda no trabalho e ver um iPhone novinho dentro da embalagem?

No bilhete que o acompanhou,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Antonio escreveu que preferiu me entregar assim, pois sabia que eu criaria resistência em aceitá-lo, mas que o presente era, principalmente, para o uso dele, já que precisava se comunicar melhor comigo, e meu celular não tinha câmera dianteira boa, o que dificultava as vídeos-chamadas.

Não vou dizer que não gostei do presente, adorei. Principalmente quando fizemos nossa primeira transmissão estando Antonio em Barcelona e eu, aqui. Desde esse dia, sempre quando eu vou dormir, faço uma ligação por vídeo e o vejo já deitado em sua cama no hotel em que estiver.

O clima deixou de estar pesado entre nós ainda nos primeiros dias de distância. Quando ele foi para Roma, local onde ficou mais tempo, mandava-me fotos dos pontos turísticos, mostrando-me a cidade e dizendo o quanto gostaria que eu a conhecesse.

NACIONAIS - ACHERON

Comecei a fazer planos de uma vida juntos, de estar com ele em algumas dessas viagens, de conhecer sua família. Conforme os dias estão passando e com toda a atenção que recebo de Antonio, eu me sinto mais segura, com mais fé em que essa nossa história tenha futuro.

Acordo atrasada e preciso correr para conseguir chegar a tempo ao escritório. O trânsito não me ajuda muito, e eu fico impaciente dentro do ônibus. Bárbara já saiu, pois acorda mais cedo para frequentar a academia antes de ir para o trabalho, e Quênia, na noite de ontem, não dormiu em casa.

Minha convivência com elas voltou a estar em paz, pois vamos juntas a todos os lugares. Eu fico em casa com elas, conversando, ajudando na limpeza ou cozinhando, já que as duas são negações na

cozinha. Fomos ao Victor três vezes durante a semana passada, no final de semana fomos à Joker's com Valéria e Kelly – a *Barbie* – e hoje, mais uma vez, iremos ao Victor para comemorar o aniversário de Quênia.

Chego suada a minha mesa, mas dentro do horário. Amanhã é feriado de Carnaval, então preciso deixar tudo organizado, pois estarei de folga. Penduro minha bolsa no suporte e pego o celular para desligá-lo, não sem ver a mensagem de Antonio me desejando bom-dia e dizendo que sente minha falta. Escrevo a ele que sinto a sua falta também.

Na hora do almoço, encontro-me com Bárbara e Quênia no restaurante.

— Onde vocês estavam a manhã toda? — pergunto assim que me sento.

— Eu estava com o pessoal da Kepner, a empresa que está promovendo a feira nacional de orgânicos — justifica-se

Quênia.

— E eu, com a noiva e o buffet do casamento deste final de semana. — Bárbara faz uma careta. — O pessoal do buffet tem muita paciência! Vocês acreditam que a mulher os fez descrever detalhe por detalhe da organização da festa? Poxa, eles fazem projeto para isso, mas ela queria “visualizar” no local.

Eu rio, sabendo que a tensão pré-casamento pode deixar uma mulher enlouquecida.

— Animada para a festinha de hoje à noite? — indago a Quênia.

— Nada de cantar parabéns! — avisa. — Vou fazer trinta anos, já não se comemora mais.

— Que absurdo! — Bárbara lhe dá um tapinha. — Eu vou comemorar todos os anos, até mesmo quando estiver velhinha. Adoro festa de aniversário!

PERIGOSAS

— Prepare-se para um buffet infantil quando chegar o dia dela — Quênia faz piada.

— Adoro festa de criança, são as melhores comidinhas, sem contar os doces! Estou dentro, Babe!

Nós duas rimos, enquanto Quênia, mais uma vez, resmunga sobre não querer os parabéns.

— Ah, Marina, acho que ela está assim, tão resistente aos parabéns, porque já recebeu presente antecipado.

Eu olho para Quênia, curiosa, e a vejo ficar vermelha como um tomate.

— Hum, também quero saber que presente foi esse!

— Ela saiu com um guri... — Bárbara beija os dedos. — Até eu fiquei com inveja.

— Chega, Babe! — Ela se levanta.
— Não foi nada! Apenas saímos,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

conversamos e passamos a noite juntos, não é como se ele quisesse me namorar ou coisa assim. Vou voltar ao trabalho.

Olho para Bárbara sem entender o que aconteceu, mas ela está tão perplexa quanto eu.

— Quem é o homem? Eu conheço?

— Sim. — Ela olha para os lados e cochicha: — O diretor de Recursos Humanos, o Hans Baden.

Ah, puta que pariu! Aquele porco com minha amiga? Eu tremo só de pensar no que Quênia passou.

Quênia ficou o resto do expediente quieta em sua mesa. Bárbara, às vezes, me olhava como se quisesse que eu falasse algo, mas eu não sabia por onde começar, visto que tenho nojo só de pensar naquele homem e realmente gostaria de dizer a ela que ele não presta, caso ela ainda não saiba.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Pouco antes de sairmos do trabalho, eu não aguento mais esse clima ruim e vou falar com ela.

— Houve algum problema, Quênia?
— Sento-me ao seu lado. — Desculpe por nossa brincadeira, não queríamos te ofender.

— Não ofenderam, mas é que eu fico constrangida, pois não sei o que você pode pensar de mim. Não é uma coisa que eu faça, sair com os executivos da empresa, ainda mais agora que Mlody subiu. Poderia parecer que tentei tirar vantagem com o sexo.

— Nunca iríamos pensar isso de você — tranquilizo-a. — Sei que, se você virar nossa gerente, foi por mérito próprio. Além do mais, para mim seria uma vantagem, pois além de sermos amigas, moramos juntas. — Dou-lhe uma piscadinha amistosa.

NACIONAIS - ACHERON

— O que eu disse lá embaixo foi sério. Foi só uma transa sem sentido, maravilhosa, mas só uma transa. — Tento não fazer careta ao pensar naquele homem escroto. — Ele nunca iria querer nada comigo. É bonito, bem-sucedido, pode ter qualquer mulher que quiser.

Não pode, não! E não merece você também, queria dizer a ela, mas acho que poderia ficar chato, parecer inveja, se eu comentasse algo de ruim sobre ele.

— Você gosta dele? — questiono com medo de ouvir a resposta.

— Desde que entramos na empresa — Bárbara se mete. — Ela fica aí, toda serelepe com os irmãos Villazza, mas quem ela quer mesmo é o Baden.

Eu sinto pena da minha amiga, porque gostar de homem como aquele é, no mínimo, desastroso. Primeiro, porque ele nunca será confiável para um

relacionamento, e segundo, porque ele é uma pessoa de caráter ruim e, ainda que queira algo com ela, a fará sofrer com sua prepotência e preconceito.

— Não quero falar mais disso — ela nos pede. — Hoje vamos curtir, aproveitar que *trintei* e ir à forra como se o mundo acabasse amanhã.

— É assim que se fala! — digo, torcendo para que ela saia dessa.

— Mais uma! — Babe grita para Quênia, virando seu segundo copo de tequila.

O bar está cheio. Como sempre, a maioria dos ocupantes é de funcionários do Villazza, e em nossa mesa há umas vinte pessoas reunidas para o aniversário de Quênia. Ela havia avisado sobre os parabéns, mas assim que chegamos, uma torta com velas e tudo estava à nossa espera,

providenciada por Valéria.

— Vou girar a garrafa! — Quênia avisa antes de rodar a garrafa sobre a mesa.

Estamos brincando de “verdade ou consequência”, coisa que só bêbado e adolescente fazem, e cada vez mais entram pessoas no jogo. A porcaria da garrafa já parou em mim duas vezes, mas me safei nas duas perguntas, pois quem as fez não me conhece, então foram simples. Meu medo é de a maldita parar em mim agora, pois é Quênia quem fará a pergunta.

E é só eu pensar nisso, e o gargalo da “dita cuja” para apontado em minha direção. *Merda*. Quênia ri como uma bruxa que irá devorar uma criancinha e, antes que ela formule a pergunta, eu já sei do que se trata.

— Eu quero saber o nome do seu boy. — Aponta para mim, vitoriosa. — Verdade ou consequência?

Óbvio!

— Consequência, Quênia — minha voz sai desanimada.

Ela xinga e ri, bem bêbada mesmo. Eu fico preocupada com ela, principalmente porque prometi a Antonio que iria dormir no apartamento dele essa noite e iria acordá-lo lá em Londres para fazermos uma vídeo-chamada safadinha.

Olho para Bárbara e me tranquilizo ao ver que ela está mais “sóbria” que Quênia. Penso que é melhor eu chamar um táxi para as duas na hora que formos embora.

— Três doses de tequila! — Quênia põe três copinhos com borda de sal em cima da mesa e começa a contar.

Tenho vinte segundos para engolir as três doses, senão preciso dizer a verdade. Antonio vai ter que se contentar comigo bem altinha essa noite, isso se eu chegar

PERIGOSAS

inteira em casa.

Viro tudo de uma vez.

Depois de mais brincadeiras, cantamos parabéns, bebemos mais, cantamos com a banda, dançamos e, finalmente, quase somos expulsas do bar. Chamo um táxi para elas e um para mim e sigo para o apartamento de Antonio.

Não sei como abro o portão, nem a porta da portaria, muito menos como entro no elevador e aperto o andar certo, mas chego ao apartamento e vou direto tomar um banho. Ponho uma calcinha bem provocante e uma máscara que usamos uma vez para brincar na cama. Confiro as horas no celular e arfo ao perceber que o dia já está prestes a amanhecer.

Faço a chamada, mas Antonio não atende. Frustrada e bêbada, faço novamente, e assim sucessivamente, até que ele, por fim, aceita a chamada. Apoio o celular no

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

criado-mudo e fico de frente para ele vestindo fio dental de renda preta e máscara do mesmo material e cor.

— Puta que... — ele xinga assim que me vê e encerra a transmissão do vídeo.

Eu pego o celular, mas ele logo retorna a ligação.

— Oi, gostoso! — falo quando ele aparece de terno e gravata no vídeo.

— Porra, Marina, onde você estava? — Ele parece irritado. — Acordei umas três vezes durante a noite, e nada, nenhuma mensagem sua.

— Mas ainda está de noite... — ronrono.

— Só se for aí, eu já estou trabalhando há horas! Você está bêbada?! — O homem parece uma fera, e isso o deixa mais sexy. Gemo. — Não acredito que você só chegou agora!

— Ah, para de bancar o papai,

NACIONAIS - ACHERON

Tonie! — Ele ergue a sobrancelha ao ouvir o apelido modificado que nunca uso. — Foi aniversário de Quênia, e amanhã, ou hoje, é feriado! — Ele bufa. — Vamos lá, onde estão as safadezas que você tinha em mente...?

— Estou no meio de uma reunião, Marina! Na verdade, eu interrompi a reunião, pois, quando te atendi, pensei que você só quisesse se justificar por ter *dormido* e esquecido de me chamar. Mas não, minha gata festeira estava na tela do meu celular só de calcinha...

— E máscara. — Mostro o acessório. — Não gostou da surpresa?

Ele ri e vira a câmera do celular para seu colo.

— Uau! — exclamo ao ver que ele está sozinho numa sala, sentado numa cadeira, já pronto e se tocando.

— Vamos começar a brincadeira,

PERIGOSAS

baby — diz risonho.

NACIONAIS - ACHERON



22

A campainha toca sem parar, e eu me levanto assustada. Olho para o criado-mudo, e o relógio marca apenas 11h da manhã. Eu me deito de novo e tampo a cabeça com o travesseiro, esperando que, quem estiver tocando, vá embora. Contudo, o visitante é insistente e não dá tréguas à pobre da campainha, nem a mim. *Que*

NACIONAIS - ACHERON

raios! Será que essa pessoa não sabe que não tem ninguém em casa?

Levanto-me irritada. Estou nua, pois desmaiei depois que desliguei a vídeo-chamada que Antonio e eu fizemos. Demoramos um pouco menos de meia hora entre safadezas e palavras carinhosas, mas como o estavam esperando para terminar a reunião, ele tinha pressa. Depois disso, literalmente capotei na cama.

Enfio um short e uma camiseta e vou até a porta de entrada, mas não vejo ninguém. Viro as costas, pensando em voltar a dormir, e a campainha volta a tocar insistentemente. Eu olho pelo olho mágico de novo, mas nada. Estou prestes a interfonar para o porteiro, quando escuto o som estridente de novo e, sem pensar, abro a porta de uma só vez.

— Ora, ora... — Hans Baden está me olhando com uma expressão de pura

maldade. Eu tento fechar a porta na cara dele, mas, bem mais forte que eu, ele a força e entra, levando-me consigo.

— Mas que merda! — Eu tento dar socos nele, mas não consigo, pois ele me prende com seus braços. — Me solta, seu louco! O que você vai fazer?

Ele me empurra no sofá e olha para mim, ativo e malicioso.

— Não sou chegado a estupro, gosto das minhas mulheres implorando por mim. — O olhar que ele me dá me causa arrepios. — Mas agora consegui entender seu jogo! — Ri. — Eu era peixe pequeno para você, não é?

— Seu...

— Psiu! — manda-me calar a boca, e isso faz meu sangue ferver de raiva. — Já notei que, realmente, burra você não é. — Ele anda até o aparador de bebidas da sala e se serve de uma dose de uísque. — Se

PERIGOSAS

tornar amante do Tony! — Ele olha para o apartamento. — Boa sacada!

— Você não tem...

— Cala a boca! Eu odeio quando me interrompem. — Eu me encolho no sofá. — Sabe, se você queria um belo apartamento, roupas finas e joias, eu também poderia lhe dar.

— Eu não estou interessada nisso! Antonio e eu estamos...

— Estão o quê? Namorando? Apaixonados? — Ele gargalha. — Me fale uma coisa, Marina. Para quem ele te apresentou? Para quem ele falou de você? Onde vocês frequentam? — Ele se senta em uma cadeira. — O que ele te prometeu? Amor eterno? Casamento?

— Isso não te diz respeito!

— Ah, a mim, não. Mas à esposa dele, que está na França, com certeza diz, não é?

NACIONAIS - ACHERON

Eu arregalo os olhos ao ouvir a palavra *esposa*.

— Você não sabia que Tony é casado? — Ele ri. — Muito bem casado, por sinal. Amigos de infância, primeiro amor, se você me entende. — *Não pode ser verdade!* — O pai dela é o Diretor Executivo da Rede na França, Espanha e Portugal.

— Você está mentido... — digo num fio de voz.

— Não, não estou. — Ele se levanta e vai até uma mesinha, onde tem uma gaveta, e, como se soubesse que o objeto está ali, tira um bloco de anotações e escreve algo. — O endereço da casa dele no bairro Água Verde, aqui perto. É uma bela casa! Com espaço de sobra, comprada pensando nos filhos deles.

Ele tem filhos? Eu não posso acreditar nisso, não pode ser verdade! Meu

corpo está gelado, meu coração, disparado e minha cabeça dói. Sinto vontade de vomitar, de gritar, de chorar. Levanto-me para sair daqui, mas Baden me segura.

— Você é só mais uma em um novo apartamento. Ele sempre faz isso, muda de amante, muda de apartamento e, como ele não fica muito em casa, tem a desculpa perfeita para um local sem nenhuma identidade, como este.

Sinto o chão rodar embaixo dos meus pés. Estou de ressaca, confusa e tudo o que ele está me falando, embora por pura maldade, parece-me ser verdade. Os dedos dele entram dentro da minha carne, marcando-me, mas eu não consigo ter nenhuma reação.

— Eu sou solteiro e, talvez, você até conseguisse me arrastar para algum tipo de relacionamento estável — diz bem próximo ao meu ouvido. — Mas não suporto o resto

dos outros. — Solta-me.

— Como você soube? — Tento controlar as lágrimas.

— Eu fui até o Victor ontem e vi você e suas amigas se divertindo. Quando vocês foram embora, vi que você não foi com elas.

— Você me seguiu... — Eu o encaro assustada.

— Queria saber o porquê daquela rejeição. E a única explicação que eu tinha, era que havia outro homem na jogada. — Ele ri. — Esse caso de vocês começou no Haldon? — Ele, de repente, arregala os olhos. — Você é ela! Como eu não percebi antes? Você era a mulher que ele pegou naquela boate!

Ouvir essas palavras da boca desse homem nojento faz aquela noite parecer tão suja... Eu não consigo acreditar que Antonio tenha contado sobre a nossa noite para

Baden, muito menos se referido a mim como a mulher que ele “pegou” numa boate. Será mesmo que eu me enganei tanto com ele?

Baden está rindo com deboche.

— E eu te trouxe para Curitiba sem saber de nada! — Gargalha. — Tony me deve essa! Mas como eu ia saber? Ele nunca gostou muito da criadagem, preferia mulheres mais independentes e bem-sucedidas, que sabem as regras do jogo. Mas você não é assim! Não, está toda iludida, achando que ele vai ficar com você para sempre. — Ele gargalha. — Ele nunca vai deixá-la por você. Você é só o estepe da vez, que ele usa porque ela está longe, morando em Paris. Por falar nisso — ele olha a hora —, ele deve estar chegando para estar com ela agora, neste instante. E o restante dos dias, vai estar com ela, e no mês que vem, ele vai voltar para vê-la. É

assim que acontece, Marina. Ele a ama mais que tudo e não pode viver sem ela, estão juntos há muitos anos. E nada, nem ninguém conseguiu abalar esse relacionamento.

Eu não posso ouvir mais nada! Estou enojada por tudo o que ele falou.

— Saia! — grito ao abrir a porta. — Saia, senão vou fazer um escândalo tão grande que os vizinhos chamarão a polícia!

— Não precisa. — Ele me olha da cabeça aos pés. — Talvez eu abra uma exceção para você depois que Tony te despachar. Mas não sei... Há outras tão bonitas quanto você por aí. — Passa por mim. — Pensando bem, talvez você nem more mais aqui, na cidade, depois que ele se cansar de você. Tony não vai querer a ex-amante trabalhando no mesmo local que ele. Boa sorte!

Eu fecho a porta e me sento no chão,

abraçando minhas pernas. Esse homem não é nada confiável, é inescrupuloso, nojento, e eu não posso acreditar nas suas palavras sem falar com Antonio, não posso!

Levanto-me, limpando todas as lágrimas e pego meu celular no quarto. Primeiro mando uma mensagem de texto, perguntando como ele está e onde. A mensagem é entregue, mas não há visualização. Ligo para ele, mas não atende. Penso que ele pode estar em alguma reunião ainda. Sim, é isso!

Tento não me desesperar, tomo um banho e como alguma coisa, mas confiro o celular de tempos em tempos. Ligo para ele de novo; o celular está desligado. A nota com o endereço, que Baden rabiscou na folha, está na minha mão.

Eu saio do apartamento e chamo um táxi. Espero, impaciente, a chegada desse, e assim que entro, forneço o endereço, que eu

PERIGOSAS

já decorei, ao motorista. O bairro Água Verde faz divisa com o Batel. Entramos pela praça do Japão e seguimos por ruas estritamente residenciais. Ele para em frente à portaria de um condomínio de luxo.

Eu salto do carro e vou até o interfone, onde um porteiro me atende.

— Eu trabalho para o Senhor Villazza. — Mostro o meu crachá para a câmera. — Eu tenho uma correspondência para pegar na casa dele...

— O Senhor Villazza não se encontra — ele responde, e sinto uma pontada no coração.

— Eu sei, ele está viajando a trabalho. Eu quero ir na casa do Senhor Antonio Villazza.

— Eu vou interfonar para a empregada e ver se ela está na casa. — Desliga.

Eu não preciso ouvir mais nada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Entro de volta no táxi e peço ao taxista que me leve ao Bacacheri.

NACIONAIS - ACHERON



Eu estou no meu quarto trancada há quase 12 horas. As meninas passaram por aqui algumas vezes para saber como estou, porque eu disse que estava passando mal por causa da bebedeira de ontem, mas agora estou sozinha, pois elas foram pular o último dia de Carnaval.

Antonio me mandou uma resposta

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

simples, rápida e objetiva, dizendo que estava bem, que tinha chegado a Paris e que ficaria mais difícil de manter contato comigo por causa das coisas que ele tinha que resolver por lá.

No entanto, não me ligou e, pela primeira vez durante a sua viagem, nós não nos falamos à noite. Tudo faz sentido agora. Eu me sentia escondida, sabia que era mais do que a questão ética por eu trabalhar na empresa dele.

Vejo a noite passar em claro, ouço quando as meninas voltam do baile de Carnaval, noto o dia clarear e, quando o alarme toca no meu horário para ir ao trabalho, levanto-me da cama e vou para o Villazza como se nada estivesse acontecendo, como se meu coração não estivesse estilhaçado em vários pedacinhos.

A animação pós-Carnaval é tão alta quanto a de um velório, e eu agradeço por

NACIONAIS - ACHERON

isso, pois não estou com vontade de conversar com ninguém. *Santa ressaca!*

Concentro-me no meu trabalho e, na hora do almoço, não vou ao restaurante, alegando que tenho muita coisa para fazer e que, se eu sair, ficará tudo mais atrasado. O telefone da minha mesa toca, mas nesse dia eu prefiro evitar todas as ligações que receber, pois se for importante, me mandarão e-mail.

Quênia e Bárbara voltam do almoço com uma cara melhor, voltando a fazer as mesmas piadas e comentários tão típicos delas, mas eu não consigo entrar no clima; tudo o que eu penso é no quão idiota eu fui ao esconder aquele relacionamento com medo de perdê-lo.

Será que elas sabem que ele é um homem casado? Eu sinto que deveria ter contado, porque assim elas poderiam ter me alertado e... Suspiro, pois não adiantaria

nada. Desde que o conheci no Rio, eu estou apaixonada por ele, e saber seu estado civil só serviria para que nosso relacionamento sexual não acontecesse, mas dificilmente mudaria o que eu já estava sentindo.

E o que eu sinto é o que mais dói. Amá-lo é o que faz meu coração se despedaçar, decepcionado com as mentiras e omissões dele. Por ele me ter feito sentir que eu era diferente e especial, que poderia me corresponder.

É isso que dói profundamente, ter sido enganada, ter sido usada.

— Você está quieta hoje, Marina! — Quênia comenta preocupada. — Ainda não se sente bem?

— Fiquei menstruada! — digo, e é verdade. Um alívio tremendo passou por mim quando senti os sintomas pela manhã. Nós dois usamos camisinha todas as vezes em que transamos, mas eu tinha medo de

PERIGOSAS

vazamentos ou mesmo de alguma ter estourado e não termos visto. — Estou com cólica e de mau humor.

— Entendemos! — Bárbara me lança um comprimido para alívio da cólica.

Eu tomo a cápsula com a ajuda de água, desejando que ela também pudesse aliviar outro tipo de dor.

Quando saio do trabalho, em vez de ir para casa, como minhas companheiras de apartamento fazem, resolvo andar um pouco. Vou ao Jardim Botânico e fico vagando entre os canteiros floridos, observando a beleza da natureza. Quero e preciso me distrair, não vou me entregar à autocomiseração.

Eu tenho uma vida inteira pela frente, preciso pensar no meu futuro e não ficar em cima de uma cama, chorando. Não, essa nunca fui eu. Eu me sento num banco e

NACIONAIS - ACHERON

penso no que devo fazer para sair dessa situação em que me encontro. Eu precisarei encarar Antonio daqui a alguns dias e dizer a ele que eu já sei sobre sua esposa e que não quero continuar enganando ninguém.

Após isso, eu trabalharei com afinco, mas distribuirei currículos para sair da empresa o mais rápido possível. O ideal será retornar ao Rio, e meu apartamento ainda está vago, graças a Deus. Eu tenho guardado algum dinheiro da minha rescisão do Villazza Barra e parte do salário que recebi aqui em Curitiba; se eu ficar por mais algum tempo, poderei retornar ao Rio e ter tempo para conseguir uma nova colocação, ainda que não seja tão boa quanto a na qual eu estou agora.

Pensar em deixar Curitiba, as meninas e o meu trabalho aumenta a dor que eu já estou sentindo, mas será o melhor. A distância será o remédio ideal para me

fazer esquecer e seguir adiante com minha vida.

Retorno ao Bacacheri e, ao entrar em casa, vejo Valéria na sala com as meninas, comendo petiscos, tomando cerveja e assistindo a TV.

— Boa noite! — Minha intenção era chegar a casa e descansar, mas seria extremamente rude com Valéria se eu passasse direto para o meu quarto.

— Melhorou? — Quênia me pergunta assim que me sento numa almofada no chão ao seu lado. Eu sorrio e faço um sinal de concordância, atacando os espetinhos de camarão e enchendo um copo de cerveja para mim.

— Eu não sei por que essas novelas de agora só têm casais que se conheceram ainda crianças, ou juvenzinhos, e que, depois de anos distantes, se reencontram e continuam apaixonados. — Bárbara faz uma

careta.

— Eu acho lindo, não acha? —
Quênia me pergunta.

Eu não respondo, só balanço a cabeça, mastigando camarão.

— Isso não existe, Quênia! Ninguém se apaixona ainda criança e fica apaixonado para sempre — Bárbara afirma, categórica.

— Ah, existe, sim! — Valéria suspira. — Temos um exemplo lindo desses.

Eu me interesso, embora não queira ouvir a história, desconfiando de quem ela está falando.

— Quem? — indago baixinho, com a boca cheia de camarões.

— A do Tony Villazza com a Marjorie Beaumont. — Ela suspira, e eu paro de mastigar na hora. *Oh, meu Deus, então é verdade!*

— É mesmo verdade? Sempre achei

uma espécie de lenda... — Quênia questiona.

— Eu não conheço a história — Babe diz olhando para Quênia e para Valéria.

— Eu a ouvi quando trabalhei com Giovanna Villazza na Diretoria de Marketing. Mas nunca soube de tudo! — Quênia comenta.

Eu sinto arrepios no corpo ao ouvi-las conversando sobre isso justo agora, questionando o porquê de esse assunto nunca ter vindo à tona antes. Entretanto, eu preciso ouvir essa história por completo, saber se o que aquele nojento do Baden disse é verdade, por fim.

— Ah, é uma história de amor como nenhuma outra! — Valéria dá de ombros, um pouco constrangida por estar falando da vida pessoal de seu chefe. — Eles se conheceram ainda crianças, pelo que soube.

PERIGOSAS

Cresceram e estudaram juntos e, na adolescência, começaram a namorar. — Vejo Quênia suspirar e Bárbara fazer caretas. Quanto a mim, estou paralisada, mas sinto meu estômago embrulhado e estou suando frio. — Quando eles terminaram a faculdade, decidiram se casar, logo depois foram para a Europa fazer especialização. Ela engravidou, e eles foram morar em Paris...

Eu me levanto neste momento, sentindo o vômito na garganta. Elas me olham apavoradas, e eu saio correndo para o banheiro. Ponho o pouco que eu comi para fora. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e eu me sinto um lixo humano. *Ele tem filhos, como Baden falou!*

Choro em desespero, sabendo que todas as coisas horríveis que ele disse são verdadeiras. Neste momento eu queria poder sumir para deixar de sentir o que

NACIONAIS - ACHERON

estou sentindo.

— Marina, tudo bem? — escuto Quênia na porta do banheiro.

Não, não está tudo bem! Nada vai ficar bem, não importa o quanto eu me esforce para tentar parecer bem, para tentar seguir adiante, nada está bem, pois mais uma vez a vida me jogou ao chão e, dessa vez, não sei se terei forças para me levantar.

— Tudo bem, só que ainda estou indisposta. — Escovo os dentes, lavo o rosto e saio do banheiro. — Acho melhor ir dormir. Você tem algo para me ajudar a relaxar? Estou com dor de cabeça...

— Tenho clonazepan — Bárbara fala, indo em direção a seu quarto. — Tomei há alguns meses quando tive distúrbio de sono. — Volta com a caixinha na mão. — Vai te ajudar a relaxar.

Eu pego o comprimido e o tomo. Despeço-me delas e entro em meu quarto,

PERIGOSAS

sabendo que, pelo menos nessa noite, conseguirei dormir bem e, assim, pensar com mais clareza amanhã, porque eu não poderei continuar pensando que tudo ficará bem. Não irá. Eu preciso me distanciar de Antonio o mais rápido possível.

NACIONAIS - ACHERON



Troquei o chip do meu celular, pois não aguentava mais ver as ligações, sempre tarde da noite, que ele me fazia todos os dias, muito menos ler as mensagens que ele me enviava questionando por que eu não respondia às suas ligações.

Eu tirei o telefone da minha mesa e pedi que minhas ligações fossem feitas para

NACIONAIS - ACHERON

a mesa de Quênia, alegando que me distraíam e que eu precisava de tranquilidade para trabalhar. Ela não se importou, mas está desconfiada de que algo errado está acontecendo, principalmente depois que eu mudei o número do celular.

Voltei a usar meu antigo aparelho e coloquei o iPhone de volta na caixa, como quando eu o tinha recebido. Não quero nada que me lembre Antonio, apesar de que só o fato de estar aqui, nesse hotel, trabalhando para uma empresa que será dele, já é lembrança o suficiente.

Eu recebi uma mensagem para uma entrevista de emprego num escritório de advocacia de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba. Fiquei animada com a possibilidade de trabalhar em outra cidade do Paraná, mas não fui à entrevista, porque decidi voltar para o Rio de Janeiro. É o melhor a ser feito. Liguei

PERIGOSAS

para a imobiliária e disse que irei voltar a morar no apartamento e que, por isso, não será mais necessário anúncio de aluguel. Eu preciso apenas olhar, pela última vez, nos olhos de Antonio e dizer tudo o que está engasgado em minha garganta desde aquele dia.

Decido ir ao apartamento de Antonio buscar minhas coisas. Quando ele me contou que iria para a Europa, disse que seriam duas semanas, mas na última mensagem que li antes de trocar o número do celular, ele me informou que precisaria ficar mais alguns dias em Paris e pedia para que eu lhe respondesse. Minha vontade era isolar o aparelho o mais longe que eu pudesse, mas como ele *não era meu*, não o fiz.

Encontro Vera limpando o apartamento, e ela sorri quando me vê.

NACIONAIS - ACHERON

— O Senhor Villazza ligou algumas vezes para cá à sua procura — ela avisa. — Disse que não conseguia falar no seu celular e me pediu para dar o recado, caso te encontrasse.

— Obrigada, Vera. Eu vim pegar algumas coisas minhas que estão aqui — informo indo para o closet.

Dessa vez levei minha própria mala, pois não quero mais nada que venha de Antonio. Começo a enchê-la com minhas próprias roupas, deixando para trás tudo o que ele comprou para mim.

Sei que sou fraca, mas não resisto a passar a mão em suas roupas, ordeiramente organizadas nos armários. Vejo a *t-shirt* do escudo do Capitão América, a que ele usou no dia do cinema no Rio. Seguro-a e a levo ao nariz, sentindo seu perfume.

Pedi demissão há cinco dias, logo depois que Valéria, sem saber, confirmou a

PERIGOSAS

história de Baden. As meninas ficaram surpresas, e eu aleguei que estava sentindo saudades de casa, dos amigos do Rio e que não havia me adaptado bem ao novo emprego.

Elas tentaram me convencer a ficar, mas eu já havia tomando a decisão. Sei que estou retrocedendo muitos passos, deixando esse emprego sem perspectiva de encontrar algo tão bom quanto, mas eu preciso recomeçar a minha vida, e ficar em Curitiba, perto de Antonio, seria masoquismo demais.

— Vera, deixei algumas coisas ainda no armário — informo-lhe, para que ela não pense que eu esqueci algo. Coloco as chaves em cima do aparador de bebidas — não irei precisar mais delas —, e o celular, eu o deixei no closet junto com os vestidos, sandálias e lingerie que ele comprou para mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem! — ela grita de dentro de um dos quartos. — Ele chega semana que vem.

Meu coração dispara ao ouvir isso. Ele disse que iria demorar mais alguns dias em Paris, mas uma semana inteira? Será que ele virá com a esposa, ou ela ainda continuará trabalhando por lá? Balanço a cabeça, pois nada disso é da minha conta.

— Tchau, Vera! — despeço-me já saindo para nunca mais voltar a esse apartamento clandestino.

— Ainda não me conformo que você esteja nos deixando tão cedo! Não tem nem dois meses que você chegou! — Bárbara reclama com seu copo na mão. Estamos no Victor mais uma vez, depois do expediente de hoje. O Senhor Mlody me informou que já conseguiram uma pessoa para minha vaga e outra para a vaga de Quênia, que recebeu

hoje a promoção tão sonhada de Gerente de Produtos.

Fico feliz em saber que, em no máximo mais uma semana, eles me liberarão do aviso prévio, uma concessão feita pelo RH, embora eu saiba muito bem quem está fazendo essa “bondade”. Graças a Deus, nunca mais vi a cara do Baden, e Quênia também não tocou no nome dele desde que os dois passaram uma noite juntos.

— Não é justo! Logo agora que a Quênia virou nossa chefinha, você vai me deixar sozinha naquela sala! Sabe que eu terei que fazer amizade com sua substituta e deixá-la ser minha amiga, não é?

Quênia ri.

— Ela disse a mesma coisa para a Bennett.

— Dedo duro! — Bárbara mostra a língua como uma criança travessa. — Mas é

sério, Marina, ainda dá tempo de voltar atrás. — Eu nego com a cabeça. — É o seu *boy magia*, não é?

— Babe...

— Não, Quênia. — Ela me olha solidária. — Não deu certo o relacionamento, não foi? O cara é um babaca por perder uma mulher como você! — diz efusiva. — Não vá embora por causa dele! Curitiba é muito grande, e temos guris maravilhosos aqui, você vai esquecê-lo assim...! — Estala o dedo.

Eu sorrio para ela. Conhecer essas duas foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo nesta cidade, e eu não queria deixá-las, mas sei que é o melhor. Bárbara e seu jeito prático de ver o mundo, não se abalando por nada, enfrentando preconceitos por sua cor e por ser autêntica como é. Quênia, essa polaca doce e romântica, amiga e companheira para todas

PERIGOSAS

as horas. As duas são bagunceiras, baladeiras e preguiçosas com serviço doméstico, mas são profissionais incríveis e amigas maravilhosas.

— Eu aprendi em pouco tempo a amar vocês duas. Eu nunca vou esquecê-las e espero a visita das duas no Rio de Janeiro para agitar ainda mais a Cidade Maravilhosa.

Quênia disfarça uma lágrima, e Bárbara faz festa falando dos cariocas.

Minha substituta chega, e eu estou feliz por saber que é uma recepcionista quem irá ficar na minha vaga. O currículo dela é 15 vezes mais impressionante que o meu, pois fala inglês e espanhol fluentes e está se graduando em comunicação social. O seu nome é Victoria, tem 22 anos, é muito tímida e estudiosa.

Bárbara reclama dela, pois percebe

NACIONAIS - ACHERON

que não terá uma amiga para a balada nessa garota, que namora desde o ensino médio o mesmo cara e está fazendo planos de casamento para breve.

Para o lugar de Quênia veio um homem que inicialmente estava no Villazza Florianópolis, mas é curitibano e agarrou a oportunidade de voltar à sua cidade natal. Eduardo é da idade de Bárbara, 30 anos, graduado e pós-graduado em design de produtos.

Minha amiga não se anima muito com ele, pois pensa que ele é gay, mas ambos simpatizam instantaneamente um com o outro. É engraçado ter Bárbara pelos cantos me perguntando se eu acho que ele é ou não homossexual, pois eu realmente não consigo *sacar* essas coisas.

— Pergunte a ele! — exclamo quando ela me questiona pela enésima vez.

— *Tá* maluca? Se for hétero, eu

PERIGOSAS

perco todas as chances com ele depois dessa pergunta.

Rolo os olhos.

— Então espera aí. — Bárbara prende a respiração ao me ver indo até a estação de trabalho dele, que fica em frente à minha. — Oi, Eduardo! — Ele me dá um sorriso, mas não tira os olhos da tela. — Sabe, eu estava precisando lhe fazer uma pergunta de cunho pessoal. — Ele me olha. — Posso?

— Claro que pode. — Olha-me desafiante.

— Por acaso você é gay?

Ele levanta uma sobrancelha e depois dá risada.

Noto que Bárbara está estática na mesma posição desde que saí da mesa dela.

— E se eu for? Algum problema?

— Não, absolutamente! — deixo claro que não sou esse tipo de pessoa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Mas talvez eu não seja... — Ele se levanta. — *Tá* a fim de pesquisar mais a fundo?

Agora ouço a risada histérica de Bárbara.

— Eu não, mas ela... — Aponto para Babe, que fica muda na hora. — Está me enchendo o saco querendo saber sobre sua orientação sexual. Acho que está a fim de pesquisar com você.

Ela, pela primeira vez desde que a conheço, fica sem graça.

— E aí, *Babe*? Quando saímos? — ele indaga.

— Hoje à noite! — recupera-se. — Vamos ao Victor!

É a minha vez de rir. Essa maluca acabou me deixando doida também.

Deixamos o escritório às 18h e seguimos a pé em direção ao barzinho. O grupo de sempre está reunido quando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

chegamos: Valéria, Kelly e outras meninas que trabalham com o pessoal da diretoria. Apresentamos Eduardo para elas e, sendo o único homem entre nós, ele se torna alvo de perguntas de todas.

— Ei! Olha quem chegou! — Kelly acena para a entrada do bar, e eu olho para ver quem é o retardatário.

Antonio não parece nada satisfeito. Seu rosto demonstra que está possesso de raiva, e eu simplesmente o ignoro, sabendo que, se tem alguém que deveria estar com raiva, esse alguém sou eu!

— Como foi a viagem? — Kelly inquire quando ele se aproxima. — Você está bem?

Ele assente.

— Alguma comemoração importante? — pergunta. — Eu vim direto do aeroporto para cá e ainda não me inteirei das novidades.

NACIONAIS - ACHERON

— Ah! Deixa que eu te apresente ao Eduardo Canto, nosso novo Agente de Eventos. — Ele dá um aceno para Antonio, que apenas o cumprimenta com a cabeça. — A Quênia Garstka foi promovida à Gerente de Produtos e, infelizmente, a Marina Santos está nos deixando e voltando para o Rio de Janeiro, a cidade natal dela.

Assim que ela diz isso, ele franze o cenho e me encara.

— Sente-se com a gente! — Ela o pega pelo braço. — Vai ser bom se distrair um pouco depois de uma viagem tão longa.

Ele se senta, desafortunadamente, de frente para mim. Tento não o olhar, fingir que ele não está aqui, controlar-me para não gritar xingamentos para ele, para não socar a sua cara e para não chorar, tudo ao mesmo tempo.

Ouçoo conversando em voz baixa com Kelly, e ela lhe toca o braço com

ternura. Não posso evitar de sentir ciúmes, mesmo sabendo que não tem motivos para senti-los. Kelly é o arquétipo de mulher que ele escolheria para se divertir, bem-sucedida, independente e ciente das regras do jogo. Talvez ela até já o tenha jogado com ele algumas vezes.

— Vamos tirar uma foto para recordação! — diz Babe, e eu quero matá-la, pois tudo o que eu não quero é tê-lo em minhas recordações. — Marina, me dá seu celular para que Chico possa bater a foto. — Ela chama o garçom.

Eu lhe dou meu aparelho antigo e bem avariado e percebo que Antonio olha para o objeto com interesse. Todos nós nos juntamos à mesa, e há uma sucessão de celulares sendo entregues ao pobre Chico, que perde um tempão aqui conosco.

Antonio pega meu celular, que passou de mão em mão, para me devolver.

PERIGOSAS

— Algum problema com o outro aparelho? — dirige-se a mim pela primeira vez.

— Nenhum, mas este é meu e eu gosto dele, apesar de velho. — Pego o objeto. — Obrigada.

— Precisamos conversar — fala, mas eu finjo não ouvir e continuo conversando com Eduardo.

Antonio se levanta, e eu penso que, finalmente, vai embora. Porém, de repente sinto meu braço sendo agarrado por uma mão que me levanta da cadeira, deixando todos aqui mudos e curiosos.

— Com licença, mas preciso conversar com a Senhorita Santos. — E sai me arrastando bar à fora.

Toda a raiva represada dentro de mim, toda a mágoa que alimentei por ter sido usada e iludida por ele, tudo isso explode quando chegamos à calçada em

NACIONAIS - ACHERON

frente ao bar.

— Porra, tira suas mãos de mim!
Agora! — grito para ele.

Antonio não me solta, mas me gira,
encarando-me.

— O que significa tudo isso? —
questiona pausadamente, controlando a
raiva. — Me explique por que, inferno, você
parou de receber minhas ligações e
mensagens!

Eu o olho com *sangue nos olhos* ao
ouvi-lo tirar satisfações comigo.

— Eu não sou sua *esposa* para você
ficar pedindo explicações! Peça a ela! —
Vejo que ele fica pasmo. — Eu não te devo
nenhuma delas. É você quem me deve!

Antonio não diz nada, surpreso
demais com o que eu falei.

— Ou melhor — continuo. — Não
quero nenhuma explicação sua. Já sei tudo o
que precisava saber sobre você, sobre suas

conquistas, seus apartamentos de “solteiro” e sobre seu perfeito e romântico casamento. Me esquece! — Saio andando pela rua, torcendo para encontrar um táxi.

Ando por alguns minutos e vejo um com a luz acesa, faço sinal para ele e vou rumo ao Bacacheri com a alma lavada, mas o coração destroçado no peito.

A adrenalina da raiva não me faz chorar, pelo contrário, faz-me ficar agitada, e eu começo a organizar as coisas no apartamento, a limpar e mudar as coisas de lugar, e é assim que minhas amigas me encontram quando chegam a casa minutos depois de mim.

— Marina... — Quênia detém minha mão. — Você está bem?

Eu desabo, e meus soluços são profundos e sentidos.

— Oh, meu Deus! Então é verdade!
— Bárbara exclama perplexa, enquanto

PERIGOSAS

Quênia me abraça. — Tony Villazza era
o *boy magia*!

NACIONAIS - ACHERON



Paris continua a mesma, mas eu, pela primeira vez em todos esses anos, sinto-me diferente. Desço no Charles de Gaulle na hora do almoço e sigo direto para

NACIONAIS - ACHERON

o meu apartamento na Quair' d'Orsai.

Depois de um banho quente, peço comida chinesa e, enquanto espero a entrega, ligo para Frances Beaumont.

— Já estou em Paris — digo apenas isso, sem cumprimentá-lo.

— Dessa vez poderemos conversar com mais calma? — ele pergunta em português, com seu sotaque arrastando os erres.

— Vocês estão cansados de saber minha posição sobre isso...

— Ingressaremos com uma ação judicial, Tony.

O choque me faz ficar mudo por alguns minutos.

— Então não vejo o porquê deste encontro, Frances. Meu advogado poderia tratar desse assunto, e eu...

— Filho, nós amamos você e não queremos fazer isso contra sua vontade,

PERIGOSAS

mas...

Eu desligo o telefone. Não consigo entender o motivo de meus sogros insistirem nessa ideia absurda. Será que eles não poderão nunca me entender?

Perco a fome. Preciso ver Margie. Ponho meu casaco, calço as luvas e botas e saio pela rua, às margens do Sena, para me encontrar com a minha esposa, a primeira e única mulher que eu amei até...

Não me sinto confortável pensando em Marina nesse lugar, tão perto de Marjorie. Não gosto da situação em que me encontro, nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo, ainda mais dessa forma, tão forte e avassaladora. Eu sei que não sou santo, pois durante o tempo em que minha esposa permaneceu em Paris, e eu, no Brasil, tive uma aventura ou outra, mas era somente sexo, sempre foi somente sexo.

E é isso que me assusta na relação

NACIONAIS - ACHERON

com Marina. Esse sentimento, essa urgência que eu sinto por ela, nunca senti antes, nem mesmo com minha própria esposa. Também pudera, eu era apenas um menino quando decidi que ela seria minha para sempre.

Frances e Julia Beaumont foram morar em Curitiba quando meu avô faleceu e meu pai precisou ir para a Itália assumir os negócios da família. Frances era um dos executivos mais velhos da nossa rede hoteleira e, como ele era casado com uma brasileira e falava o português, foi a melhor escolha para substituir meu pai durante um tempo.

Naquela época eu contava com dez anos de idade e, como mamãe decidira ficar no Brasil com os filhos, eu conheci a família Beaumont. Marjorie tinha a minha idade, cabelos e olhos castanhos e era muito sardenta. Nós nos tornamos amigos, brincamos juntos e estudamos na mesma

PERIGOSAS

sala durante os anos que eu morei em Curitiba.

Papai vinha nos visitar de tempos em tempos, e mamãe começou a sentir a falta dele cada vez mais, até que, quando eu tinha 13 anos, nós voltamos para Nápoles. Foram apenas dez meses morando na Itália, longe de Marjorie, mas quando eu voltei, ela já estava quase uma mulher, com seus 14 anos, linda e reluzente.

Apaixonei-me por ela e decidi, ali, que iríamos ficar juntos para sempre. Papai reassumiu os negócios no Brasil, mas, como estava à frente do Grupo todo, dividiu as responsabilidades das outras cidades da América do Sul com Frances. Foi assim que, naturalmente, nossa relação começou a se aprofundar mais e, aos meus 15 anos, durante um acampamento, começamos a namorar.

Aos 17 dormimos juntos pela

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

primeira vez, cheios de medo e insegurança, mas completamente apaixonados e com os hormônios em ebulição. Lembro que nossa noite foi um fracasso e que rimos muito ao final, mas pegamos o jeito com o tempo, aprendendo a conhecer o corpo e os desejos um do outro.

Fomos juntos estudar em Harvard, nos Estados Unidos. Tínhamos 18 anos então e decidimos que moraríamos juntos. Quando retornamos ao Brasil quatro anos depois, comprei o terreno no Água Verde e montamos o projeto da casa com os arquitetos. Pensamos no espaço para as crianças, com *playground* e piscina, uma casinha de bonecas e muito gramado para correr.

Todavia, antes que pudéssemos pensar em filhos, mudamo-nos para Londres a fim de fazer especialização em nossas áreas. Ficamos dois anos por lá, e foi em um

NACIONAIS - ACHERON

dia ensolarado que ela me deu a notícia de que eu seria pai. Nunca, em toda minha vida, eu tinha sentido a emoção que essa palavra me trouxe. Eu seria *pai*.

Apesar de toda a euforia e felicidade que aquela notícia nos trouxe, a gravidez dela não foi fácil. Já nos primeiros meses, ela desmaiava constantemente. Começou a desenvolver problemas de pressão arterial e, quando começaram as convulsões, um alerta se acendeu na cabeça dos médicos.

Após exames, recebemos o diagnóstico de um Glioma grau 3. Aquilo me matou por dentro. Saber que minha esposa, a futura mãe dos meus filhos, a única mulher da minha vida estava com um tumor maligno e agressivo no cérebro tirou meu chão.

Marjorie precisava começar o tratamento de quimioterapia e radioterapia, mas, por causa da gravidez, ela se negou. A

cirurgia também fora recomendada, mas igualmente, ela temia pela saúde do bebê que carregava. Tentamos de tudo, os pais dela e eu, para que ela fizesse o que os médicos haviam recomendado, mas ela foi irredutível: iria esperar o bebê nascer para depois se tratar.

Então achamos por bem nos mudar para Paris, para perto da família dela, pois estávamos sozinhos em Londres. Eu comprei o apartamento e nos mudamos, cheios de esperança e fé de que teríamos tempo de salvar tanto o bebê, quanto ela. Contudo, conforme a gravidez avançava, mais constantes ficavam suas crises, seu humor alternava diariamente, até que, com seis meses de gestação, ela precisou ser internada às pressas.

O bebê nasceu, um menino, mas pesava menos de 1 kg e possuía vários problemas secundários. Nosso filho lutou

bravamente, porém, não conseguiu sobreviver longe do útero materno. Ela entrou para cirurgia sem saber o que havia acontecido ao seu pequeno Joaquim, e eu tentava achar palavras para lhe contar e consolá-la.

No entanto, eu nunca consegui lhe dizer nada. A cirurgia durou horas, e fizeram o possível para a ressecção do tumor sem causar danos irreversíveis, porém, contra todos os esforços, ela nunca mais acordou.

Espanto minhas dolorosas lembranças e entro no hospital onde ela está há sete anos, entubada e sendo mantida viva com a ajuda de aparelhos. Conheço cada pedaço desse lugar, os enfermeiros, os médicos, e todos me olham comovidos quando me veem.

Tento vir vê-la pelo menos uma vez por mês ou, no máximo, de dois em dois

meses e sigo sempre o mesmo ritual, sentando-me ao seu lado, segurando sua mão e conversando com ela, embora não ache que faça nada absurdo. Já me obrigaram a fazer terapia e a tomar medicamentos, mas o que ninguém entende é que nada passa a minha dor por tê-la nesse estado.

Há quase um ano os médicos me informaram que as poucas atividades cerebrais que ela conservava, haviam parado e decretaram-lhe a morte cerebral, apagando de vez qualquer esperança que eu acalentava de ela acordar um dia. Desde então, meus sogros e eu estamos em guerra, pois eles querem tirá-la dos aparelhos, e eu me recuso a assinar a autorização para tal procedimento.

Durante esse período, muitos médicos conversaram comigo sobre a morte encefálica, explicaram-me que minha

esposa não tinha chance nenhuma de acordar, que apenas os aparelhos e as medicações a estavam mantendo viva. Falaram-me dos custos de mantê-la aqui e do sofrimento para toda a família, mas eu ainda não estava pronto para deixá-la ir.

Não sei se, um dia, estarei.

— Tony — escuto a voz de Julia. —
Imaginei que você estivesse aqui.

Eu fecho os olhos, lamentando que esse momento de paz ao lado de Marjorie tenha passado.

— Julia, minha posição está bem clara...

— Você leu a carta? — ela me pergunta de uma só vez.

Eu não sei por que ela me pergunta sempre a mesma coisa! Sim, eu li a carta que Marjorie escreveu antes da operação, como também a ordem de não ressurreição, caso o coração dela parasse, que ela assinou

no hospital. Conheço todos os detalhes daquele maldito dia!

— Eu estou falando da outra carta. Você leu?

Não, eu não li! Nunca vi motivo para ler aquela carta, afinal, eu nunca amaria outra mulher como a amei. Nego com a cabeça.

— Eu acho que já é hora de pensar em lê-la, Tony. Você merece ser feliz, meu filho. — Ela entra no meu campo de visão. — Você a fez muito feliz e sua lealdade para com ela é tocante, mas é hora de você seguir em frente. Minha filha, a sua esposa, já não está mais aqui. — Faz um carinho na cabeça dela. — Ela está aqui. — Aponta para seu próprio coração. — Para sempre.

Ponho-me de pé, não querendo mais escutar essas palavras.

— A minha decisão continua a mesma, Julia. Diga ao Frances.

PERIGOSAS

Saio do hospital desejando uma bebida bem forte para poder anestesiá um pouco o que estou sentindo. Entro numa cafeteria e peço um conhaque. Quando anoitece, volto ao apartamento. Olho para o meu celular e vejo uma mensagem de Marina perguntando por mim.

Respondo, mas estou tão confuso com tudo o que aconteceu hoje que não penso em ligar para ela, apesar de estar sentindo saudades e, por mais estranho que possa parecer, desejando-a ao meu lado nesse momento.

Hoje minha rotina não se altera. Resolvo alguns assuntos referentes aos meus investimentos e imóveis na capital francesa, trabalho um pouco e vou ver Marjorie. À noite tento ligar para Marina, mas ela não me atende e nem retorna minhas mensagens. Estou tão cansado dessa

NACIONAIS - ACHERON

viagem e de todas as reuniões que não noto nada estranho nisso.

Há dias estou insistindo em ligar para o celular de Marina, mas ela não atende e nem retorna as ligações perdidas. Ligo para a linha da mesa dela, mas também não tenho resposta. *Que porra está acontecendo por lá?*

Frances tenta conversar comigo mais algumas vezes, mas eu me recuso a falar daquele assunto de novo. E tento desesperadamente um contato com Marina. Faltam poucos dias para minha volta, e eu estou enlouquecendo sem saber o que está acontecendo, sentindo a falta dela, de sua risada, de sua voz.

Sinto-me como um bicho enjaulado no enorme apartamento em que estou. Penso em adiantar minha volta, mas ainda preciso resolver tudo para poder voltar a

PERIGOSAS

Paris somente daqui a alguns meses, pois estarei atolado de trabalho com a inauguração de novos hotéis.

Bebo todas as noites, coisa que não é meu costume. Sinto falta de Marina, e ficar sem ter contato nenhum está me deixando completamente louco. Abro as imagens que tenho no meu celular. Algumas dessas fotos ela nem sabe que eu tenho; são recordações íntimas que guardo só para mim.

Não são de cunho sexual, pelo contrário, são tão singelas que, por isso mesmo, são tão especiais para mim. A primeira e a mais velha de todas é dela dançando naquela boate no Rio de Janeiro. Braços para cima, corpo ondulante, sorrindo como se estivesse sentindo algo maravilhoso. Eu fiquei maravilhado por ela e não resisti ao impulso de tirar uma foto. Naquela noite, e depois mais adiante, eu descobri que ela realmente estava se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

libertando naquele dia.

Marina, ainda muito jovem, começando a vida, abrira mão de seus sonhos para cuidar e viver única e exclusivamente pelo pai. Ela cuidou dele, que dependia cem por cento dela, durante três anos, e eu sei que, se ele ainda estivesse vivo, ela estaria lá com ele, tratando-o com a mesma dedicação e amor. Ela é assim, eu percebi, dedicada, passional, amiga.

Em todos os lugares onde ela passa, pela faculdade e até pelos dois hotéis em que trabalhou e trabalha, ela é querida pelas pessoas à sua volta.

Passo para a outra foto, ainda daquela madrugada, ela dormindo como um anjo depois da transa mais intensa que já tive, no apartamento dela. A foto é somente de seu rosto à luz do alvorecer que atravessava a janela, iluminando sua face serena.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Foi depois daquela cena que eu soube que não poderia simplesmente ir embora e nunca mais voltar a vê-la. Vi o aparelho de telefone em seu criado-mudo e disquei meu próprio número, gravando o da casa dela na minha agenda.

Eu guardei essas fotos durante os meses em que pensei que não nos veríamos mais, tentando entender que sensação era aquela que sentia quando estava com ela.

As demais fotografias são da gente em Curitiba, no apartamento da Gio, para onde me mudei depois que resolvi abandonar a casa que me trazia tantas recordações dos sonhos que Marjorie e eu tivemos.

Eu pensei, a princípio, em me mudar para um *flat*, como Frank indicara, mas minha irmã insistiu que eu ficasse provisoriamente no apartamento dela enquanto eu pensava melhor sobre o

NACIONAIS - ACHERON

assunto.

E o provisório já dura dois anos.

Eu tenho fotos lindas de Marina no mar, contra o sol, deitada na areia e na proa do iate, na maior loucura da minha vida, que foi levar uma mulher até a casa de Angra. Marjorie nunca conheceu aquela casa, pois papai a comprou quando estávamos estudando, e depois, quando voltamos, não fomos conhecê-la. Entretanto, Marta e Murilo sabem de toda a minha história, por isso pedi discrição aos dois, principalmente com relação à minha família.

Eu tomo mais um gole de minha bebida, pensando nas transformações que Marina está fazendo em minha vida, porque, pela primeira vez desde Margie, eu quero estar com alguém, quero mostrá-la ao mundo e dizer com orgulho que ela é minha. E isso me assusta.

A lembrança da noite em que ela

PERIGOSAS

disse que me amava, vem à minha mente. Na ocasião, fiquei mudo, mas meu peito parecia querer explodir. Era como se aquelas palavras entrassem na minha corrente sanguínea e se espalhassem por todo o meu corpo, despertando todos os meus sentidos e me fazendo sentir o prazer mais foda do mundo.

Ligo novamente para ela, mas o maldito celular ainda está desligado.

Vou ao hospital e encontro Julia ao lado da filha. Olhamo-nos sem dizer nada por um tempo, mas eu consigo entender quanto sofrimento esse olhar tem e, exatamente por isso, viro as costas e volto para casa.

Preciso resolver assuntos urgentes, mas não tenho cabeça para eles. Ainda estou louco com o sumiço de Marina. Preocupo-me com que algo tenha acontecido a ela, então invento uma desculpa e ligo para

NACIONAIS - ACHERON

Valéria, perguntando por alto se houve algum problema na empresa com algum funcionário, e o que ela me conta não tem a ver com Marina.

Penso que talvez ela tenha sido assaltada, mas, ainda assim, ela sabe meu número e conseguiria me ligar de qualquer outro aparelho.

Mais dias se passam, e eu noto que não vou poder voltar na data que eu estabeleci. Vou ter que adiar em mais um dia ou dois, então mando mensagem para Marina avisando, pois, ainda que ela não me retorne, torço para que ela esteja vendo as mensagens.

Nessa noite, eu bebo até quase ficar inconsciente. Não é o meu normal, eu sei, mas quando volto para esta cidade, vivencio de perto a dor de ter perdido a mulher que eu amei, a dor dos pais dela. A bebida me

consola. Num rompante, mais cedo fui até o cemitério onde meu filho jaz e fiquei lá, diante de seu pequeno epitáfio, sentindo minhas lágrimas descerem e um turbilhão de emoções explodirem em meu peito.

Quando, por fim, consigo dormir, tenho sonhos agitados e desconexos, até que de repente a vejo nitidamente.

Marjorie me olha, feliz, sorridente, sadia como a mulher que eu sempre amei. Meu coração retumba no peito, e eu começo a me agitar na cama. Acordo assustado, com a sensação de que algo fora do normal aconteceu.

Corro para o hospital, e já no corredor onde ela está internada, dois enfermeiros barram minha entrada. Desespero-me ao saber que, pela primeira vez durante sete anos, algo está ocorrendo dentro daquele quarto monitorado. Um misto de esperança e perda passa por mim, e

eu luto para me libertar dos homens que me seguram.

Vejo o médico que cuida dela pessoalmente sair do quarto e, quando nossos olhares se cruzam, eu desmonto. Minha cabeça vai ao chão, meu corpo inteiro treme, e a única coisa que eu consigo fazer nesse momento é gritar.

Ela se foi.

Depois de anos sendo mantida viva mesmo contra sua última vontade, depois de meses com morte cerebral decretada, ela decidiu ir e me deixar sozinho.

Sinto mãos suaves tocando minhas costas e vejo, embaçado por causa das lágrimas, meu sogro entrando no quarto. Aconchego-me em Julia, recebendo seu conforto e dividindo com ela a dor de ter perdido a mulher, o ser humano mais incrível que passou pelas nossas vidas.

— Tony, meu filho, seja forte — ela

pede com sua voz suave e serena. — A decisão foi dela, Tony. — Sua voz treme de emoção. — A decisão foi dela.

Essas palavras calam fundo em mim. Marjorie era uma pessoa que não conseguia se desentender com ninguém, que odiava brigas e, principalmente, era alguém que chamava a responsabilidade para si quando algo importante precisava ser feito. E, mesmo em coma, mesmo deitada num leito hospitalar, ela decidiu acabar com a guerra que seus pais e eu iniciamos.

Ela decidiu sua hora de ir sem nenhuma intervenção, como ela queria desde o começo, como escrevera na missiva que deixara, pedindo que, se algo lhe acontecesse, não a deixássemos vegetando e em coma pelo resto de sua vida.

Embora eu sinta um consolo imenso ao saber que o momento de ir foi escolha dela, não minha, nem de seus pais, eu ainda

sinto um enorme vazio dentro de mim, pois sinto que agora é real. A partir desse momento, eu perco a mulher que me ensinou a amar, minha melhor amiga e companheira para todos os momentos.

Faz dois dias da partida de minha esposa. No Cemitério de Passy, junto ao pequeno Joaquim Beaumont Villazza, de apenas dois dias, enterrado há sete anos, está sendo realizada a cerimônia fúnebre de Marjorie Emillie Beaumont Villazza.

Minha família, amigos e meus sogros acompanham a cerimônia, simples e bonita e, após o caixão ser completamente baixado ao solo, Julia me abraça muito forte e me agradece. Eu, por fim, entendo que, no meu desespero de não deixar Marjorie ir, causei dor e sofrimento a pessoas que sempre me trataram como a um filho.

— Me perdoe — peço a ela. — Eu a

amava demais e não soube como deixá-la ir... — Sei que minha decisão de não autorizar o desligamento dos aparelhos lhe causou muita dor e, apesar de todos os conflitos que tivemos ao longo desses meses, eu a amo como à minha própria mãe.

— Ela se foi, Tony. — Toca meu peito sobre meu coração. — Mas estará aqui para sempre. Mesmo depois que outra pessoa o desperte para o amor de novo, ela ainda estará aí, pois foi parte de você, parte da sua história.

As suas palavras me atingem como uma bola de demolição, porque consigo ver com clareza o que estava o tempo todo brilhando em frente aos meus olhos.



Retorno ao apartamento, sozinho, sabendo que todo o tempo que passei aqui e todas as vezes que voltei, serão, aos poucos, substituídos por novas memórias, não tão dolorosas, desta cidade.

Porém, neste momento, a dor que sinto pelo adeus de Marjorie ainda me consome por completo. Deito-me no sofá e

NACIONAIS - ACHERON

tento lembrar o sonho que tive com ela na noite em que partiu. Lembro-me somente das sensações que senti, mas não do sonho em si.

Em cima da lareira, na sala, há um enorme porta-retratos de prata com uma foto do nosso casamento. Eu me sento e olho para essa fotografia, sentindo a felicidade daquele momento, que parece tão distante. Valeu a pena cada segundo que eu a amei, cada instante que passamos juntos, cada risada, cada descoberta. Eu a tive ao meu lado por 18 anos, como amiga, companheira, confidente, amante. Devo a ela muito do que sou hoje como homem.

Sinto-me guiado até o armário da nossa suíte. Mexo nas caixas que ainda contêm lembranças dela, objetos de valor sentimental que eu guardei, por todos esses anos, longe de minha vista.

Tê-la naquele estado foi

PERIGOSAS

desesperador para mim, sentia-me impotente, ínfimo diante do destino. Os dois primeiros anos inteiros, eu passei à sua cabeceira, sem trabalhar, dormindo pouco e me alimentando o mínimo possível, tanto que meus amigos e familiares acharam que eu não estava no controle de minha própria vida e que estava tendo ações maníaco-depressivas a fim de dar cabo de minha própria vida.

Foi isso que levou meu pai a abrir mão da Rede no Brasil e resolver ir para a Itália, praticamente me forçando a voltar para Curitiba a fim de auxiliar Frank.

Eu me neguei a princípio, não querendo deixar Marjorie sozinha naquele hospital, mas, depois de conversar com um terapeuta, resolvi aceitar, e assim começou a minha saga de viajar para a França todo mês e passar uma semana inteira por aqui, exclusivamente com Marjorie.

NACIONAIS - ACHERON

No fundo de uma caixa de chapéus cheia de retratos, cartas e bilhetes que trocamos ao longo da vida, está a última carta que ela me escreveu. Sua caligrafia está tremida, sem os traços perfeitos que sempre teve, digna de uma artista, como ela era. Marjorie amava pintar, e seu hobby era desenhar usando nanquim, traços tão delicados e sensíveis que lhe renderam algumas exposições.

Abro o envelope e me sento na beirada da cama.

Meu amado Tony.

Meu coração se aperta no peito, e eu passo a mão sobre suas palavras, ainda ouvindo o som de sua voz dizendo essas palavras. Continuo a leitura.

Fico feliz que você tenha aberto o envelope, sei que não foi fácil para você

fazê-lo. Conheço sua teimosia e cabeça-dura, apesar de amar cada detalhe da sua personalidade.

Sorrio, lembrando-me das brigas que tivemos ao longo dos anos por causa do que ela chamava de “minha cabeça-dura”.

Eu sinceramente espero que ela o ame também, como você merece, e que esse sentimento seja recíproco, puro e leal como o nosso foi.

Franzo o cenho, percebendo que ela, ainda viva, desejou que eu voltasse a encontrar alguém.

Você deve estar com o cenho franzido e contrariado com minhas palavras, por eu ser tão direta, por ter escrito essa carta, por pensar que você poderia amar outra como me amou. Mas eu

PERIGOSAS

sei, Tony, que esse momento vai chegar e que, quando chegar, você irá brigar, relutar e negar o que você sente por ela.

Minhas primeiras lágrimas rolam neste momento, porque ela sempre me conheceu como ninguém. Margie sempre sabia cada uma das minhas reações, sempre estava pronta para brigar comigo, para me trazer à razão ou me consolar.

Talvez por causa da sua teimosia mesmo (já falei o quanto você é insuportavelmente cabeça-dura?) ou por lealdade à minha memória, por achar que eu sou a única mulher que você irá amar por toda sua vida.

Sim, eu sempre pensei que ela seria a única mulher que eu amaria até o fim dos meus dias.

NACIONAIS - ACHERON

Ah, Tony, eu não posso nem expressar em palavras o quanto eu fui feliz ao seu lado! Você foi, primeiro, meu amigo de brincadeiras, mas depois que me tornei mulher, você foi o único que eu quis para sempre.

Dobro a carta novamente, em prantos, duvidando que conseguirei ler mais do que já o fiz. Dói-me saber que ela não está mais aqui, dói-me lembrar dos anos que passamos juntos, felizes. Dói-me saber que ela e eu éramos tão felizes, mas que isso não afastou de nós todo o sofrimento.

Obrigo-me a continuar lendo. É o momento certo, eu preciso ler até o fim. Abro a carta novamente.

E eu não poderia ter escolhido melhor, Tony! Nosso relacionamento foi perfeito, até mesmo nas brigas, intenso e muito, muito apaixonado. E é por ter
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vivido tantos anos ao seu lado que eu sei que há mais desse amor dentro de você, que isso não morreu comigo.

Deus! Fecho os olhos, impossibilitado de cessar as lágrimas que me impedem de enxergar direito e que molham o papel em minhas mãos.

Seja feliz, Tony! Por mim, por nós. Eu estou partindo com a satisfação de ter tido o melhor companheiro que uma mulher poderia querer. Vou feliz porque te tive para sempre, como era meu sonho. Mas você ainda está aí, ainda tem um grande caminho a percorrer e merece a chance do seu “feliz para sempre” e não de carregar a tristeza e a solidão por toda a vida.

Sim. Marjorie me teve para sempre. E ainda me terá, sempre será parte de mim,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mesmo eu estando completamente apaixonado por outra.

Ame-a, Tony! Ame-a não como me amou, mas como ela merece ser amada. Que esse amor seja repleto de momentos, não como os nossos, mas novos momentos somente de vocês e que, embora eu saiba que ainda estarei em seu coração, ela o preencha também, de forma a lhe trazer sentido às batidas.

Penso em Marina, na forma com que nos conhecemos e nos aproximamos. Sim, Margie ainda está em meu coração, mas isso não me impede de amar Marina.

Não relute, deixe acontecer. Eu te amo e tenho certeza de que, se seu coração a escolheu, ela seria a minha escolha também.

NACIONAIS - ACHERON

Para sempre sua.

Margie

Minhas mãos tremem ao ler o final da carta, pois tenho convicção de que, se as duas tivessem se conhecido, seriam amigas. Sim, Marina seria a escolha de Marjorie para mim, eu tenho certeza disso. Guardo a carta no envelope e a coloco em minha bagagem, levando-a comigo pela primeira vez desde que a recebi.

No dia do meu retorno, mal chego ao aeroporto e sou informado que não há teto para decolagem de aviões, e meu voo atrasa horas. Depois, dentro da aeronave, não consigo relaxar e passo todo o trajeto, até a primeira escala, tentando descobrir o que aconteceu com Marina.

Pensar nela, nos momentos que passamos juntos, em tê-la ao meu lado, é

NACIONAIS - ACHERON

uma das coisas que mais me consolam, pois eu sei, como Margie mesma escreveu, que ela é a mulher que meu coração escolheu. Ela é a mulher certa para estar comigo pelo resto da minha vida.

Faço planos de contar toda a minha história, de deixá-la entrar, como me pediu antes que eu viajasse. Torço para que ela me compreenda e me perdoe por ter escondido tanto dela.

Começo a me sentir menos agitado quando ouço o aviso de afivelar os cintos e o nome do aeroporto Afonso Pena. Respiro aliviado quando faço meu check-out e vejo o motorista da empresa me esperando na área de desembarque.

— Para onde, Senhor Villazza?

— Direto para o meu apartamento.

— Eu preciso encontrar Marina com urgência, mas não vou para a empresa, pois lá dificilmente teremos a privacidade

necessária para essa conversa.

Quando chego a casa, vou direto trocar de roupa, mas paro assim que vejo o espaço do meu closet que eu tinha reservado para as coisas de Marina praticamente vazio. Sinto um frio tomar conta de mim, prenunciando que algo muito mais sério do que eu imaginei, havia acontecido.

Toco no vestido com que eu a presenteei para aquela noite na cobertura do prédio. Sinto a maciez da seda passando pelos meus dedos e o aroma de um perfume, o perfume dela, chegando às minhas narinas. Lembro-me daquela noite, da correria que foi aprontá-la, ainda na Argentina, e como eu quase sequestreí o Gaston, o chef francês, de seu restaurante em São Paulo apenas para que ele organizasse e preparasse um jantar romântico inesquecível.

Todavia, nada foi mais

extraordinário e precioso do que a ouvir se declarar, pela primeira vez, após um gozo intenso. Ouvir aquelas palavras naquele momento me fez voltar à vida, fez-me ter vontade de construir um futuro com ela. Não consegui dizer que eu sentia o mesmo porque estava muito apavorado com a situação em que estava metido, afinal, eu sempre amara Marjorie, e ela era minha esposa, apesar das circunstâncias.

Passo a mão pelas outras peças, na maioria vestidos, porque eu amo as pernas dela, mas vejo, no cantinho de uma prateleira, a caixa do iPhone. Pego-a praguejando ao notar que o famigerado aparelho não quebrou ou foi roubado, mas estava aqui, novinho em folha, desligado e sem o chip da operadora.

Isso me impulsiona para que eu saia correndo a fim de achar Marina, disposto a tudo para tê-la de volta, porque,

definitivamente, todos esses indícios parecem um término, um abandono.

Mal chego à porta do apartamento, e uma boca vermelha com a língua para fora chama minha atenção. Estremeço ao ver o chaveiro com as chaves que eu insisti que ela tivesse em cima do aparador de bebidas. *Merda!*

Entro no meu carro parecendo estar sendo perseguido por demônios e silenciosamente agradeço por usar um esportivo que acelera de 0 a 100 km em seis segundos. Meu destino é o Bacacheri, onde ela divide apartamento com aquelas amigas que adoram uma noitada. Aperto o interfone várias vezes, mas ninguém atende. *Porra, onde ela está?!*

Vejo a hora e presumo que ela já tenha encerrado o expediente. Entro no carro e sigo para o local mais óbvio que ela, com as amigas que tem, poderia estar: no

PERIGOSAS

Victor.

Estaciono em local proibido, mas não estou nem um pouco preocupado com isso, pois o que eu preciso agora é ver Marina e tentar entender o que aconteceu para que ela me ignore, para que ela tenha me abandonado, porque eu sei que foi o que ela fez. Entro com tudo dentro do barzinho e estanco ao vê-la rodeada de funcionários do Villazza, rindo e se divertindo, conversando com um tipo que eu nunca vi.

Sinto a raiva começar a tomar o lugar do desespero. Eu não entendo o que está acontecendo, passei dias infernais em Paris sem saber notícias dela, achando que algo de ruim tinha acontecido, tentando chegar até ela sem chamar atenção para nossa relação, em parte por ela mesma, que se dizia desconfortável com o que os seus colegas de trabalho iriam achar.

Kelly me vê e acena como louca

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para mim, e é nesse momento que Marina percebe a minha presença, mas parece não se abalar ao me ver aqui. Vou até a mesa em que todos se encontram, e Kelly toca meu braço.

— Como foi a viagem? Você está bem?

Eu balanço a cabeça em afirmação e olho para todas essas pessoas aqui reunidas.

— Alguma comemoração importante? Eu vim direto do aeroporto para cá e ainda não me inteirei das novidades.

— Ah! Deixa que eu te apresente ao Eduardo Canto, nosso novo Agente de Eventos. — O cara alto, magrelo e com cara de *nerd* com quem Marina estava conversando, acena para mim. — A Quênia Garstka foi promovida à Gerente de Produtos e, infelizmente, a Marina Santos está nos deixando, voltando para o Rio de Janeiro, a cidade natal dela.

NACIONAIS - ACHERON

Mas que porra é essa? Marina voltando para o Rio? Olho para ela sem entender.

— Sente-se com a gente! — Kelly me pega pelo braço. — Vai ser bom se distrair um pouco depois de uma viagem tão longa.

Afortunadamente me sento de frente para Marina, que me ignora por completo, conversando com a versão jovem do Steve Jobs, muito animada. Kelly aproxima a cabeça da minha e fala num tom bem baixo e discreto:

— Soube da Margie. Eu sinto muito, Tony. Se você precisar de qualquer coisa, não deixe de me procurar. — Ela me toca, transmitindo conforto e carinho.

— Obrigado, Kelly. Ela desejava que eu seguisse em frente, e eu resisti em fazê-lo, então ela decidiu seu próprio destino. — Dou um sorriso triste. —

Obrigado por seu apoio.

— Vamos tirar uma foto para recordação! — uma das amigas de Marina grita, e eu olho para aquela mulher de pele negra, linda e exótica, a Bárbara. — Marina, me dá seu celular para que Chico possa bater a foto.

O coitado do Chico, garçom aqui desde que comecei a frequentar o bar, há quatro anos, vem correndo em nossa direção, e uma infinidade de aparelhos celulares são levantados na sua direção, inclusive um que há muito tempo esteve perdido no chão do closet de uma certa suíte presidencial.

Eu sorrio com ironia para as fotos, e, assim que Chico termina a primeira leva de fotografias, vejo os aparelhos passando de mão em mão até chegarem a seus donos. Pego o da Marina e aproveito a oportunidade para puxar assunto.

— Algum problema com o outro aparelho? — pergunto antes de devolver o objeto.

— Nenhum, mas este é meu e eu gosto dele, apesar de velho. — Dá-me um sorriso tão frio que sinto gelo correr por minha espinha. — Obrigada.

— Precisamos conversar. — Perco a paciência, não estou a fim de joguinhos.

Marina me ignora por completo e retoma a conversar com seu vizinho de mesa. *Porra!* Eu me levanto, puto, irritado por aqueles dias de tensão e expectativa em Paris, cansado de estar num lugar em que não quero estar e com vontade de socar a cara desse babaca com quem ela conversa.

Não reflito, apenas ajo, sabendo que o que eu irei fazer terá uma repercussão em toda a empresa e muitos irão questionar o porquê de eu ter feito uma cena com uma funcionária. Pego o braço de Marina e a

levanto da cadeira, percebendo que ela se retesou inteira, e vejo as expressões surpresas dos presentes.

— Com licença, mas preciso conversar com a Senhorita Santos. — E literalmente arrasto Marina rumo à calçada ante a qual está estacionado meu carro. Preciso conversar com ela e acertar as coisas entre nós. Algo estranho aconteceu em minha ausência que a fez se afastar, e eu preciso saber do que se trata.

Minha intenção era colocá-la dentro do carro e sair desse lugar para conversarmos num local mais discreto, mas ela tenta se livrar da minha mão, e eu acabo com medo de machucá-la. Preciso apenas acalmá-la e dizer a ela que só quero conversar.

— Porra, tira suas mãos de mim! Agora! — ela grita descontrolada, contorcendo-se. Eu ouço a raiva em sua

voz, então a coloco de frente para mim para poder olhar nos seus olhos.

— O que significa tudo isso? — questiono sem gritar, mas minha voz sai rouca e ameaçadora. — Me explique por que, inferno, você parou de receber minhas ligações e mensagens!

Marina aperta os olhos e respira fundo.

— Eu não sou sua *esposa* para você ficar pedindo explicações! Peça a ela! — *Mas que merda é essa? Ela sabe da Margie?* — Eu não te devo nenhuma delas. É você quem me deve!

Minha mente está um turbilhão, e eu só consigo ficar aqui, parado, vendo a mulher que eu amo transbordar de rancor e mágoa, com razão, por ter descoberto o que eu tentei esconder dela o tempo todo. Eu sabia que, no momento em que dissesse que era casado, ela não iria me deixar explicar

nada, simplesmente iria me rejeitar.

— Ou melhor — continua gritando e gesticulando. — Não quero nenhuma explicação sua. Já sei tudo o que precisava saber sobre você, sobre suas conquistas, seus apartamentos de “solteiro” e sobre seu perfeito e romântico casamento. Me esquece!

Do que ela está falando? Que porra de apartamento de solteiro? Eu nunca tive um! Minhas aventuras nunca passaram de sexo casual, vez ou outra, quando a necessidade e a oportunidade casavam, mas nunca mantive um segundo encontro com nenhuma das garotas. Só com ela que foi diferente!

Vejo-a andando apressada pela rua e começo a correr atrás, mas, antes que eu me aproxime, ela consegue um táxi e passa por mim sem me olhar.

— Senhor Villazza, está tudo bem?

PERIGOSAS

— ouço Valéria, minha secretária, me chamar.

Eu a olho, ainda meio atordado pelas informações que Marina jogou na minha cara e apenas balanço a cabeça.

— Você precisa de alguma coisa? Posso te ajudar em...

— Tony! — Kelly chega perto de mim como se eu estivesse surtando. — O que está acontecendo? O que a Marina fez para te irritar tanto? Você quer que eu te leve para casa...?

Eu bufo de raiva e vou em direção ao meu carro. *Merda! Agora sou o louco descontrolado que ataca uma funcionária!* Nada saiu conforme o previsto, estou cansado da viagem, da mudança de fuso horário, da tristeza e angústia e me sinto derrotado. Respiro fundo, tentando resgatar as forças, porque, definitivamente, eu não estou disposto a desistir de Marina!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Não mesmo!

NACIONAIS - ACHERON



Eu dirijo um pouco para colocar minha mente no lugar. Não vou negar que aquela reação de Marina me pegou desprevenido e que eu nunca poderia imaginar que algo assim pudesse acontecer. Eu não sei por quem ou como ela descobriu sobre meu estado civil, mas, dadas as palavras que ela cuspiu na minha cara, é a

NACIONAIS - ACHERON

única coisa que ela verdadeiramente sabe.

Quando sinto que já posso manter uma conversa civilizada com ela, sigo para o Bacacheri e, pela segunda vez nesse dia, estaciono em local proibido. É meio idiota ficar ressaltando essas coisas, mas eu sou um cara certinho desde que me conheço por gente, ou era, já não sei mais o que sou. E esse meu jeito certinho piorou quando eu compreendi que tinha perdido Marjorie, e, já morando no Brasil, passei por um psiquiatra pela segunda vez, porque estava com sintomas de TOC – Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Meu sentido de responsabilidade e organização tomou conta de mim por um tempo, e eu era chato de tão meticuloso. Despedi duas secretárias nesse período, admito que por nada, por um erro de digitação ou por não ter justificado um texto, mas há uns três anos, eu recebi alta e

hoje controlo minhas manias, pelo menos as mais bizarras.

Aperto o interfone do mesmo jeito que fiz mais cedo, mas, diferente da outra vez, alguém atende.

— É Antonio, eu preciso falar com...

— Ela não quer te ver! — E desliga na minha cara.

Eu não sei a qual das duas amigas pertence aquela voz, mas, pelo tom, a moça está tão puta quanto Marina parecia estar naquela calçada. Insisto, e elas me ignoram por um momento. Elas não me conhecem. Descanso o dedo no interfone, fazendo-o tocar sem parar até ser atendido não muito educadamente.

— Mas que merda, ela não quer te ver! Se manda! — grita, e eu reconheço essa entonação. Bárbara.

— Bárbara, eu preciso esclarecer...

A filha da mãe desliga na minha

PERIGOSAS

cara de novo! Começo a bufar na calçada, olhando para o último andar do prédio antigo em que elas moram. Penso em apertar algum número de apartamento aleatoriamente, mas nem preciso me prestar a isso, pois um bendito entregador de pizza para em frente ao prédio, olha-me desconfiado, toca o interfone, e logo a porta do prédio é aberta.

Eu subo correndo na frente dele, que parece um pouco assustado comigo subindo os degraus de dois em dois, e, quando chego à porta do apartamento de Marina, não penso nem em tocar a campainha, esmurro a porta com vontade.

— Mas... — escuto alguém falar e vejo o olho mágico escurecer. — Que porra, Tony otário, como você entrou aqui?!

Soco ainda mais a porta, e ela abre uma fresta, protegida pela corrente que bloqueia minha entrada.

NACIONAIS - ACHERON

— SO-ME! — diz pausadamente. — Já disse que ela não quer ver essa sua cara nem pintada de ouro!

— Eu só preciso conversar com ela, Bárbara — falo tentando parecer calmo.

— Deveria ter conversado com ela antes. — Respira fundo. — Deveria ter contado tudo a ela!

Eu sei que a moça tem razão, mas o que Marina *acha* que sabe não condiz com a verdade. Antes mesmo que eu diga qualquer outra coisa, Bárbara fecha a porta de novo, mas eu volto a bater.

— Não vou sair daqui até você me ouvir, Marina! Abra a maldita porta! — grito para ela me ouvir.

De repente, com uma facilidade quase inacreditável, a porta se abre totalmente, e entro como um louco, olhando a simples sala e procurando por ela.

— Ela está dormindo. — Olho para

PERIGOSAS

a moça branca como uma cera. Ah, sim, a nova Gerente de Produtos. Tento lembrar o nome dela...

— Quênia! — Ela se assusta. — Você é a Quênia, não é? — Ela assente. Marina sempre dizia que ela era a mais conciliadora, a que tentava apaziguar as coisas. — Eu preciso ver Marina e esclarecer alguns pontos...

— Ela apagou, Senhor Villazza. Dei-lhe um sedativo. — Eu arregalo os olhos, pensando que elas a drogaram. — Não se preocupe, é leve. Foi somente para ela relaxar um pouco.

— Posso vê-la, Quênia?

— Acho melhor não. Já causou problemas demais, não crê? E não digo pelo caso de vocês, mas por tê-la exposto daquela forma hoje. Quando saímos, estavam todos comentando sobre vocês dois...

NACIONAIS - ACHERON

Eu falo um palavrão, indignado com isso. Sempre preservei minha vida pessoal, poucas pessoas sabem, por exemplo, que minha esposa estava em coma todos esses anos; a maioria supôs que ela trabalhava em Paris, e eu nunca as desmenti para evitar olhares de pena e, principalmente, para manter mulheres *consoladoras* bem distantes de mim.

— Cacete, Quênia! O que esse mala está fazendo aqui? — Bárbara fica puta quando me vê na sala.

— Bárbara, é o Tony Villazza...

— Foda-se! Aqui ele não é o chefe, é só o babaca que dormiu com minha amiga, a iludiu e a enganou e que, por sua causa, ela está indo embora daqui!

A mulher é uma fera e defende Marina com unhas e dentes. Eu a admiraria, se o destinatário dessa ofensa toda não fosse eu. Decido ignorá-la e tentar negociar com

alguém menos passional.

— Quênia, por favor, só preciso saber se ela está bem.

Quênia cede e começa a andar na direção do que penso ser o quarto de Marina.

— Aonde ele vai? Quênia!

Passo por Bárbara, ignorando-a e seguindo a pequena e valente mulher que me colocou para dentro. Ela abre a porta de uma suíte bem grande, e eu vejo, apesar da luz tênue, Marina dormindo na cama.

Meu coração tomba no peito ao pensar que ela teve que tomar um calmante para dormir, e eu penso no babaca que eu realmente sou. Eu poderia ter feito tudo diferente desde o começo, mas agora não há como voltar atrás. Espero apenas poder recomeçar daqui e compensá-la por tudo pelo qual a fiz passar nesses dias.

— Diga a ela que eu vim e que

voltarei amanhã para...

— Não. — Eu olho para ela, intrigado com a negativa. — Acho melhor dar um tempo para ela. Não vamos deixar que ela vá para o Rio sozinha, não se preocupe. Mas dê-lhe um tempo, ela está muito magoada com suas mentiras.

Eu concordo com ela, mesmo não querendo aceitar ficar mais afastado de Marina. Eu sinto saudades e estou louco para lhe dizer tudo e pedir para que me perdoe.

— Farei isso. Mas me prometa que a manterá aqui. — Ela me olha desconfiada. — As coisas não são como ela pensa que são, Quênia. Há muitos pormenores nessa história, coisas que quase ninguém sabe e que eu gostaria de contar a ela.

— Sobre seu casamento?

— Sim, sobre meu casamento.

Ela fecha a porta do quarto e me

acompanha até a saída.

— Um vizinho esteve aqui querendo saber se precisávamos de ajuda. — Bárbara me olha com ódio. — Disse a ele que nós damos conta.

Eu passo por ela sem me despedir e, antes que ela feche a porta, ouço-a me xingando mais uma vez. Marina tem amigas leais, e eu me sinto um crápula por tê-la feito mentir para elas.

Mal durmo esta noite, incomodado com as coisas que Marina me falou. *Apartamento de solteiro...* Isso não me sai da mente. Lembro que o último contato que fizemos foi na manhã em que ela me ligou vestida somente com calcinha e máscara, itens esses que estão no armário com as camisolas e ligas que eu adoro ver nela. Depois daquele dia em que ela dormiu no apartamento da Gio é que nosso contato

PERIGOSAS

acabou.

O dia mal amanhece, e eu interfono para o porteiro.

— Hugo, alguém esteve aqui durante o tempo em que estive viajando?

— Ninguém desconhecido. — Ele parece pensar ou, muito provavelmente, está consultando algum registro. — A Senhora Vera veio, como sempre que o senhor viaja, três vezes na semana para limpar o apartamento. A Senhorita Santos esteve aqui duas vezes... e, ah, sim, o Senhor Baden esteve aqui também. Acho que foi só.

Hans? O que ele veio fazer aqui na minha ausência?

— A Senhorita Santos estava aqui no dia da visita do Senhor Baden?

— Ah, sim. Ele me disse que ela o estava esperando. Algum problema, Senhor?

NACIONAIS - ACHERON

Marina esperando Hans?

— Não, não. Obrigado, Hugo. Bom dia.

Ligo para o Hans, mas ele não atende. Fico andando de um lado para o outro neste apartamento, e, pela primeira vez em dois anos, a impessoalidade do imóvel me incomoda. Nada aqui é meu, tudo foi escolhido por Gio, mas ela usufruiu pouco do bem, porque logo foi trabalhar em Milão, e o apartamento ficou um tanto inacabado.

Apartamento de solteiro! Tenho que admitir que este lugar de verdade parece um abatedouro, e isso me faz tomar a decisão — que nunca pensei que tomaria — de voltar à casa do Água Verde.

Vera chega para a faxina, e peço a ela que me ajude com as malas. Todas as minhas roupas e artigos de vestuário estão aqui, e eu irei levar tudo de volta para a

minha casa. Já é hora de enfrentar meus fantasmas e abrir aquela casa depois de dois anos sem pisar nela.

Chego ao condomínio, e o porteiro parece surpreso em me ver aqui. Desço do carro com uma mala na mão; as outras estão sendo despachadas para cá no carro com motorista. Vejo a casa que eu e Marjorie construímos, cheios de sonhos e planos. Nós iríamos fazer pós-graduação na Inglaterra, mas depois voltaríamos ao Brasil e moraríamos aqui com nossos filhos.

Ando por sobre o caminho de pedras portuguesas que formam um mosaico intrincado como os de Ravena, na Itália, e lembro que Margie adorava os detalhes da decoração da casa. As plantas no jardim parecem ter crescido e algumas se expandiram, formando blocos no gramado, mas tudo muito bem cuidado pelo jardineiro, que juntamente com a

PERIGOSAS

governanta, são os únicos empregados que permaneceram na casa.

Ponho a chave na fechadura e, quando escancaro a porta, vejo no *hall* de entrada um vaso grande de Carrara em cima de uma robusta mesa de cedro-do-líbano. Porém, o vaso está sem flores. Eu rio ao pensar em quantas vezes discutimos sobre esse objeto e a inutilidade de tê-lo por aqui, porque Margie, infelizmente, era alérgica a pólen.

No entanto, ela sempre dava um jeito, achando uma espécie de flor que não lhe causava irritação, e essa entrada esbanja vida. Depois do que aconteceu, passei a ter problemas com flores em geral. Meu terapeuta dizia que elas eram gatilho para algumas manias, e eu as evito o quanto posso até hoje.

Entro na enorme sala de visitas, decorada com empenho e bom gosto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Alguns móveis estão cobertos para serem protegidos do pó, já que ninguém usa a casa. Uma lareira nunca usada fica numa das paredes da sala, com as poltronas e sofás virados para ela. Subo a escada de dois degraus de mármore e vejo a mesa de doze lugares na nossa sala de jantar. Passo a mão pelo tampo de madeira, percebendo que não há um grânulo de poeira no móvel.

Abro um painel de madeira e vejo meu escritório, com móveis modernos para a época e a mesa de desenho de Margie. Fizemos questão de colocar a mesa dela no escritório para que trabalhássemos juntos.

Continuo explorando a casa, a cozinha, as dependências dos empregados e o enorme quintal, com piscina, *playground* e um gramadão. Há, ao lado da piscina, um espaço *gourmet* com churrasqueira, fogão a lenha e forno de pizza, além de mesas de madeira de demolição, armários para louças

NACIONAIS - ACHERON

e eletrodomésticos.

Subo as escadas para o segundo andar, onde ficam três suítes. Não queríamos muitos quartos, apenas o suficiente para nós e nossos filhos. Além disso, queríamos o pé direito da sala de visitas bem alto e, por isso, lá não recebeu um segundo piso.

As duas suítes menores estão vazias, como no dia em que deixamos a casa para ir morar em Londres, mas na nossa, sinto o impacto de ver, assim que abro a porta e entro, uma enorme foto em cima da cama de casal.

Reparo em nossos sorrisos de felicidade pela certeza de uma vida inteira juntos. Desde que deixei esta casa, nunca mais pensei sobre essa fotografia, mas me sinto feliz ao vê-la de novo sem sentir dor, apenas saudade.

Os móveis daqui estão cobertos

também, e eu não os descubro, pois ainda não sei o que farei com esta casa. Entro no closet e vejo algumas roupas de minha finada esposa aqui penduradas, como se esperando para serem usadas de novo. Sete anos esperando por ela, como eu. Anoto mentalmente que preciso enviar essas roupas para doação. Sei que muitas estão fora de moda, mas servirão para alguém.

Estou rompendo mais um trauma ao entrar aqui, nesta casa. Estou me libertando de mais uma dor. Eu queria poder estar perfeito para Marina, mas sei que nunca vou conseguir. Trago marcas dentro de mim que não serão apagadas, um passado feliz e, ao mesmo tempo, doloroso, a lembrança de um amor que nunca irá acabar, embora tenha sido guardado dentro de mim, liberando espaço para um sentimento forte e intenso por outra pessoa.

— Tony! — escuto a voz do meu

irmão e estranho essa visita.

Encontro-o já subindo as escadas.

— Tony! — Abraça-me como há muito não fazia. Eu ainda resisto um pouco, mas devolvo o abraço fraterno. — Por que não me procurou? *Mamma* e *papà* estão loucos por notícias suas! Você está bem?

— Sim, não se preocupe, não vou surtar — digo com ironia.

Ele fica sério.

— Acho que já surtou, não é, Tony?
— Seu olhar tem uma mistura de provocação e incredulidade. — Sabe que sou o último dentro daquele hotel a saber das fofocas, mas qual é a minha surpresa ao descobrir que meu irmão protagonizou uma cena no Victor ontem?

Eu fecho olhos, percebendo que minha impulsividade ontem será comentada por dias dentro daquela empresa, e penso em Marina sendo exposta como amante do

chefe.

— O que aconteceu, afinal? Eu estava pronto para juntar caquinhos de você, mas sou surpreendido com essa fofoca e com você bem e dentro desta casa! — Olha em volta como se procurasse por fantasmas.

— Para o falatório chegar até você, é porque se alastrou pelo hotel inteiro. — Ele concorda. — O que te contaram?

— Que você invadiu uma comemoração, obrigou uma moça a sair do bar com você e ficaram discutindo na calçada. Kelly me disse que depois você saiu de carro como um louco.

Ah, sim, Kelly!

— O nome dela é Marina, Frank. — Há anos não o chamo pelo seu apelido, mas eu estou rompendo com as barreiras que impus a mim mesmo e preciso continuar avançando. — Eu estou apaixonado por ela.

Francesco arregala os olhos diante

PERIGOSAS

da minha declaração, e eu percebo, estarrecido, que me abri completamente para meu irmão e que Frank é o primeiro para quem eu admito o sentimento que nutro por ela.

— Vamos sair daqui! — diz já virando as costas para descer as escadas como se estivesse num filme de terror. — Preciso de uma bebida e do meu cigarro!

Eu solto a gargalhada mais estridente da minha vida. Acabei de confessar em voz alta que estou apaixonado por outra mulher que não minha falecida esposa, e ele foge em desespero para um trago. Esse, sim, é o verdadeiro Frank Villazza.



28

Acordo um pouco desorientada e sentindo a boca pastosa, com gosto metálico. Lembro-me que Quênia me deu um calmante para dormir porque eu não conseguia falar, só chorava, sentindo a dor de ter sido enganada por Antonio.

Suspiro ao pensar nele, em como ele parecia abatido e que, apesar de furioso, não

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

parecia estar bem. Penso se ele foi ao Victor atrás de mim ou foi só coincidência termos nos encontrado por lá.

Não quero ficar pensando nele, nem no que vivemos, nas expectativas que criei achando que aquele relacionamento podia dar certo. Não quero pensar que, apesar de toda a sacanagem que ele fez comigo, eu ainda o amo e meu coração disparou ao vê-lo na noite passada.

Levará um tempo para que eu consiga esquecer e não sentir dor, mas sei que esse momento chegará, pois eu já passei por sentimentos de luto muito piores do que esse que sinto agora e me recuperei.

Eu não sei o que levou Antonio a tomar aquela atitude ontem, de me pegar pelo braço e sair do bar me arrastando, chamando atenção sobre nós, levantando suspeitas sobre o tipo de relacionamento que tínhamos.

NACIONAIS - ACHERON

— Você está bem? — Bárbara interrompe meus pensamentos colocando a cabeça numa fresta da porta.

— Estou. — Olho através da janela e vejo que o dia já amanheceu. — Que horas são?

Ela entra no meu quarto, e noto que já está arrumada para ir ao trabalho.

— São 7h. Quênia me pediu para não te acordar, mas quando vi que você já estava desperta, resolvi perguntar se você vai trabalhar hoje. Quênia disse que abona o dia...

— Não! Eu vou, sim. — Levanto-me da cama um pouco tonta. — Vocês podem ir na frente para não se atrasarem.

— Vamos de táxi. Te esperamos na sala. — Dá-me uma piscada.

Não vou ficar em casa chorando. É a minha última semana na empresa, e eu não irei *furar* com Victoria, a minha substituta,

PERIGOSAS

que precisa de mim para lhe ensinar a resolver os últimos detalhes de um grande evento no hotel.

Entro no chuveiro e tomo um banho rápido, lavando meus cabelos e deixando que a água leve um pouco da indisposição que eu sinto.

Visto uma blusa fina de viscose, uma saia lápis e coloco meus sapatos sem as minhas tradicionais meias sete-oitavos, porque não estou com vontade de pô-las hoje. Olho-me no espelho para avaliar meu rosto, que parece cansado, com olheiras e marcas de alguém que andou chorando muito. Não tenho tempo para nada elaborado, assim, coloco a nécessaire de maquiagem na bolsa e penso em me maquiar no carro.

Quênia se levanta do sofá assim que me vê entrando na sala.

— Tem certeza de que está bem para

NACIONAIS - ACHERON

ir trabalhar hoje? — demonstra preocupação.

— Claro que sim! — tento parecer forte. — Nada como um dia após o outro, Quênia. Eu vou superar essa situação.

Ela me dá um sorriso, e Babe aparece vindo da cozinha com uma xícara de café na mão, a qual me entrega. Bebo o café o mais rápido que consigo; está muito quente, muito forte e muito amargo, mas sei que irá levantar meu astral e tirar do meu corpo todo o mal-estar que eu estou sentindo.

Dentro do táxi, o silêncio é geral, ninguém conversa com ninguém, e eu vou tentando esconder o meu sofrimento atrás de 1 kg de maquiagem. Descemos do carro, e Bárbara e eu vamos até a salinha onde colocamos nossas digitais para marcar o ponto do dia. Quênia, por ter sido promovida a gerente, não precisa mais

PERIGOSAS

cumprir com esse dever.

Eu sinto que algumas pessoas que nunca antes pareceram me notar agora olham curiosas para mim, e isso me deixa incomodada. Subo à nossa repartição e sinto alívio por ninguém mais tocar no assunto ou me olhar enviesado. Todavia, minha alegria dura pouco, pois, assim que entro no restaurante na hora do almoço, vejo pessoas cochichando e me apontando disfarçadamente.

— Mas que merda! — penso alto.

— Não esquentar, que isso passa — Babe fala para mim, e eu a olho boquiaberta.

— O que está acontecendo afinal? — Ela dá de ombros, e isso me irrita. — Babe, me fala agora que porra é essa!

— A cena de ontem. — É o que basta para eu entender que as pessoas estão comentando sobre o que Antonio fez no

NACIONAIS - ACHERON

Victor e, talvez, especulando sobre o porquê daquela reação. *Oh, merda!*

Almoçamos quietas, sem conversar pela primeira vez desde que eu entrei nesta empresa. No final do expediente, nenhuma de nós tem clima para ir ao Victor de novo, e vamos as três para casa.

— Antonio esteve no nosso apartamento ontem.

— Cacete, Quênia, não era para contar! — Bárbara a repreende. — Marina não precisa lidar mais com esse homem!

Eu sinto minhas mãos transpirarem ao pensar que ele foi atrás de mim mesmo depois da explosão de fúria que eu tive naquela calçada. O que será que ele queria?

— Ele insistiu para subir, mas não deixamos e, de alguma forma, ele foi parar na nossa porta, mas você já estava dormindo.

— É um otário, mesmo! — fala

Bárbara.

— Eu pedi a ele que te dê um tempo, mas ele insiste em querer falar com você. —

Bárbara resmunga ao escutar as informações da Quênia. — Valéria me disse que ele não apareceu no escritório hoje...

— Não queremos saber mesmo dele, não é, Mari?

Eu sorrio para Bárbara, mas no fundo fico intrigada por Antonio não ter ido trabalhar depois de mais de duas semanas fora.

Será que ele voltou para a França? Ou estava com receio de seus atos serem descobertos pela esposa, agora que todos dentro da empresa estão comentando sobre nós? Contudo, a pergunta que mais me intriga, é: por que ele ainda está tentando falar comigo, quando sabe que eu já descobri tudo?

— Quênia, eu agradeço tudo o que

PERIGOSAS

você fez, mas Babe tem razão. Eu não quero mais saber dele, preciso esquecer essa história e seguir adiante.

— É isso aí!

— Você não acha que só ouviu uma versão da história e que seria bom ouvir o lado dele dos fatos? — Quênia pergunta, e Bárbara a olha como se ela estivesse maluca. — Eu não sei, achei que ele estava desesperado demais ontem.

— Ele está com medo que essa história vaze e chegue à preciosa esposa dele em Paris, isso, sim!

Nesse ponto eu concordo com Babe. Não acho que ele esteja desesperado por minha causa, mas sim por causa das consequências da noite passada e da repercussão do vazamento do nosso caso. *Nosso caso*. Só de pensar nisso fico enjoada.

— Eu não sei — Quênia continua.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Acho que essa história de vocês ficou mal resolvida.

— Não quero mais problema, Quênia. Já basta ter que lidar com as fofocas dentro da empresa nesses dias em que ainda trabalharei por lá.

As duas concordam comigo, e seguimos em silêncio até o Bacacheri.

— Preciso comprar a passagem de ônibus para o Rio — digo a minhas amigas no meu último dia de emprego no Villazza Convention.

— Você ainda está com essa ideia de nos deixar e voltar para o Rio? Quênia, ponha juízo na cabeça dela, você tem de sobra!

Quênia bufa para Bárbara.

— Ela é tão cabeça-dura quanto você, Babe. — Eu rio da implicância das duas. — Mas é sério, Marina. Fique aqui

NACIONAIS - ACHERON

conosco.

— Eu não posso...

— Ah, para com essa merda já! O homem sumiu, não te procurou mais, nem na empresa aparece. Por que você tem que ir embora por causa dele? Por que você tem que abrir mão da melhor suíte do Bacacheri e das melhores amigas do mundo por causa daquele babaca? Seja mais você, mulher!

— Apoiado, Babe!

— Eu não sei, a ideia de voltar para o Rio também não me agrada, embora eu ame minha cidade. Aqui eu tenho vocês, mas...

— Sem “mas”! Já te ligaram umas dez vezes para entrevistas de emprego! Até o nosso concorrente te quer! — Bárbara tinha ficado uma arara quando recebi uma ligação do Hudson Hotel, administrado por uma rede americana de hotéis. — Pegue um desses empregos, volte a estudar, construa

PERIGOSAS

sua carreira e esqueça esse otário! Foi ele quem perdeu a mulher maravilhosa que você é! Ele é quem tem que sofrer!

A ideia de ir embora de Curitiba, antes tão certa em minha mente, começou a enfraquecer quando percebi que eu parecia estar fugindo depois de ter feito algo muito errado, embora *eu* fosse a única que não estava sabendo do erro que tinha naquele relacionamento. As meninas têm razão sobre as entrevistas de emprego e, como eu já adiantei o dinheiro do aluguel, tenho mais um mês para poder procurar a melhor colocação com calma.

Será melhor do que voltar ao Rio sem perspectiva e morar sozinha no meu apartamento tão cheio de lembranças, inclusive de Antonio.

— Vocês têm razão. Não vou fugir!
— digo segura enquanto as duas comemoram. — Não tenho por que deixar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Curitiba. Amo essa cidade, amo minhas amigas e tenho a melhor suíte do Bacacheri! Meninas, diga aos curitibanos que eu fico!

NACIONAIS - ACHERON



Mais uma vez estou sentada na sala de espera de um hotel para fazer uma entrevista de emprego. Assim que decidi ficar em Curitiba, retornei a todos que me ligaram, e algumas empresas ainda não tinham preenchido a vaga, como o Hudson Hotel e o escritório de advocacia em São José dos Pinhais, na região metropolitana de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Curitiba.

Além disso, a cada dia vejo mais vagas, pois cadastrei meu currículo num banco de empregos, e estou animada para conseguir algo que seja bom. Eu tenho um mês para achar um trabalho e irei conseguir, irei ficar aqui e serei feliz. Está completando uma semana desde o dia em que Antonio me arrastou por aquele bar na frente de todos. Uma semana inteira, também, sem notícias dele.

Ainda me pego chorando, mas espero que isso passe em breve, porque não posso passar o resto dos meus dias lamentando por um relacionamento *fake*. As meninas querem que eu me distraia mais e estão marcando uma viagem para o próximo final de semana. Vamos, como crianças, ao Beto Carreiro World!

Nunca em minha vida pensei em encontrar duas irmãs, mas a vida me

NACIONAIS - ACHERON

presenteou com elas. Bárbara, com jeito explosivo e para cima, mulher empoderada, não tem medo de enfrentar nada e nem ninguém. Quênia, suave, romântica, conciliadora. As duas me completam, e, com elas, eu estou sentindo que tenho família novamente.

— Marina Morena dos Santos —
chama-me uma mulher, e vejo ironia em sua expressão ao dizer meu nome. *Essa sou eu, meu bem, com muito orgulho!*

Ela me leva até a Gerente de Recursos Humanos do hotel e, assim que eu me sento, começam a mexer na minha ferida.

— Vejo que trabalhou no Villazza Rio e no Villazza Convention. Por que saiu?
— Eu não respondo de imediato, apesar de já ter ensaiado essa resposta *trocentas* vezes.

— Eu quero abrir mais meu leque de

oportunidades, e eu não poderia fazer isso no Villazza, pois eles não têm corpo jurídico em sua estrutura, e eu quero ser uma advogada.

Ela balança a cabeça, aceitando a resposta. Entretanto, me encara de um jeito estranho.

— Por um momento, achei que você tivesse saído por causa do vídeo.

Ai, merda! Ela viu o vídeo! Sim, infelizmente algum espírito de porco gravou Antonio me arrastando pelo Victor e parte de nossa conversa na calçada. Eu tive conhecimento do fato ainda no Villazza, dias antes de encerrar meu contrato de trabalho, mas não pensei que aquilo tivesse tomado tal proporção a ponto de chegar à concorrência.

— Eu já havia me demitido quando o vídeo foi feito — respondo segura.

— Então Tony Villazza não teve

nada a ver com seu pedido de demissão?

Mas que porra! Essa mulher está me pressionando! O que isso tem a ver com a vaga aberta aqui no hotel?

— Não vejo por que teria —
respondo seca.

— Ah. — Ela anota alguma coisa num papel e continua a me fazer perguntas, mas dessa vez, de cunho profissional.

Saio do hotel sabendo que não vou ser chamada, e isso não me desanima, pois não gostei da postura dos funcionários daqui. Porém, me irrita o fato de ter ficado tachada como ex-amante que foi jogada na rua, porque é isso que eles pensam de mim.

Eu odeio aquele homem! Eu odeio aquele homem!, canto enquanto vou andando em direção ao centro, onde terei mais uma entrevista hoje. Se, nessa entrevista, tocarem no assunto do vídeo, eu me levantarei e irei embora, pois não irei

PERIGOSAS

mais perder meu tempo apenas para matar a curiosidade alheia.

Por sorte, a entrevista correu bem. Não é um hotel grandioso, mas é bonito e muito bem estruturado, e o melhor, as pessoas me trataram bem. Depois de um longo dia, entro no Victor, ainda receosa, para encontrar as meninas. Pensamos em deixar de frequentar o local, mas eu disse a elas que não iremos deixar ninguém controlar nossas vidas. Amamos o bar e continuaremos vindo a ele de cabeça erguida.

— Marina! — Babe acena para mim, e eu vou para a mesa onde ela está com Quênia, Valéria e Eduardo.

— Oi, pessoal! — faço um aceno geral. — Preciso de uma cerveja gelada!

— Dia ruim? — Quênia me pergunta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não, até que não. Gostei do Strauss e detestei o Hudson.

— Amém! — Babe grita. — Eles acham que chegam aos nossos pés, crédulos!

Todos na mesa riem e brindam. Chico vem trazendo minha cerveja geladinha, e eu dou um grande gole para aliviar o estresse e espantar o calor.

— Vi uma vaga num escritório aqui no Batel. — Quênia me entrega um papel. — Leva seu currículo no dia em que você for.

— Ah, que bom! Eu ainda vou fazer a entrevista em São José dos Pinhais, mas vou tentar ficar por aqui mesmo! É só ligar para marcar?

Ela assente, e eu guardo o número do telefone na minha bolsa.

Conversamos, bebemos, rimos e, em nenhum momento, qualquer pessoa aqui

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

toca no assunto do vídeo, nem no nome de Tony Villazza. Eduardo fala sobre os eventos do próprio hotel para os quais ele está ajudando a desenvolver a arte e a concepção das festas. Eu sinto falta do trabalho, que era muito gostoso de fazer e lamento não ter pego nenhuma das datas dos grandes eventos do Villazza, como o Baile Branco e Preto para arrecadação de fundos para instituições sociais de Curitiba, o Baile de Máscaras, no Dia dos Namorados e as festas de final de ano, como Natal e Ano Novo.

O Salão Royal deve ficar lindo nessas ocasiões. À minha mente vem o dia em que Antonio me atraiu até o local e nós fizemos sacanagens como dois adolescentes. Suspiro, embora tente esquecer. Nós dois tínhamos a química perfeita.

Escuto a banda tocar uma música

NACIONAIS - ACHERON

do Queen e penso que não há nada mais providencial para este momento. Levanto minha bebida e canto forte junto com o pessoal: *The show must go on. The show must go on, yeah yeah. Ooh, inside my heart is breaking, my make-up may be flaking, but my smile still stays on*²³.

É de manhã. Estou sentada à mesa com as meninas, na cozinha, tomando café-da-manhã antes que elas saiam para o trabalho e eu comece minha peregrinação para conseguir um emprego, entrando e saindo de entrevistas.

— Ligou para o número que eu te dei? — Quênia me questiona, e eu acabo de mastigar o pão antes de responder.

— Achei muito cedo, vou ligar daqui a pouco. É escritório do quê?

— Negócios em geral — ela me responde e morde sua torrada.

PERIGOSAS

— Você não está querendo continuar no ramo da hotelaria?

— Ai, Babe, eu quero continuar empregada! — Rio. — Estou aceitando o melhor salário/condição. Não importa se vai ser num hotel ou em um escritório.

— Precisamos ir. — Quênia se levanta ao olhar o relógio. — Não esquece de ligar, Marina. Tenho a sensação de que este é o que você procura.

— Que os anjos digam amém!

Depois do café, tomo um banho longo, seco meus cabelos, aplico uma maquiagem leve e, por último, escolho a roupa que irei usar para a entrevista no escritório de advocacia na cidade vizinha. Vejo o bilhete de Quênia com o número do escritório aqui em Curitiba e ligo para marcar minha entrevista.

Uma senhora muito simpática me atende e diz que eles ainda estão montando

NACIONAIS - ACHERON

tudo, porque o imóvel foi recentemente adquirido, mas que eu poderei passar por lá à tarde para conversar com o dono e deixar meu currículo. Ela me dá o endereço de uma das ruas mais chiques e residenciais do Batel.

Um escritório em casa? Que chique. Todavia, esqueci-me de perguntar qual é, especificamente, a atividade desenvolvida naquele local.

O trânsito até São José foi tranquilo, e a entrevista de emprego, muito calma. Eu sinto que eles gostaram de mim. O escritório é enorme, e a vaga é para assistente, um nome chique para secretária, de um dos sócios. O Doutor Carias foi quem me entrevistou, e se ele gostar de mim, será para o filho dele, Gustavo, que eu irei trabalhar. É um escritório familiar, pais, filhos, tios e sobrinhos, todos advogados

trabalhando juntos, cada qual em sua área.

Tive tempo apenas para tomar um lanche rápido e voltar para Curitiba para fazer a entrevista no escritório do Batel, para onde estou indo agora.

A rua é arborizada, organizada, cheia de mansões uma mais bonita que a outra. Suspiro, pensando em como seria morar neste lugar lindo, criar os filhos e ser feliz. paro de frente para o número anotado na minha agenda e admiro a casa, de dois andares, cercada por jardins bem-cuidados e com muro de vidro na frente.

Toco o interfone, e a mesma senhora que me atendeu quando liguei me libera a entrada. Observo cada detalhe lindo desta construção, desde suas linhas modernas até a porta pivotante, gigante, que uma senhora grisalha abre.

— Bom dia! É um prazer conhecê-la, Senhorita Marina! — cumprimenta-me.

PERIGOSAS

— Entre, mas não se assuste com o vazio, pois o local ainda não foi decorado.

Eu entro na maior sala de estar — ou que ainda vai ser — que eu vi na minha vida. Piso de madeira de lei brilhando como espelho, lareira numa das paredes, lustres de cristais no meio da sala. No canto, uma escada com guarda-corpo de ferro trabalhado e uma parede inteira de vidro de frente para ela, iluminando essa obra de arte.

— Vou anunciar que você chegou. Não demoro. — E some dentro da casa, passando por portas de correr de madeira como a do piso.

Eu queria poder explorar um pouco esta casa, imaginá-la mobiliada e decorada. Estico o pescoço para olhar além da sala de estar e vejo uma outra sala enorme e uma entrada ao fundo, onde consigo vislumbrar balcões de cozinha.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você pode vir agora — a senhora me chama e abre uma porta dupla para eu entrar no que deverá ser um escritório, mas que, no momento, só tem duas cadeiras e um homem em pé, de costas para a entrada.

Ela fecha a porta assim que eu entro e, quando, por fim, ponho minha atenção no meu provável futuro chefe, sinto minhas pernas ficarem bambas e meu coração disparar. *Não é possível!*



Eu reconheceria esses ombros, esse porte em qualquer lugar que eu fosse. Eu simplesmente não posso acreditar que ele me atraiu até aqui com uma desculpa de emprego.

Antonio se vira, e esses olhos verdes — que amo — me encaram. Faço menção de ir embora.

— Não vá! — Ele me segura. — Por favor, não vá. Eu preciso conversar com você.

Merda! Eu gostaria de me livrar da mão dele, que segura meu braço, olhá-lo com desprezo e bater a porta ao sair, mas sou incapaz de fazer isso. Sou fraca, reconheço, porque eu quero muito ouvir o que ele tem a me dizer, mesmo que isso me faça me despedaçar e sofrer mais um pouco.

— Por favor, Marina — sua voz soa suplicante. — É a última vez que eu te peço para me ouvir. Se, depois de hoje, você não quiser me ver mais, eu aceitarei.

Respiro fundo e concordo em ficar, mesmo meu cérebro me mandando correr para o mais longe possível dele. Eu me sento em uma das cadeiras, e ele faz o mesmo, ficando de frente para mim. Antonio continua lindo e mexendo comigo como sempre fez. Sua barba parece um

pouco maior do que o normal, e noto olheiras sob seus olhos, mas, ainda assim, ele está maravilhoso, vestindo um terno azul-marinho, blusa branca e gravata azul e vermelha.

— Meu nome é Antonio Andretti Villazza, sou filho de Andreas Villazza e Silvia Andretti Villazza, tenho dois irmãos, um mais velho, Francesco, e uma mais nova, Giovanna. — Olho para ele sem entender por que ele introduziu o assunto assim. — Sou italiano, embora brasileiro de coração. Tenho 35 anos, completei-os há três meses, em dezembro.

— Eu não entendo...

— Todos os nossos problemas, até hoje, foram por falta de informações. — ele diz. — Eu tenho esse defeito de não me abrir, de não falar de mim e estou aqui tentando consertar isso. — Ele toma fôlego. — Eu sou um homem cheio de defeitos,

Marina. Um pouco retalhado pela vida, embora pareça que não, afinal, que problemas pode ter um homem que nasceu rico, herdeiro de uma das redes hoteleiras mais famosas do mundo? Mas eu sou. E é esse homem que eu quero que você conheça hoje. — Ele se levanta e olha pela janela. — Eu conheci minha esposa ainda criança.

Oh, merda, ele vai falar dela para mim?! Eu me arrumo na cadeira, desconfortável, mas não penso em sair daqui, porque eu quero realmente saber sobre esse assunto e pôr, enfim, uma pedra nessa relação. Quênia tinha razão quando me disse que o assunto estava inacabado.

Quênia! Aquela filha da mãe armou com ele para me atrair até aqui? Eu vou esganá-la...

— ...quando fomos fazer faculdade nos Estados Unidos, começamos a morar juntos — ele prossegue com a história, mas

até aí eu já sabia desses detalhes. — Voltamos ao Brasil noivos e construímos uma casa onde pretendíamos passar o resto de nossas vidas, criar nossos filhos. Ela era francesa, mas amava o Brasil tanto quanto eu. Nos casamos e resolvemos ir para a Europa, mais especificamente Londres, para fazer especialização em nossas áreas. Vivemos por lá por dois anos. Marjorie descobriu que estava grávida... — Isso parece tortura para mim. Ouvi-lo falar de sua esposa perfeita, de seu casamento perfeito é como enfiar um punhal no meu peito. — ...mas não eram sintomas comuns da gravidez. — Ele se volta para mim, e vejo o quanto está emocionado. — Ela tinha um tumor cerebral grave que necessitava de cirurgia e tratamento urgente.

Não consigo descrever o que estou sentindo neste momento ao ouvir isso. Um misto de emoções passa por mim, pena,

surpresa e incredulidade. Nunca ninguém disse qualquer coisa sobre ela estar doente, e eu me sinto ainda pior por isso.

— Por causa da gravidez, ela não quis iniciar o tratamento. — Ele dá de ombros. — Mas acabou que não teve escolha, Marina. Foi internada, retiraram o bebê, um menino — ele sorri triste — e a levaram para a cirurgia. Mas era tarde demais para ela e cedo demais para ele. — Eu fecho os olhos ao sentir a dor dessas palavras, sem entender o que ele quer dizer. — Ela entrou em coma irreversível, e eu enterrei nosso filho.

Eu sinto uma lágrima escorrer no meu rosto. Oh, Deus, o que ele está me contando? Antonio se senta novamente e pega minhas mãos nas dele.

— Quem lhe contou sobre meu casamento omitiu de propósito todos esses detalhes. Mas é verdade, Marina, que eu era

casado quando te conheci e que, sim, eu a escondi de propósito para preservar Marjorie. — Ele balança a cabeça.

— Oh, meu Deus, Antonio... eu sinto...

— Não. — Ele põe um dedo sobre meus lábios. — Eu não quero sua pena, mesmo porque nem sou merecedor dela. Não deixei de viver por causa dessa situação e, à medida que eu ficava no Brasil, longe do que estava acontecendo em Paris, eu comecei a sair com outras mulheres. — Eu me afasto um pouco ao ouvir isso. — Era só sexo casual para mim, apenas por necessidade mesmo. Nunca passou de uma única noite com nenhuma delas, até você. E isso me deixou confuso e com medo, porque eu sabia, eu sentia que o que estava acontecendo comigo era mais do que apenas atração.

Minhas mãos, unidas às dele,

começam a tremer, e sinto meu coração bater como a bateria de uma escola de samba.

— Há alguns meses, os médicos declararam a morte cerebral dela, mas eu me recusei a assinar o termo que desligava os aparelhos que a mantinham viva, apesar da vontade dela mesma e de seus pais. Eu não conseguia deixá-la ir. — Aperto as mãos dele, transmitindo conforto, notando a dor que ele carrega dentro de si. — Ela deixou cartas, e em uma delas me pedia para interromper qualquer coisa que a mantivesse viva artificialmente. — Ele fecha os olhos e suga o ar antes de me dizer: — Mas eu não tinha coragem o suficiente para deixá-la partir, para dizer adeus. — Ele limpa uma lágrima solitária em seu rosto. — Essa foi minha última visita a ela no hospital, porque, dias antes do meu retorno, o coração dela parou sozinho, sem que

ninguém desligasse aparelho nenhum.

— Antonio, eu... — não consigo pôr em palavras o que estou sentindo.

— De certa forma, sinto como se ela soubesse que eu nunca conseguiria fazê-lo. Acho que, durante todos esses anos, meu desespero a manteve por perto, pois ela sabia que eu não iria suportar perdê-la em definitivo. — Ele me olha profundamente. — Mas acho que ela sentiu que algo havia mudado, que eu havia mudado. Não sou religioso, mas nada me tira da cabeça que tudo isso aconteceu porque ela sabia que eu havia encontrado você.

Eu concordo com ele. Nossa história, a forma com que nos conhecemos, com que eu me apaixonei por ele, não pode ser mero acaso. Saber desse triste segredo reforça ainda mais minha fé nisso.

— Bem... — Respira fundo. — Esse sou eu, Marina. Essa é a história do

PERIGOSAS

verdadeiro Tony Villazza. Não sou o executivo perfeito e frio que me pintam, não, eu fiz terapia, tomei medicamento controlado, tenho um pouco de TOC... —

Ele ri quando eu levanto a sobrancelha. — Esse é o homem que eu escondo de todos, mas que estou expondo a você. Um homem que ganhou uma rasteira grande da vida, mas que agora sabe ser a hora de seguir em frente, de remendar os retalhos. — Ele limpa uma lágrima que cai no meu rosto. — E você é a mulher que pode me ajudar a fazer isso.

— Como? — eu pergunto num fio de voz.

— Estando comigo. — Ele se levanta. — Foi por isso que eu te atraí até aqui.

— Com a ajuda da Quênia! — digo inconformada por ela ter tramado pelas minhas costas.

NACIONAIS - ACHERON

Ele apenas ri.

— Ela me contou que você está à procura de emprego. — Eu bufo. — Eu tenho um negócio a te propor.

Negócio?!

— Não vou voltar a trabalhar no Villazza, Antonio.

— Não é esse tipo de negócio. — Ele me estende a mão e me põe de pé. — Preciso de ajuda para mobiliar a casa, decorar ou, talvez, até comprar outra, caso essa não sirva... — Ele se aproxima. — O que me diz?

— Não sou decoradora — falo já com um sorriso no rosto. — Mas dependendo da proposta, posso encarar o desafio.

Ele me beija, suave.

— Eu quero que você, primeiro, me perdoe por não ter contado tudo desde o começo. Me perdoe por te ter feito sentir

mal, pelo vídeo que anda circulando por aí...
— Ele fica sério. — Me desculpe por isso, pela minha atitude na semana passada... — Eu aquiesço. — Peço a você que, além de me perdoar, volte a me amar, como disse uma vez que o fazia. Seu amor é capaz de remendar meus pedaços quebrados.

— E quanto a você, Antonio?

— Eu vou te confessar uma coisa: eu fiquei parado na porta daquele closet, em silêncio, olhando seu traseiro e me recriminando por estar cobiçando uma funcionária de um hotel que eu estava comprando. Na boate onde nos encontramos, eu não sabia que você e ela eram a mesma pessoa, mas senti uma reação igual. — Ele põe uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha. — Hoje eu sei que tínhamos que nos encontrar. Sei que você é a mulher que despertou meus sentimentos, que me fez ver que eu poderia amar de

novo. — Há um sorriso bobo em meu rosto. — Eu amo você, Marina Morena. Eu quero construir uma história com você, e é por isso que proponho esse negócio: quero encher essa casa com alegria, com sua presença e, aos poucos, criar nossos planos de futuro. — Mostra-me um anel de platina e diamante.

Eu não consigo acreditar que isso é real, que eu estou aqui com Antonio, ouvindo-o dizer as palavras que nem em meus mais preciosos sonhos pensei ouvir. Ele se abriu para mim e está aqui, exposto, esperando que eu dê a resposta a essa proposta de uma vida inteira juntos.

— Negócio fechado! — declaro rindo e estendo a mão direita. Ele desliza o anel pelo meu dedo e o beija. — Aceito sua proposta porque eu o amo também, mais do que jamais pensei amar. Aceito você com seus defeitos, porque também tenho os

PERIGOSAS

meus. Aceito você com suas marcas do passado, porque eu também carrego as minhas. E, acima de tudo, aceito estar ao seu lado para dividirmos os sonhos, as frustrações e tudo o mais que a vida estiver reservando para nós.

Eu, confesso a vocês, estava com saudade daquele beijo “fode mente” que ele sabe dar, e não me decepçiono. Logo sinto minha temperatura subir, minha pele se arrepiar e gemo ao constatar que ele também está tão excitado quanto eu, afinal, estamos há quase um mês sem tocar um no outro.

— Não temos uma cama por aqui, temos? — pergunto ainda contra os lábios dele.

Antonio gargalha e me abraça forte.

— Não e, infelizmente, Marisa está na casa conosco.

— Marisa?

NACIONAIS - ACHERON

— Minha governanta — afirma me arrastando para fora do escritório. — Ela está coordenando o pessoal que está trabalhando no nosso jardim traseiro.

Nosso jardim. Isso soa como música aos meus ouvidos.

— Você gosta da casa?

— Teria como não gostar? É linda! — Olho em volta, mas percebo que ele me leva para a porta de entrada. — Pensei que íamos ver o jardim. — Aponto para trás.

— Nem pensar, temos a vida toda para isso. Vamos para algum lugar onde tenha uma cama, ou que, pelo menos, não haja pessoas por perto.

Eu caio na gargalhada, tentando seguir seus passos apressados.



5 anos depois.

Estico meu corpo e me espreguiço, elevando os braços para o alto. Olho para o anel de noivado que Antonio me deu há cinco anos e vejo, junto com ele na mão esquerda, o brilho da minha aliança de casamento, ali há pouco mais de dois meses.

NACIONAIS - ACHERON

Sorrio ao pensar em quantas vezes Antonio me acusou dizendo que queria ser um “homem honesto” e eu não queria casar legalmente com ele.

Nós moramos juntos durante todo esse tempo, aprendemos a nos conhecer melhor, aprofundamos a relação. Viajei com ele para Roma, onde conheci seus pais e sua irmã. Fomos a Paris, visitamos os túmulos de Marjorie e Joaquim, e lá conheci os sogros dele, pais dela. Não achei essa situação estranha ou incômoda, não depois de ler a carta que ela deixou para ele. Marjorie também se tornou importante na minha vida, e eu a admiro muito.

Eu estava, aos poucos, fazendo parte da vida dele, e ele, da minha. Fui chamada para trabalhar no escritório de advocacia em São José dos Pinhais e, mesmo sob protesto e relutância de Antonio, aceitei a vaga. Voltei a estudar. No começo, Antonio tinha

PERIGOSAS

ciúmes, tanto do meu chefe, quanto dos amigos de faculdade, mas ele entendia que eu amava trabalhar e que estava realizando um sonho voltando a estudar.

Nesse período, nossa casa ainda estava sendo mobiliada e decorada, o jardim traseiro ainda estava em obras, com a implantação da piscina e áreas de lazer. Antonio insistiu que eu ficasse com ele no hotel, onde fixou residência, mas eu queria estar com as meninas e continuei morando no apartamento do Bacacheri. Encontrávamo-nos todos os dias, e ele, após ter feito as pazes com Bárbara, passou a dormir alguns dias da semana comigo lá.

Bárbara e Eduardo conseguiram, por fim, se acertar, mas minha amiga moderna não quer juntar as escovas de dente de jeito nenhum. Ela gosta da liberdade de morar sozinha e lavar a louça que somente ela sujou.

NACIONAIS - ACHERON

Quênia, que ajudou Antonio naquela armadilha, tornou-se uma grande amiga dele também, e foi natural quando um dos grandes amigos de Antonio, o italiano Constantino, ficou louco por aquela polaca de olhos doces. Eles nos passaram a perna e se casaram antes de nós. E pensar que Quênia já teve uma queda por Hans Baden, o babaca e mentiroso!

Naquela tarde em que Antonio e eu esclarecemos as coisas e fizemos as pazes, notei que os nós dos dedos da mão direita dele estavam um pouco inchados e esfolados, e ele me disse apenas que foi um acerto de contas. Mais tarde, ao encontrar com as meninas para contar a novidade, fiquei sabendo que Hans Baden tinha sido demitido da Rede e que algumas ex-funcionárias do hotel o denunciaram por assédio sexual.

Durante o andamento do processo,

no qual a empresa figurava no polo passivo junto com o Baden, eu contei a Antonio o que o ex-diretor da empresa fez quando me encontrou no Victor e que ele havia me trazido para trabalhar em Curitiba apenas para me levar para a cama. Foi aí que, durante uma explosão de ódio de Antonio, descobri que, além de ter sido demitido, o babaca levava uma surra daquelas do meu herói.

O processo foi conturbado, vários advogados trabalhando no caso. Inclusive eu, que ainda era estudante, dei uma força à advogada principal, Doutora Isabella Romanza, com quem fiz amizade, da qual me tornei estagiária e, hoje, sócia.

Sim, eu me formei com honras e ainda passei com louvores na temida prova da Ordem dos Advogados. No dia da minha formatura, eu chorava como uma louca, lembrando-me de tudo o que eu havia

PERIGOSAS

passado antes, pensando no quanto eu queria meu pai ali, assistindo a tudo e se orgulhando, não da minha vitória, mas da dele, porque tudo o que eu sou e tudo o que eu consegui, devo a ele.

No dia do baile de formatura, emocionada com tudo o que já estava acontecendo, Antonio resolveu me surpreender e fez o pedido de casamento, o último – segundo ele –, e eu finalmente aceitei.

Foi uma correria providenciar um casamento dentro do espaço de um mês, mas conseguimos, e o Salão Royal do hotel nunca esteve tão bonito. Fizemos a cerimônia e a festa no hotel. Minhas amigas camareiras do Rio, Vivi, Lídia e Alice, assim como Cidinha, estavam presentes, e minhas madrinhas foram Quênia, Bárbara e Isabella.

Além de Constantino e Eduardo,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Frank, meu cunhado lindo, charmoso e arredio também foi padrinho de Antonio. Ah, o Frank... Ao pensar em meu cunhado, reflito sobre as reviravoltas que a vida dá e que, realmente, nada nessa vida é por acaso. Vocês acreditam que ele...

— Bom dia! — Meus pensamentos se interrompem ao ver meu lindo marido usando apenas uma sunga e carregando uma bandeja de café da manhã.

— Bom dia! — respondo ronronante. — Hum, o cheiro está ótimo.

— Tenho que alimentá-la bem. — Dá-me uma piscada safada. — Abuso muito de você o dia todo, preciso te dar um desjejum reforçado.

Eu jogo um travesseiro nele, que se desvia a tempo e não deixa cair nada de sua bandeja.

— Já disse o quanto te amo hoje? — ele indaga.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não. — Eu me sento na cama e deixo o lençol deslizar sobre meu tronco, expondo meus seios.

— Porra, Marina, assim fica difícil de ter tempo para comer...

— O que meu capitão está planejando para hoje? — pergunto dando uma mordida em uma torrada.

— Sexo nessa cama, no mar, na praia, na proa...

Eu rio, sabendo que ele está falando sério. Saímos em lua-de-mel dois meses depois do casamento por causa dos nossos compromissos de trabalho e estamos há duas semanas dentro de um iate gigante, propriedade do meu sogro, navegando pelo Mediterrâneo, parando em uma ilha aqui e outra ali, mas preferindo estar em alto-mar fazendo safadezas.

Coloco a bandeja de lado e puxo Antonio para um abraço. Ele se anima, vejo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pelo volume da sunga, e eu rio, sabendo que a primeira rodada da manhã irá começar.

Eu já estou nua — durmo assim desde que fomos morar juntos —, e ele, apenas de sunga. Arranca o traje de banho e pula em cima de mim, quase não me dando tempo de afastar a bandeja.

Entre risadas, beijos e mordidas, ele me leva à loucura. Deixo de rir ao senti-lo entre minhas pernas, sua língua traçando um caminho até o meu clitóris. Antonio adora me ter na sua boca, e eu amo que ele saiba fazer isso com perfeição.

Puxo-o para cima.

— Juntos — digo, e ele geme, dando-me um beijo profundo.

Ele se deita de lado, ao contrário da minha posição, e enquanto ele me lambe e me suga, faço o mesmo com ele. Adoro essa sensação, adoro dar e receber prazer, e só ele é capaz de me fazer sentir, só ele. Gozo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

com ele dentro da minha boca, e ele logo vem para mim.

Rola-me por cima dele e me faz cavalgá-lo intensamente enquanto segura meus seios.

— Não me canso de você. Adoro sentir você apertada em torno de mim, seu calor, sua umidade... — geme. — Adoro quando você goza comigo. Goza comigo, Marina!

Ele aumenta a estocadas, tomando para si o controle. Eu sinto meu corpo reter e um líquido quente fluindo pelo meu ventre. Gemo, chegando ao êxtase junto com ele.

Tempos depois, abraçados, suados e satisfeitos, eu resolvo tocar no assunto que anda martelando em minha cabeça.

— Eu estava pensando em parar com as pílulas. O que você acha?

Sinto-o ficar tenso em meus braços.

NACIONAIS - ACHERON

— Você tem certeza? Não acha melhor esperarmos mais um pouco? — ouço nervosismo em sua voz.

— Acho que meu relógio biológico começou a despertar. — Encaro-o. — Vou fazer 30 anos daqui a alguns meses, e você já tem...

— 40, eu sei. — Bufa. — Eu não sei sobre isso, podemos discutir mais tarde?

Eu rio, percebendo que ele está tentando me enrolar.

— Não, Antonio, é sério! — Dou um tapinha nele. — Eu parar agora não quer dizer que vá engravidar já, isso pode levar meses! Além disso, pense em como será gostoso ficar treinando!

Ele me dá uma mordida no pescoço e fala ao meu ouvido:

— Me convenceu, mas vamos ter que treinar bastante, pois não sei se meus companheirinhos aqui estão ligeiros, pois,

PERIGOSAS

como você ressaltou, eu já tenho 40 anos, sou quase um matusalém.

Eu rio quando ele me deita na cama e começa o treinamento, bem intensivo e quente, de novo.

Fim

NACIONAIS - ACHERON



Agradecimentos

A Deus, sempre!

À minha família, por suportar meu humor (louco, neurótico e zumbi) durante os dias em que estive escrevendo esse livro. Amo vocês!

À minha amiga Léia Campos, que foi a primeira a ler e me incentivar (na verdade ela me obrigou) a publicá-lo online.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Leinha, obrigada por estar sempre disposta a ler o que eu escrevo e por vibrar comigo a cada pequena conquista!

À incrível revisora Analine Borges Cirne, que entrou na minha vida por destino (eu não acredito em acaso) e me mostrou que existem pessoas que são escolhidas para fazer diferença no mundo. Ana, mais do que ótima profissional, você se tornou uma amiga querida e um anjo para mim!

Aos grupos e blogs de romance, onde eu encontrei as portas abertas para divulgar e fazer amizades.

Aos leitores do *Wattpad*, que deram uma chance à história dessa pessoinha desconhecida e me fizeram rir e chorar com seus comentários. Cada um de vocês tem minha eterna gratidão!

E, claro, a você que leu até aqui e que se emocionou com a história de amor de Marina e Antonio. Obrigada!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

#GratidãoSempre

NACIONAIS - ACHERON



Sobre a autora

J. Marquesi é uma faz-tudo de 32 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

poder mostrar suas histórias a alguém.

NACIONAIS - ACHERON



Entre em contato com a autora em suas
redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu
comentário nas redes sociais e na Amazon
indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Notas

[[←1](#)]

Nota da autora: as *Penthouses* são sete suítes do Belmond Copacabana Palace, na cobertura, cada uma com 100m² de área, terraço e piscina privativa.

[←2]

Nota da autora: Dorival Caymmi (Salvador, 30 de abril de 1914 – Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2008). O nome da personagem é Marina Morena, inspirado na música Marina, de 1947.

[←3]

Nota da autora: usei a palavra camareira em português, e não *Room Maid*, para criar um som parecido ao da sigla VIP – Very Important People.

PERIGOSAS

[←4]

Nota da autora: Mini Cooper.

NACIONAIS - ACHERON

[←5]

Nota da autora: *Quão profundo é seu amor?... É como o oceano? Qual devoção é a sua?*

[[←6](#)]

Nota da autora: Calvin Harris feat. Rihanna, 2016.

[[←7](#)]

Nota da autora: *Querido, foi para isso que você veio. Um relâmpago cai toda vez que ela se mexe, E todos estão assistindo ela, mas ela está olhando para você... você... você.*

[[←8](#)]

Nota da autora: *Eu digo: “Vamos para sua casa”,
quando sairmos.*

PERIGOSAS

[[←9](#)]

Nota da autora: Universidade Cândido Mendes.

NACIONAIS - ACHERON

[←10]

Nota da autora: Ordem dos Advogados do Brasil, cuja aprovação no exame nacional é obrigatória para exercer a advocacia. Os graduados em direito recebem o título de Bacharel; somente após a inscrição na OAB é que são, efetivamente, advogados.

PERIGOSAS

[[←11](#)]

Nota da autora: DJ Snake feat. Justin Bieber, 2016.

NACIONAIS - ACHERON

[[←12](#)]

Nota da autora: Shaw Mendes, 2016.

[[←13](#)]

Nota da autora: “Chief Human Resources Officer” –
Diretor de Recursos Humanos.

[[←14](#)]

Nota da autora: *Layla*, música de Eric Clapton e Jim Gordon, 1970.

[[←15](#)]

Nota da autora: “Chief Communications Officer” –
Diretor de Comunicação.

[[←16](#)]

Nota da autora: Batata *Rösti* ou batata suíça – babata crua ou cozida ralada, frita e recheada.

[[←17](#)]

Nota da autora: "Chief Product Officer" – Diretor de Produtos.

[[←18](#)]

Nota da autora: cerveja belga, *Strong Ale*.

[[←19](#)]

Nota da autora: “Chief Operating Officer” – Diretor de Operações.

PERIGOSAS

[[←20](#)]

Nota da autora: *Tapete Vermelho*.

NACIONAIS - ACHERON

[[←21](#)]

Nota da autora: “caralho”, em italiano.

[[←22](#)]

Nota da autora: “mamãe” e “papai”.

[←23]

Nota da autora: *O show deve continuar. O show deve continuar, sim, sim. Oh, por dentro meu coração está se partindo, minha maquiagem pode estar dissolvendo, mas meu sorriso continua – The show must go on, Queen, 1991.*

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

PERIGOSAS

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[Antonio](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

[Notas](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON